

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E GESTÃO**  
**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

**JOÃO FRANCISCO SARNO CARVALHO**

**DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A**  
**RESSOCIALIZAÇÃO DE RECUPERANDOS EM UMA UNIDADE**  
**PRISIONAL DO SUL DE MINAS GERAIS**

**ITAJUBÁ - MG**

**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E GESTÃO**  
**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

**JOÃO FRANCISCO SARNO CARVALHO**

**DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A**  
**RESSOCIALIZAÇÃO DE RECUPERANDOS EM UMA UNIDADE**  
**PRISIONAL DO SUL DE MINAS GERAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

**Área de Concentração:** Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento e Sociedade.

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta.

**Agosto de 2016**

**Itajubá**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E GESTÃO**  
**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

**JOÃO FRANCISCO SARNO CARVALHO**

**DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A**  
**RESSOCIALIZAÇÃO DE RECUPERANDOS EM UMA UNIDADE**  
**PRISIONAL DO SUL DE MINAS GERAIS**

Dissertação aprovada por banca examinadora em 02 de agosto de 2016, conferindo ao autor o título de **Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade**.

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta  
Prof. Dra. Denise Pereira de Alcântara Ferraz  
Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

**Itajubá**  
**2016**

## DEDICATÓRIA

### Dedico esta obra

*A Deus pelos dons da vida e do conhecimento.*

*A Nossa Senhora da Saúde, que esteve do meu lado durante toda a recuperação e me abençoou fazendo chegar ao final deste curso.*

*Aos meus pais Geraldo e Walderez pelo amor, cuidado, carinho e apoio incondicional durante toda a minha vida.*

*Ao meu irmão João Pedro e à minha cunhada Simony pela compreensão, carinho e paciência.*

*Ao meu avô Pedro Mafra, meu maior mestre, que do céu sempre me acompanha e me abençoa com suas orações.*

## AGRADECIMENTOS

Aos *mestres* Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta e Prof. Dr. Adilson da Silva Mello por sonharem e conseguirem construir um curso de pós-graduação contra hegemônico e voltado aos novos rumos do desenvolvimento e das tecnologias na Unifei.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta pela amizade, pela paciência, pelo respeito, pelos momentos de descontração e por sempre me dar a liberdade de opinião e de posicionamento.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pelas contribuições para a realização deste trabalho e para a minha formação docente.

Aos meus colegas de curso e companheiros de GEPE Desenvolvimento e Ciências Sociais por dividirem comigo seus sonhos e angústias que só a pós-graduação pode trazer.

Aos meus padrinhos Luiz Dalmo, Walquíria e José Campos, Famílias Sarno e Carvalho e aos amigos Felipe Reis, Hudson Riolino e família, Guilherme Rancanti, Rodrigo Melo, Raul Pinheiro, Juninho Iramir, Elifas Sandy, Edson Wander, Fernando Santucci, Itajugalo e Galo Old School e também para a Myrian pelo carinho, paciência e incentivo na reta final.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta, Prof. Dr. Rogério Rodrigues, Profa. Dra. Neide Maria Almeida Pinto, Profa. Dra. Denise Ferraz e Prof. Dr. Régis de Toledo Souza pela dedicação, paciência e ajuda e também a toda equipe da Unifei por construírem um ambiente cada vez melhor para o ensino, a pesquisa e a extensão.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG, ao Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Demanda Social pela concessão da bolsa.

Meu muito obrigado a todos!

*“[...] Não perca a força e o sonho.  
Não deixe nunca de acreditar que tudo  
vai acontecer!”*

*Eduardo Faro*

**CARVALHO, J. F. S. Desenvolvimento e Políticas Públicas: A ressocialização de recuperandos em uma unidade prisional do Sul de Minas Gerais.** 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Instituto de Engenharia de Produção e Gestão, Universidade Federal de Itajubá, Itajubá.

## **Resumo**

A proposta deste trabalho circunscreve-se ao tema do desenvolvimento, levando-se em consideração ampliações de liberdades substantivas e cidadania. Discute-se o processo de ressocialização de recuperandos realizado pela Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) situada no município de Pouso Alegre, na região sul de Minas Gerais. Justifica-se, uma vez que o crescimento do espaço público não-estatal na gestão de políticas públicas prisionais emerge no Brasil em que cresce a demanda de intervenção do Estado, em conjunto com a sociedade civil organizada e governo. Objetiva-se apreender qual o significado dado pelos atores sociais envolvidos acerca das políticas públicas desenvolvidas na unidade da APAC em Pouso Alegre. Do ponto de vista metodológico, utilizou-se documentos da instituição e ferramentas antropológicas, por exemplo, a observação participante em um evento pilar do método APAC de ressocialização, a Jornada de Libertação com Cristo. Na sistematização parcial dos dados, a partir da opinião dos atores sociais envolvidos, existem diferenças entre as políticas públicas prisionais geridas pelo terceiro setor e pelo Estado quando se abordam os métodos e técnicas de ressocialização. Entretanto, embora estejam em conformidade com as legislações vigentes no Brasil, as políticas públicas prisionais geridas pelo terceiro setor baseiam-se na lógica da eficiência gerencial e motivações religiosas como nessas técnicas de ressocialização.

## **Palavras-chave**

Desenvolvimento; Políticas Públicas; APAC; Ressocialização; Organizações públicas não-estatais.

**CARVALHO, J. F. S. Desenvolvimento e Políticas Públicas: A ressocialização de recuperandos em uma unidade prisional do Sul de Minas Gerais.** 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Instituto de Engenharia de Produção e Gestão, Universidade Federal de Itajubá, Itajubá.

### ***Abstract***

The purpose of this work is limited to the issue of development, taking into account expansion of substantive freedoms and citizenship. It discusses the rehabilitees of resocialization process carried out by the Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) located in Pouso Alegre municipality in the southern region of Minas Gerais. It is justified, since the growth of non-state public space in the management of correctional public policy emerges in Brazil growing state intervention demand, together with organized civil society and government. The objective is to learn what the meaning given by the social actors involved about public policies developed in the unit APAC in Pouso Alegre is. From a methodological point of view, we used documents of the institution and anthropological tools, for example, participant observation in a pillar event APAC method of rehabilitation, the Liberation Day with Christ. In partial systematization of data from the opinion of the social actors involved are differences between the prison public policies managed by the third sector and the state when addressing the methods and rehabilitation techniques. However, albeit in compliance with the laws in force in Brazil, prison policies managed by the third sector are based on the logic of managerial efficiency and religious motivations as these rehabilitation techniques.

### ***Keywords***

*Development; Public Policy; APAC; Resocialization; Non-state organizations.*



## LISTA DE SIGLAS

APAC: Associação de Proteção e Assistência aos Condenados

APAC-PA: Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de Pouso Alegre (MG)

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRS: Centro de Reintegração Social

CSS: Conselho de Sinceridade e Solidariedade

DEPEN: Departamento Penitenciário Nacional

DTecS: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade

FBAC: Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

LEP: Lei de Execução Penal

MG: Minas Gerais

ONG: Organização Não Governamental

ONU: Organização das Nações Unidas

PIB: Produto Interno Bruto

PFI: *Prison Fellowship International*

PPG: Programa de Pós-Graduação

PPP: Parceria Público-Privado

UNIFEI: Universidade Federal de Itajubá

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Centro de Reintegração Social Dr. Mário Ottoboni (APAC-PA).....	29
Figura 02 – Esquematização do 1º dia da Jornada de Libertação com Cristo.....	54
Figura 03 – Disposição dos recuperandos durante palestra proferida na Jornada.....	55
Figura 04 – Banheiro da cela do Regime Fechado da APAC-PA.....	57
Figura 05 – Cela do regime fechado da APAC-PA.....	58
Figura 06 – Esquematização do 2º dia da Jornada de Libertação com Cristo.....	63
Figura 07 – Esquematização do 2º dia da Jornada de Libertação com Cristo.....	63
Figura 08 – Escolaridade da população prisional brasileira.....	72
Figura 09 – Porco no rolete produzido pelos recuperandos da APAC para o almoço na Jornada.....	73
Figura 10 – Produção de Pães na Padaria da APAC-PA.....	73
Figura 11 – Produção de Pães na Padaria da APAC-PA.....	74
Figura 12 – Esquematização do 3º dia da Jornada de Libertação com Cristo.....	75
Figura 13 – Esquematização do 4º dia da Jornada de Libertação com Cristo.....	85

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Apresentação do objeto de estudo.....	13
A trajetória de pesquisa: percursos metodológicos e processos investigativos.....	17
Estrutura da dissertação.....	24
1. POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO: O Caso das APACs.....	25
1.1. Reflexões Teóricas Sobre Aprisionamento, Ressocialização e APACs: contextos.....	25
1.2. A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados: contextualização.....	27
1.3. Finalidades de Aprisionamentos.....	35
1.4. Os Problemas Sociais: violência e o sistema carcerário.....	37
1.5. O Sistema Carcerário: recorte histórico e as tendências de atuação privada no setor.....	40
1.6. O Desenvolvimento e o Estado: perspectivas de gestão e de políticas públicas.....	44
2. A MINIMIZAÇÃO DO ESTADO: O Método APAC.....	52
2.1 Outras respostas da observação de campo.....	90
Considerações Finais.....	96
REFERÊNCIAS.....	102
Literaturas Utilizadas.....	110
APÊNDICE A - Músicas citadas no texto e utilizadas na Jornada de Libertação com Cristo.....	111
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista com Mário Ottoboni.....	123

## Introdução

A proposta, dentro dos estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), foi executada na linha de pesquisa Desenvolvimento e Sociedade<sup>1</sup>. Enfoca a temática das políticas públicas prisionais como um instrumento de desenvolvimento social para além das questões econômicas. Desta perspectiva é que se trata o processo de ressocialização de detentos, tomando como referência as ações promovidas pela Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) da cidade de Pouso Alegre, sul de Minas Gerais.

Trata-se de um esforço do coletivo de pesquisadores que participam do projeto de maior amplitude do orientador denominado de *Desenvolvimento, Imaginário e Sociedade*, em que a proposição se dá com a intenção de se vincular aos distintos estudos em desenvolvimento do PPG DTecS, bem como com a prerrogativa de contribuir na consolidação de produções acadêmicas voltadas ao fomento do desenvolvimento, em seus diferentes rumos, para além de suas vertentes econômicas.

O desenvolvimento não se limita apenas ao crescimento econômico<sup>2</sup>. No interior do PPG DTecS, as discussões inerentes ao desenvolvimento se expandem por outras áreas na promoção de um campo de reflexões de maior amplitude e de caráter interdisciplinar para abordar o tema<sup>3</sup>, o qual assume perspectivas de regional, local, social, cultural, ambiental, no sentido de subsidiar ações que promovam aumento das liberdades individuais e coletivas. Em outros termos, intenciona-se constituir um banco de informações que possa trazer subsídios para possível avanço da sociedade, como um todo, a partir de ferramentas para sustentar a formulação de agendas de políticas públicas, ações e projetos que façam frente às urgências de nossa realidade social.

O esforço visa a refutar o tema desenvolvimento dentro dos conceitos normatizadores e meramente econômicos, estes consolidados na lógica da sociedade industrial. Busca-se o fortalecimento das interfaces que evidenciam o desenvolvimento social e ambiental, entendendo ambiente enquanto espaços de relações sociais e de sociabilidades, e também

---

<sup>1</sup> Também compõe as pesquisas circunscritas ao Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão (GEPE) Ciências Sociais e Desenvolvimento.

<sup>2</sup> A leitura da obra *Desenvolvimento como Liberdade* de Amartya Sen (2000) permite o entendimento do desenvolvimento além da perspectiva econômica.

<sup>3</sup> As discussões sobre desenvolvimento são pautadas nas leituras realizadas no Grupo de Pesquisa Ciências Sociais e Desenvolvimento, especificamente a partir do texto “Tendências do Desenvolvimento” (PIMENTA, 2014).

permite a compreensão de outros elementos aparentemente distantes da lógica econômica: o processo de ressocialização de condenados desencadeado pelo trabalho de uma associação. Promover uma leitura da realidade da associação inserida em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais, APAC, se faz pertinente no campo temático do Desenvolvimento.

Na introdução, para melhor entendimento da proposta, o texto será apresentado em três partes: *apresentação do objeto de Estudo; trajetória da pesquisa: percursos metodológicos e processos investigativos; e estrutura da dissertação*. Ressalta-se que a proposta de estudar os processos de ressocialização de recuperandos<sup>4</sup> desencadeados pela APAC de Pouso Alegre, pode, inclusive, permitir um melhor diálogo entre Estado e Sociedade na formulação de Políticas Públicas e na promoção do desenvolvimento do social.

## **Apresentação do Objeto de Estudo**

No tocante às legislações em vigência no Brasil, referentes ao tratamento para condenados, especificamente sobre o processo de ressocialização, estão embasadas nas regras mínimas para o tratamento de prisioneiros propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, isso está expresso na lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, instituída como Lei de Execução Penal (LEP), a qual tem como preceito fundamental a ressocialização do preso por responsabilidade do Estado.

O artigo 11 da LEP determina que é obrigação do Estado prover ao condenado assistências: *materiais* (alimentação, vestuário e condições higiênicas), de *saúde* (atendimento médico, farmacêutico e odontológico), *jurídica* (destinados aos que não possuem recursos financeiros para constituir advogado), *educacional* (instrução escolar e formação profissional e estabelecimento de biblioteca nas unidades prisionais), *social* (preparar e amparar para o retorno à liberdade) e *religiosa* (permissão de participação em cultos e missas e obtenção de livros religiosos). Compete ao Estado a devida assistência ao egresso com orientação e apoio para reintegração da vida em liberdade e, caso necessário, na concessão de alojamento e alimentação por um período de dois meses.

Dropa (2011) aponta, em seu estudo, que a efetivação dessas normativas não é contemplada na realidade prisional brasileira. Os artigos propostos no texto da lei não são contemplados em plenitude. Não há, por vários motivos, os quais serão identificados no primeiro capítulo do trabalho, a devida atenção a todas as demandas garantidas em

---

<sup>4</sup> No sistema *apaqueano*, aprisionado é denominado recuperando em vez de detento, preso ou recluso. Daqui em diante, essa denominação será utilizada.

Constituição e nas legislações pertinentes, como a Lei de Execução Penal. Essa situação se agrava quando a sociedade formula em seu imaginário social a concepção do que venha a ser prisioneiro e constitui um conjunto de estigmas à condição de ser preso<sup>5</sup>.

Castro (2004, p. 4) expõe esta situação ao dizer que “[...] a incapacidade de cumprir-se os objetivos propostos pela Lei de Execução Penal que contempla, entre outros preceitos, a reeducação e a ressocialização - integração social harmônica do preso -, é evidente”. Reeducar e ressocializar são processos que indicam a ação de fazer novamente, ou refazer o que foi feito de maneira insuficiente, sem grandes pormenores, o processo de educar e socializar.

No limite, o processo civilizador (ELIAS, 1990) ou o projeto moderno de exterminar a barbárie (MICHAUD, 1989), pode-se afirmar que a socialização promovida pelo Estado não foi suficiente e capaz de minimizar os efeitos da violência ou das manifestações de violência contra pessoa, patrimônio e sociedade.

O ato de reeducar merece reflexão. Reeducar implica nova socialização do indivíduo. Aqui, esse conceito é apropriado de Peter Berger e Brigitte Berger (1975), os quais definem socializar como “[...] o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade” (BERGER; BERGER, 1975, p. 204). Os autores trazem à tona a socialização como um processo dependente de variáveis e que se inicia na infância com influência dos indivíduos que circundam a criança e dos agrupamentos aos quais estes indivíduos pertencem. A socialização realiza-se influenciada pelos valores, pelas religiões, pelo Estado, pelas linguagens presente na cultura, constituídas nas características e caracterizações de cada sociedade.

Para a jurista Capeller (1985), o conceito de ressocialização, diferente dos autores acima, está no campo do desenvolvimento das ciências comportamentais. Expressa um universo da ciência positivista do direito, a qual é refletida pela dicotomia entre ideologia e repressão. Capeller (1985, p. 131) trata o “[...] discurso da ressocialização, que é, em seu substrato, o retreinamento dos indivíduos para a sociedade do capital. Nesse sentido, o discurso dos “bons” no alto de sua caridade, é o de pretender recuperar os “maus”. No discurso da autora, as ciências jurídicas abordam a ressocialização com o sentido de reintegração social dos detentos, mesmo que de forma moral, cívica, visa a camuflagem do castigo e da violência que é monopólio do Estado.

Para ampliar a definição de ressocialização, Fuzatto (2008) e Oliveira (2008) trazem outros conceitos. Para Fuzatto (2008, p. 23), a ressocialização é um “[...] processo de

---

<sup>5</sup> Ver o trabalho “Do Cárcere à Rua: o percurso e o método” de Milton Júlio de Carvalho Filho (2009).

socialização secundária, mas que deve ser feita levando em conta todos os problemas existentes na socialização primária dos detentos”. Na visão de Oliveira (2008, p. 32), ressocializar é “[...] tornar o ser humano condenado novamente capaz de viver pacificamente no meio social, tendo um comportamento harmonioso com a conduta aceita atualmente”. Todavia, a eficácia do processo de ressocialização é questionável, bem como as ferramentas existentes para seu suporte. Em Foucault (2014, p. 241), na disciplina dos corpos dóceis, no sentido de desempenhar processos de socialização na lógica da sociedade industrial, viu-se que “[...] o aparelho carcerário recorreu a três grandes esquemas: isolamento e hierarquia; força de trabalho e cura e normalização. Grosso modo, a cela, a oficina e o hospital”.

O método da APAC, em termos de ressocialização, não se desloca dessas perspectivas, mas coloca em pauta diferentes processos de ressignificação da prisão para além do papel do Estado na condução de políticas de ressocialização. Questionar as metodologias deste processo, Estatal ou não estatal, pelo fato de serem permeadas pela disciplina, trabalho, isolamento e obediência à hierarquia, além das relações de poder, coloca em cena a eficácia do sistema prisional e das modalidades existentes de privações de liberdades e aprisionamentos.

As regras de ressocialização estão postas e permeadas pelas legislações em vigência no Brasil. Há dessemelhança entre teoria e prática. Da perspectiva da APAC, entidade privada sem fins lucrativos, Ottoboni (2001) aponta que o sistema penitenciário vigente faz com que o criminoso, ao se inserir nas prisões e cumprir sua pena, sai mais preparado para cometer crimes do que recuperado para o convívio em sociedade. Essa transformação se dá por diversos fatores, como o abuso da violência física por parte dos agentes penitenciários e outros presos, pelo convívio do prisioneiro com pessoas diferentes, estranhas e que cometeram diferentes crimes num ambiente desagradável, a falta de estrutura física dos presídios, a superlotação e a ociosidade que gera a troca de conhecimentos e ideias acerca do crime.

Estudar o método APAC é colocar em questão o papel das ONG's e associações da iniciativa privada na condução de políticas públicas de responsabilidade do Estado. Traz, subjacente, o questionamento da eficácia do gerenciamento dos presídios. Essa leitura, por meio do significado atribuído pelos atores sociais envolvidos no processo de ressocialização desenvolvido na unidade da APAC-PA, não parece ser suficiente para dirimir a questão da eficiência ressocializadora do Estado ou de que a APAC pode se traduzir num modelo satisfatório de ressocialização. Contudo, a partir das dinâmicas de funcionamento do método de ressocialização, traduzidas na Jornada de Libertação com Cristo, nas manifestações de

atores sociais envolvidos, do contexto sociopolítico de minimização do papel do Estado e das intencionalidades das tecnologias de controle corpo difundidas pelo judiciário brasileiro, pode-se entender um pouco melhor a tensão entre Estado e Mercado, Público e Privado e eficiência e ineficiência.

É o que se espera explorar ao longo do trabalho para que se possa trazer uma contribuição e ampliar a discussão do tema, processo de ressocialização, a partir do método de ressocialização da APAC-PA, servindo como subsídio para novas e outras promoções de políticas públicas prisionais, mesmo que privadas, que atuem em concordância com a Lei de Execução Penal e as demais leis em vigência no Brasil.

Dentro desse processo, tem-se como tema o processo de ressocialização de presos, circunscrito na perspectiva de estudar os fundamentos que compõe o método APAC. Por outro lado, não se pode perder de horizonte o sistema jurídico penal brasileiro e as relações com o desenvolvimento social e humano.

A leitura dos fundamentos que compõe o método APAC impõe ao pesquisador responder à pergunta/problema que direciona este trabalho: qual o significado que os atores sociais envolvidos atribuem à Jornada de Libertação com Cristo, uma estratégia do método APAC de ressocialização? A partir desse questionamento, cabe problematizar: as relações entre a violência e o sistema carcerário, levando em consideração o contexto e a realidade social atual; as dimensões entre desenvolvimento e políticas públicas prisionais; e o método de ressocialização da APAC.

A pergunta formulada foi elaborada com base nas leituras teóricas sobre aprisionamento, ressocialização e método APAC, uma vez que este se constitui dentro de um conjunto de técnicas utilizadas na lógica de religiões cristãs, as quais configuram uma dimensão de significado que se inscreve para além do corpo do recuperando.

As atividades desenvolvidas dentro do método apaqueano são carregadas de significados que tem um grau de complexidade no sentido de capturar os seus sentidos. Dentro desse universo, optou-se por utilizar-se da antropologia, em termos de observação, participação, diálogos e registro dessas informações registradas em caderno de campo.

A pergunta de pesquisa impõe alguns entendimentos. De forma geral, se pretende, para capturar os significados do método APAC, entender os fundamentos deste método. Impõe também trazer à luz quais os significados presentes no processo de ressocialização, tomando como referência os discursos, as falas e as manifestações dos recuperandos e dos agentes que atuam na ressocialização. Impõe, ainda, uma leitura sistematizada dos documentos que dão fundamentos ao método da APAC.



Dito de outra forma objetiva-se, apreender os fundamentos que estruturam a atividade Jornada de Libertação com Cristo, no processo de ressocialização desenvolvido pela APAC-PA e, de forma específica, identificar, nos procedimentos jurídico-políticos, como o método utilizado pela APAC-PA propõe diferenciar das ações das prisões públicas, sendo esta de caráter privado, bem como identificar os significados atribuídos pelos atores envolvidos no processo de ressocialização, agentes e presos, à unidade prisional, enquanto instância de privação de liberdade.

Parte-se da hipótese de que o significado atribuído pelos atores sociais envolvidos com a associação é a de que o trabalho se faz importante e distante da realidade do encontrado nas penitenciárias brasileiras. Reverbera-se a apreensão de que esse processo promova novos condicionamentos sociais, inscrevendo, no corpo do detento, da instituição e da proposta, formas de inserção no social. Trata-se de modelo panóptico que propõe, a partir da disciplina, modelizações de corpos e de mentes, adequando-os à sociedade e tornando-os úteis. Esse processo se descreve a partir do estado permanente de visibilidade gerado pelo panóptico que possibilita o funcionamento e a manutenção do poder na unidade prisional (FOUCAULT, 2014).

## **A trajetória de pesquisa: percursos metodológicos e processos investigativos**

Na busca de resposta à pergunta que norteia esta discussão, o objeto de estudo se configura em face do processo de ressocialização de recuperandos realizado pela APAC, unidade de Pouso Alegre.

Em termos metodológicos, serão desconsideradas as demais unidades existentes no sistema APAC presentes no Brasil e em Minas Gerais. Em Pouso Alegre, MG, há duas unidades da APAC, destinadas a atender as demandas prisionais da região, sendo uma masculina e outra feminina. Também existe um presídio mantido pela subsecretaria de administração prisional do Estado de Minas Gerais. Contudo, o estudo apresentado refere-se somente à APAC masculina da cidade de Pouso Alegre, MG.

A escolha da APAC-PA se deu pela proximidade da instituição com a Universidade Federal de Itajubá, pela facilidade de acesso aos dados e informações e pelo investimento da justiça mineira pelo programa Novos Rumos da Execução Penal na unidade de Pouso Alegre.

Outra justificativa pela escolha da unidade de Pouso Alegre se dá pelo processo de implantação da unidade da APAC em Itajubá não estar concluído.

Do ponto de vista temático, realizou-se pesquisa em banco de dados para a construção da revisão bibliográfica. Foram utilizadas as ferramentas de busca do *Google Acadêmico*, do diretório de grupos do CNPq e dos periódicos da CAPES. Encontraram-se 21 estudos sobre os temas APAC e ressocialização, abordados em diferentes aspectos, sendo oito artigos científicos, seis dissertações de mestrado, quatro monografias de conclusão de curso e três teses de doutorado que discorrem nas áreas do saber: jurídico, social, educacional, administrativo, político, antropológico, da psicologia e da música. A leitura dos trabalhos demonstrou uma lacuna de informações que transcendam os campos citados anteriormente, por isso se faz necessário olhar o problema de forma interdisciplinar e focado na voz dos envolvidos. Em outros termos, é necessária uma pesquisa que aborde a visão dos atores envolvidos com o trabalho de ressocialização, que possa atribuir outras formas de resignificação do papel do preso da perspectiva da política pública desenvolvida pela Associação de Proteção e Assistência aos Condenados.

O método APAC consiste em 12 fundamentos: 1. *participação da comunidade*; 2. *recuperando ajudando o recuperando*; 3. *trabalho*; 4. *religião*; 5. *assistência jurídica*; 6. *assistência à saúde*; 7. *valorização humana*; 8. *família*; 9. *serviço voluntário*; 10. *centro de reintegração social (CRS)*; 11. *mérito*; e, 12. *Jornada de Libertação com Cristo*. Investigar todos esses fundamentos não seria viável diante do prazo de integralização da dissertação nem seria viável, também, pela possibilidade de descaracterizar o foco da pesquisa. Após observação de campo e inserções de aproximação, fez-se prudente optar por um dos fundamentos do método, especialmente aquele que a entidade atribui mais energia para sua efetivação: a *Jornada de Libertação com Cristo*<sup>6</sup>.

Na abordagem de um dos elementos que compõe o método de ressocialização do *apaqueano*, a *Jornada de Libertação com Cristo*, pode-se capturar todas as intencionalidades socioculturais e políticas do processo e da APAC de Pouso Alegre, MG.

A ideia inicial era a de realizar uma etnografia, nos moldes clássicos, em que o pesquisador vivenciaria a situação de preso da APAC ou frequentaria, semanalmente, durante o segundo semestre de 2014 e o ano de 2015, a unidade para, na condição de “nativo”, coletar as observações necessárias que o campo forneceria. De pronto, essas possibilidades foram

---

<sup>6</sup> Essa escolha leva em consideração a fala do idealizador do método da APAC, o qual fala que a *Jornada* é o ponto alto da metodologia de ressocialização.

descartadas, em face das próprias características do sistema prisional e das exigências da CAPES.

Desconsidera-se com totalidade a aplicação de etnografia, justificando que não há tempo hábil para a construção de uma pesquisa etnográfica. Em Ramos (1999), vê-se que a etnografia necessita de um ritmo descontínuo de visitas curtas em um longo período de tempo. A técnica etnográfica de pesquisa permite a descrição das sociedades humanas e depende de contato com o objeto de pesquisa para realizar observação, análise e reconstituição. Além disso, Marconi e Presotto (2001) defendem que a etnografia exige a pesquisa exaustiva, o que também inviabiliza a sua aplicação para esta pesquisa. Desse modo, a observação participante foi então a técnica metodológica, extraída da antropologia, que inspirou o processo de pesquisa qualitativa deste trabalho.

A saída foi, pelo curto espaço de tempo para a realização da pesquisa no mestrado, insistir na opção da aproximação com a direção da unidade e, por meio desta, utilizar o instrumento de coleta de dados da antropologia: a observação participante. As atividades da observação seriam aquelas que tivessem aberturas para tanto.

A metodologia aqui utilizada empresta conceitos de autores como Angrosino (2009), Bourdieu (1997), Mynaio (2004) e Phillippi Junior e Silva Neto (2011), mas não se baseia somente nestes conceitos. É na relação do pesquisador no campo de pesquisa que se abre espaço para a construção de novos saberes.

Para cumprir a proposta de identificar os significados atribuídos pelos atores envolvidos com o processo de ressocialização, utilizou-se dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação, registro em caderno de campo e os diálogos informais. Todos com a pretensão de capturar, de forma espontânea, o que está por dentro das técnicas de ressocialização.

Já para galgar o objetivo de compreender os procedimentos jurídico-políticos de valorização do método utilizado pela APAC-PA, em diferentes nuances de políticas públicas, buscou-se realizar leitura específica da área, entrevista com o idealizador do método APAC e leitura e entendimento de documentos oficiais da instituição.

Utilizou-se de máquina fotográfica para registro da estrutura física e arquitetônica da unidade, bem como de alguns aspectos da jornada, com a finalidade de demonstrar o cuidado que a APAC tenta em manter uma estrutura de funcionamento, adequada, dentro da realidade do sistema prisional brasileiro.

A pesquisa foi realizada por meio de inserção no Centro de Reintegração Social Dr. Mário Ottoboni, unidade APAC-PA (Pouso Alegre), mediante autorização, por escrito, da

direção da unidade, para visitas e utilização dos dados coletados. Foram realizadas visitas nos meses de junho, julho e agosto de 2014 e participação na Jornada de Libertação com Cristo, ocorrida em 21 a 24 de agosto de 2014. No ano de 2015, em face de necessidade de informações adicionais, retornou à unidade para novas observações e questionamentos informais com a direção da casa, por duas oportunidades nos meses de junho e agosto.

As informações coletadas na APAC, na visão do pesquisador, careciam de características mais precisas quanto às intencionalidades do método, a partir da concepção do seu mentor. Assim, foi realizada uma entrevista com Mário Ottoboni<sup>7</sup>, mentor do método APAC e autor de obras como: *“Ninguém é irrecuperável: APAC: a revolução do sistema penitenciário”*; *“Parceiros da ressurreição: jornada de libertação com Cristo e curso intensivo de conhecimento e aperfeiçoamento do Método APAC, especialmente para presos”*; e *“Vamos matar o criminoso? Método APAC”*. A entrevista, do ponto de vista do método APAC e da Jornada de Libertação com Cristo, foi esclarecedora sobre o papel da dinâmica cristã e das dimensões simbólicas a serem inscritas no corpo e nas identificações do aprisionado.

Durante a jornada, em observação participante, o pesquisador se caracterizou como voluntário e teve as mesmas condições de alimentação e alojamento dos recuperandos em regime aberto. Na condição de recuperando, o quarto de dormir ou as acomodações dos participantes externos foram as celas, semelhantes às dos detentos. A disposição da unidade prisional da APAC é semelhante às prisões brasileiras, contendo celas gradeadas. A diferença é a de que as celas são mantidas limpas e conservadas pelos próprios recuperandos que ali habitam. Destaca-se que não há a presença de agentes penitenciários. As camas, no formato de beliche, eram de alvenaria e confortáveis, dentro daquela lógica e arquitetura. Dentro dessa ambiência, passaram-se quatro dias de intensa atividade em que as falas capturadas eram carregadas de sentimentos, sofrimentos, dores, dramas, arrependimentos, verdades e mentiras.

A observação direta foi registrada em caderno de pesquisa de campo, no sentido de visualização das dimensões simbólicas e da produção dos sentidos no interior daquele lócus de relação. Foi o caso das imersões em campo com maiores frequências e em maiores quantidades de tempo.

Conforme dito anteriormente, o pesquisador se fez membro da jornada e participou do encontro assumindo o papel de voluntário, que se responsabiliza em acompanhar os recuperandos após cada palestra e estimulá-los ao debate dos temas proferidos anteriormente.

---

<sup>7</sup> Mário Ottoboni possui 84 anos de idade, e recebeu o pesquisador para a entrevista em sua residência no município de São José dos Campos (SP).

Aproximando das sugestões de Angrosino (2009), realizou-se o movimento da observação participante, na qual o pesquisador se infiltra no meio, buscando conhecer mais sobre o objeto e a sua participação de comum acordo entre os envolvidos, sem interferência de qualquer tipo de estranhamento.

Esclarece que a participação como voluntário na jornada aconteceu, exclusivamente para que os recuperandos e os participantes da jornada não desenvolvessem desconfiança com o pesquisador no ambiente carcerário. Após as atividades da jornada, o pesquisador sai de campo e retoma o seu papel, em que passa a elaborar os registros de campo dentro de cuidados metodológicos e éticos, preservando ao máximo o bom uso das informações coletadas.

A observação foi realizada com intervenções do pesquisador para alimentar e promover o diálogo, mas nunca houve a intenção de se induzir respostas ou conduzir o rumo da conversa. A proposta inicial foi de que se deixasse falar de modo natural, descontraído. Não houve preocupação com exageros nas falas e os registros de falas não foram realizados com gravador ou câmera, mas em caderno de campo. O foco dos registros foi a dinâmica do método ressocializador, a partir do viés dos atores envolvidos na Jornada de Libertação com Cristo.

Investigar o processo ressocializador, suas dimensões ligadas ao desenvolvimento às políticas públicas e a sociedade mostra-se uma aposta pertinente a ser realizada no campo interdisciplinar do conhecimento, fato que justifica a elaboração de uma metodologia de pesquisa a ser construída de maneira a juntar conhecimentos oriundos de diversas disciplinas.

Phillippi Junior e Silva Neto (2011, p. 95) mostram que “[...] existem outras questões, outras problemáticas, que não emergem da própria dinâmica das disciplinas, mas nascem das interrogações formuladas pelas sociedades”. Para eles, essas questões a serem investigadas são “[...] necessidades de conhecimento que não podem ser identificadas e problematizadas apenas por um olhar científico”. O tema estudado impõe um olhar interdisciplinar, a construção, com essa característica, não pode ser feita “segundo meramente algumas “receitas metodológicas”” (PHILLIPPI JUNIOR; SILVA NETO, 2011, p. 70).

Do ponto de vista da coleta dos dados, apropria-se e utiliza-se dos instrumentos da antropologia, tais como: observação participante, registro de caderno de campo, identificação das alteridades e estranhamentos presentes no processo de ressocialização e as produções de sentidos verbalizados pelos envolvidos neste processo. Do ponto de vista da análise dos dados, faz-se uso das indicações, no texto compreender, de Bourdieu (1997).

O termo “compreender”, utilizado nesta pesquisa, é resultado da leitura da metodologia de Pierre Bourdieu (1997), em que o autor estabelece os critérios de coleta e análise de dados de pesquisa, levando em consideração o campo de tensão das relações de poder travadas em diversas áreas das relações sociais. Neste contexto, em “compreender”, buscou-se caracterizar os percursos inerentes às intencionalidades desta investigação. Equivale dizer que, em “compreender”, o autor mostra os cuidados que o pesquisador deve ter na condição de sujeito pesquisador, com dados, pistas, para maneiras de aproveitar as informações de campo, as quais esta pesquisa segue e adota.

As escolhas e dos critérios de análise aproximou-se da sugestão do “Compreender” de Bourdieu (1997), contida no livro “A Miséria do Mundo”. Para além dos cuidados epistemológicos, ressalta o cuidado ético-metodológico no tratamento do material coletado, uma vez que se privilegiou evitar a relação determinada pela suposta superioridade entre pesquisador e pesquisado, sobretudo quando se tem o que Bourdieu (1997, p. 695) chama de “dissimetria social”. Num ambiente hostil, evitar discrepância de comunicação faz com que o pesquisador reveja prováveis posições sociais, morais, psicológicas e simbólicas de superioridade sobre o pesquisado. Equivale afirmar que os registros das falas das discussões em grupos após as palestras foram feitos durante a noite, distante de qualquer contato com detentos ou demais atores envolvidos com a Jornada.

Já os registros das falas de todos os voluntários palestrantes na Jornada foram realizados durante as palestras. O pesquisador se colocou no fundo do auditório do regime fechado, local onde todas as palestras foram realizadas, sentado em uma mesa reservada para a equipe de preparação do evento, e ali pode registrar as falas em caderno de campo para posterior análise.

Aqui, de maneira interdisciplinar, se procura apropriar dos conhecimentos oriundos da sociologia, ao se discutir o processo de socialização; da antropologia, ao se construir a metodologia de pesquisa e utilizar-se da técnica de observação participante, acrescentando conhecimento no campo da história ao realizar um recorte dos presídios no Brasil e das aplicações das técnicas da ressocialização já no Brasil Imperial; das ciências jurídicas, ao discutir o conceito de ressocialização; e da administração pública, para poder dissertar sobre as questões inerentes aos processos de ressocialização, políticas públicas, violência criminal, gestão social e sociedade. Essas questões sociais necessitam da junção de diferentes conhecimentos para serem devidamente abordadas.

Antes que se fosse elaborada a metodologia deste trabalho, preocupou-se com as questões éticas que envolvem a pesquisa em uma unidade prisional ao se relacionar com recuperandos, voluntários, funcionários e outros atores envolvidos.

Do ponto de vista ético, buscou-se evitar tensões que gerassem problemas ao analisar os resultados e a conduzir a pesquisa. Bourdieu (1997) ressalta a importância das questões epistemológicas do conhecimento e reflete sobre os cuidados metodológicos que o pesquisador deve ter ao realizar o seu trabalho. Destaca-se a necessidade de se evitar “a fidelidade a velhos princípios metodológicos que são frequentemente decorrentes”, livrando-se de padronizações procedimentares e a atenção à relação entre pesquisador e pesquisado, preservando-se a simetria social, sobretudo quando o pesquisador ocupa uma posição social superior à do pesquisado (BOURDIEU, 1997, p. 693).

Esses preceitos relatados por Bourdieu (1997) se mostram importantes quando a pesquisa se dá em um ambiente carcerário e quando se tem contato direto com a população que ali habita. Nesse ambiente, há o que se denomina de dissimetria social e, para isso, cuidados foram tomados para a realização da pesquisa.

Outro aspecto importante é que “[...] é o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo” (BOURDIEU, 1997, p. 695). Deve-se “reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele” (BOURDIEU, 1997, p. 695). O autor relata esses cuidados para o pesquisador ao realizar entrevistas em sua pesquisa.

Aqui, uma entrevista foi realizada, e esses cuidados indicados pelo autor foram apropriados para evitar os efeitos que as induções podem gerar na pesquisa. Por isso, quando se reuniu com os recuperandos para observá-los e captar seus sentimentos, falas, angústias e demais características, foram feitas duas perguntas para dar início ao diálogo: *a) O que vocês acharam da última palestra? b) Qual momento mais marcante da fala do último palestrante?* Esses aspectos serão aprofundados no capítulo que aborda a ida ao campo no ambiente penitenciário.

Na jornada, participou de todos os eventos realizados nos quatro dias, observando os acontecimentos e relatando por meio de registros escritos, com caneta esferográfica em diário de campo e pela utilização de câmera fotográfica para captura de imagens. Mas, sempre atento ao que disse Malinowski (1973), indicando que o etnógrafo deve deixar de lado, de vez em quando, a máquina fotográfica, o lápis e seu caderno de campo e participar pessoalmente da situação que está acontecendo no momento da pesquisa.

Na saída de campo, após coleta dos dados empíricos, uma vez que a instituição prisional propõe outras demarcações corporais, não pautadas na racionalidade da ordem

moderna, entendeu-se por necessário trazer os conceitos teóricos de Foucault (2014), especificamente as questões da constituição das docilidades corporais, para colaborar na leitura do material extraído da Jornada de Libertação com Cristo. Portanto, esse autor tem um papel de destaque na leitura dos dados coletados.

Serviram, também, como fonte de inspiração, os conceitos de Mynaio (2004), que sugerem que a aproximação e a imersão no campo de pesquisa podem ser simplificadas com o conhecimento prévio do ambiente a se inserir e dos sujeitos a serem estudados. Isso ocorreu pelas visitas que o pesquisador realizou anteriormente na unidade da APAC com a intenção de se explorar o ambiente a ser pesquisado e ganhar a confiança dos atores sociais envolvidos.

## **Estrutura da dissertação**

Por fim, esta proposta de dissertação se divide em duas partes:

A primeira, contextualizadora, a qual coloca em questão a realidade da sociedade brasileira na perspectiva das teorias do desenvolvimento, dentro do campo das políticas públicas, especificamente das questões prisionais, demonstrando as intenções do trabalho das APACs, a partir do exemplo de Pouso Alegre e da metodologia de ressocialização, bem como exhibe suas aplicações em unidades que atendem recuperandos e recuperandas.

A segunda explora as informações sobre a unidade de Pouso Alegre e a organização da Jornada de Libertação com Cristo que foi acompanhada para a realização desta pesquisa. Ocorre a aproximação ao método APAC e às teóricas privilegiadas pelo pesquisador, cuja escolha visa questionar o método APAC, em que traz a questão da tensão produzida entre políticas públicas prisionais e condução privada dessas unidades prisionais. De caráter empírico, resgata falas, manifestações e entrevistas registradas em campo.

A Jornada, lugar em que se extraiu toda a informação registrada no caderno de campo, foi composta por voluntários, vinculados às igrejas católicas e evangélicas, juiz de direito da comarca local da vara de execução penal, outros recuperandos que já haviam cursado a jornada em outra oportunidade, funcionários da gerência da unidade de Pouso Alegre e membros da Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC) que prestaram suporte nas atividades ressocializadoras.

A partir destes elementos, teoria, pesquisa de campo e análise dos dados coletados, espera-se contribuir para a compreensão não só do método APAC e suas intencionalidades,



mas, sobretudo, entender os processos de minimização do Estado e privatização de deveres de responsabilidade constitucional do Estado.

Dentro desse escopo é que se propõe tecer as considerações sobre a relação aprisionamento, recuperação e sistema prisional.

## **1. POLÍTICAS PÚBLICAS PRISIONAIS E DESENVOLVIMENTO: O caso das APACs**

Este capítulo se propõe a refletir sobre o processo de ressocialização realizado pelo trabalho da APAC-PA, entidade de iniciativa privada. Faz-se necessário trazer para a discussão questões pertinentes à violência prisional, relacionadas com a concepção e o investimento do Estado de Minas Gerais em unidades da APAC. Concomitante, não se distancia do conceito de desenvolvimento, em suas bases do social e de sustentabilidade, termos pensados neste trabalho. A pertinência da estratégia corrobora com a possibilidade de identificar a transferência de responsabilidades de políticas públicas estatais para a iniciativa privada. Portanto, aproxima-se das discussões sobre o papel do Estado na gestão ou na regulação deste processo, sem perder de vista o Estado, o desenvolvimento, a administração pública, as políticas públicas e a gestão social.

### **1.1 Reflexões Teóricas Sobre Aprisionamento, Ressocialização e APACs: contextos**

As punições para os criminosos com a utilização de tortura, flagelamento, decapitação e suplício percorrem a história da humanidade há séculos. Exemplos clássicos por meio de torturas que resultaram em mortes como forma de punição ocorreram na revolução francesa, nas duas grandes guerras mundiais e em inúmeras ditaduras pelo mundo. A punição no viés da agressão ao corpo permaneceu recorrente por séculos e seguindo as sugestões de Foucault (2014, p. 13), a partir do século XIX, “[...] desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal”.

Neste movimento de abandonar o corpo como alvo da repressão penal e deixar de lado as técnicas de flagelamento, entra em cena a punição pelo castigo. Para Foucault (2014, p. 20), a partir da adoção e implementação da técnica da reclusão, o enfoque da pena é dado

“[...] não mais no suplício, mas toma como objeto a perda de um bem ou de um direito”. Retira-se o direito do criminoso de usufruir de liberdades e ainda há para Foucault (Idem) “[...] complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra...”.

Surgem as prisões e o objeto da punição não é mais “[...] o corpo, mas a alma, o coração, o intelecto, as vontades...” (FOUCAULT, Op. Cit., p. 21) do condenado.

Todo esse aparato montado para punir o que não tem mais como objeto da punição o corpo tem um objetivo. Na judicialização da pena, a partir da interferência do Estado, o processo de punir é feito não somente com a intenção de se castigar os indivíduos e retirar as suas liberdades, mas o objetivo é a cura dos criminosos (FOUCAULT, 2014).

Da Costa e Pimenta (2006, p. 36) lembram que o “Estado passa a deter, de forma cada vez mais intensa, o papel principal na organização da sociedade”, papel que é consolidado pelos mecanismos de controle do Estado e também pelas instituições estatais. Entre diversas instituições do Estado, o presídio se faz exemplo. Ainda para Da Costa e Pimenta (2006, p. 36), essas instituições do Estado “[...] atuaram como lugares limitadores de excessos corporais e, dentre suas várias funções, ficaram responsáveis por socializar somente expressões corporais permitidas”.

Dentro deste escopo, os presídios surgem sob a tutela do Estado com a necessidade de se retrainar os indivíduos e inseri-los na sociedade de mercado. A busca, por meio de heterogêneas técnicas de ressocialização, é pela cura do indivíduo.

Com o advento das ciências e com a interdisciplinarização da pena que, para Foucault (2014), é modelada com base em pareceres de médicos, psicólogos, educadores e juízes, a quantidade de estudos que debatem essa problematização se mostra relevante na atual sociedade que necessita lidar com inúmeros entraves referentes às questões dos problemas sociais e da gestão das penitenciárias.

O estudo de Rodrigues (1995) acerca da privatização de prisões brasileiras aponta a crise do sistema penitenciário que não consegue ressocializar o apenado e convive com problemas de maus tratos, superpopulação, condições deficientes de trabalho, más condições de higiene, consumo e comercialização de drogas, corrupção, falta de atendimento médico e corrupção dos sujeitos envolvidos.

A coletânea “Prisões numa abordagem multidisciplinar”, de (COELHO; FILHO, 2012) realiza um recorte diverso sobre questões prisionais, crimes, abordagens históricas e gestões de presídios, com o processo da globalização e da atuação do terceiro setor.

Na pesquisa dos estudos que já abordaram as APACs e as diferentes nuances que o tema pode envolver, foram encontrados, nas ferramentas de pesquisa do *Google Acadêmico* e do Diretório de Grupos do CNPq, os seguintes estudos: Massola (2005), que tratou do limite de ação da APAC sobre as políticas públicas prisionais, com um enfoque na unidade de Bragança Paulista (SP); Castro (2004), que abordou a ressocialização dos detentos a partir da utilização da arte-educação; Dos Santos Vale (2012), que realizou uma comparação entre uma unidade escolar em um presídio gerido pelo Estado e uma unidade escolar em uma APAC; Fuzatto (2008), que pesquisou socialização em uma unidade prisional convencional e uma unidade da APAC; e Oliveira (2008), que fez análise da convergência entre a Lei de Execução Penal e o Método APAC.

Esses trabalhos foram importantes para, aos poucos, colaborarem com a elaboração das escolhas teórico-conceituais e das construções dos argumentos que fomentam a coleta e a interpretação dos dados levantados.

A leitura destes trabalhos, compreendidos no “estado da arte”, foram importantes para verificar a necessidade de se abordar a temática do método APAC das seguintes perspectivas: a gestão das políticas públicas prisionais geridas pelo terceiro setor, a relação entre a ressocialização e o desenvolvimento e qual o significado que os atores sociais envolvidos atribuem ao método APAC de ressocialização. Os aspectos que este trabalho propõe se diferenciam dos demais já realizados.

## **1.2 A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados: contextualização**

Em Minas Gerais, a APAC foi instaurada a partir da lei nº 15.299 de 9 de agosto de 2004, que acrescentou o inciso VIII à lei nº 11.404 de 25 de janeiro de 1994, que rege sobre as normas de execução penal no Estado. Então, é autorizado o convênio entre as entidades de direito privado sem fins lucrativos para a administração de unidades prisionais destinadas ao cumprimento de pena privativa de liberdade. Atualmente, são 94 unidades da APAC em Minas Gerais, somando-se as unidades em funcionamento e em implantação (OLIVEIRA, 2012).

A APAC, que servirá como cenário do objeto de estudo, classifica-se como APAC do Grupo II, atende recuperandos apenas do sexo masculino e se localiza no município de Pouso

Alegre, sul de Minas Gerais, sendo responsável por atender toda a sua Comarca<sup>8</sup>. Com uma população de 140.223 habitantes, a cidade é a segunda mais populosa da mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas. Destaca-se também um dos indicadores desenvolvimentistas, o seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), mensurado em 0,774, considerado alto. E, em sua economia, os setores de serviços e indústria ganham destaque pela diversidade, fator que faz a cidade ter o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) da região, com o valor de R\$ 3,408 bilhões (IBGE, 2014).

Segundo dados institucionais, a APAC foi fundada na Comarca de Pouso Alegre no ano de 2003. De 2004 a 2007, a instituição cooperou com a Polícia Civil, auxiliando-a na administração da casa do albergado. Em 2008, iniciou as suas atividades com gestão própria e sem intervenção da polícia. A APAC-PA exerce suas atividades em parceria com a vara de execuções penais da Comarca de Pouso Alegre e é legitimada sua atuação pela Lei Municipal nº 4.262/2004, que atestou a instituição como de interesse público no município. Hoje, a APAC-PA conta com colaboradores e voluntários trabalhando em sua sede denominada Centro de Reintegração Social (CSR) Dr. Mário Ottoboni, que está inserida em um imóvel rural em Pouso Alegre às margens da rodovia MG 290 (APAC, 2013).

A APAC-PA possui, em suas dependências, 3 alas, sendo uma para os que cumprem pena em regime fechado, outra para o regime semiaberto e outra para o regime aberto. A sede administrativa, que gerencia também a unidade feminina, compõe a estrutura do local. No prédio administrativo da unidade, há salas reservadas para atendimento jurídico aos recuperandos, sala reservada pra reuniões, salas para as diretorias de produção, desenvolvimento humano e finanças e, também, um ambiente para que o juiz da vara de execução penal atue na unidade quando desejar.

Na composição da estrutura física da unidade, há também oficina de laborterapia, padaria e confeitaria, escola, biblioteca, cozinha, oficina de mecânica e funilaria, oficina de marcenaria, oficina de serralheria, sala para formação de cabelereiros, sítio com produção diversificada de alimentos e criação de porcos. Na ala do regime fechado, existe uma enfermaria com seis leitos e um consultório dentário equipado para atendimento.

Na atualidade, são cerca de quinze voluntários trabalhando na APAC e trinta e dois empregados registrados pela unidade no sistema da Consolidação das Leis do Trabalho, estruturados hierarquicamente por 1 superintendente, 3 diretores (finanças, produção e desenvolvimento humano), 1 advogado, 1 nutricionista, 1 assistente social e vinte e cinco

---

<sup>8</sup> A Comarca de Pouso Alegre abrange os municípios de Congonhal, Estiva, Senador José Bento e os distritos de Pântano das Rosas e São José do Pântano (TJMG, 2014).

outros profissionais que são pagos por subsídios enviados pelo governo de Minas Gerais, pela prefeitura municipal de Pouso Alegre e pelos recursos da própria instituição que arrecada com as comercializações de artesanatos, pães, porcos e outros produtos.

Os voluntários são encarregados de atendimento médico e odontológico por meio de convênios com as universidades do município e também voluntários ligados às igrejas católicas e evangélicas. Os empregados cuidam das demais atividades administrativas do sistema.



Figura 01 – Centro de Reintegração Social Dr. Mário Ottoboni (APAC-PA).  
Fonte: Dados da pesquisa.

O debate acerca desta metodologia de ressocialização e sua implementação como política pública pode permitir a ampliação de liberdades e de dimensão de oportunidades. No sentido da gestão das APACs, são organizadas por classificações dadas pela FBAC, que seguem a seguinte estruturação:

O Grupo I é aquele que as APACs têm o Centro de Reintegração Social (CRS) com a administração realizada pela entidade, sem concurso de polícias Civil, Militar e agentes penitenciários e com total aplicação do método *apaqueano* de ressocialização.

O Grupo II é aquele que as APACs administram o Centro de Reintegração Social (CRS) em prédio próprio, alugado, do Estado ou anexo à cadeia pública, sem o concurso de polícias Civil, Militar e agentes penitenciários e com aplicação parcial do método *apaqueano* de ressocialização.

O Grupo III é aquele que as APACs estão em fase de implantação, estudo ou em fase de construção do Centro de Reintegração Social (CRS), sendo que algumas das APACs do

Grupo III desenvolvem parcialmente o método apaqueano de ressocialização em cadeias públicas (OLIVEIRA, 2012).

Com o ideal de estabelecer melhores condições de cidadania para os presos do presídio de Humaitá e inspirado nas ações da Pastoral Penitenciária<sup>9</sup> e no Movimento de Cursilhos de Cristandade,<sup>10</sup> foi criada, por Mário Ottoboni (2001) e um grupo de voluntários, a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). A iniciativa começou inspirada pelo Movimento de Cursilhos de Cristandade da Igreja Católica Apostólica Romana, no qual Ottoboni sentiu-se motivado a ajudar o próximo baseado em seus ideais cristãos. Nos primórdios, o trabalho deu-se na cadeia de Humaitá em São José dos Campos (SP)<sup>11</sup>, que vivenciava um momento de má administração, rebeliões e problemas constantes (OTTOBONI, 1997). A associação foi fundada em 18 de novembro de 1972 com o nome “Amando o Próximo, Amarás a Cristo (APAC)”, que posteriormente manteve a sigla e modificou-se para Associação de Proteção e Assistência aos Condenados<sup>12</sup>.

O trabalho de ressocialização criado pelos atores sociais envolvidos com a APAC foi “expandido pelo mundo e inspirou metodologias de ressocialização com influências cristãs nos Estados Unidos da América e no Reino Unido” (Burnside *et al*, 2005, p. 2, tradução nossa). Entretanto, o método APAC “[...] diferencia-se dos outros métodos cristãos de ressocialização aplicados em presídios no Reino Unido e nos Estados Unidos da América pela sua maior autonomia (Burnrnside *et al*, 2005, p. 7, tradução nossa). Essa autonomia é dada pela gestão total da penitenciária que, no caso das APACs, recebe do Estado “somente” os subsídios para funcionar. Já nos outros países, de acordo com Burnside *et al* (2005) não há esse tipo de prática.

A sua atuação se dá em 25 países: Antígua e Barbuda, Austrália, Belarus, Bulgária, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Estados Unidos da América, Equador, Kirzquistão, Látvia, Lituânia, México, Moldova, Nigéria, Nova Zelândia, Paquistão, Paraguai, Rússia, Senegal, Uganda, Ucrânia, Uruguai e Zimbábue (OLIVEIRA, 2012).

No Brasil, a APAC consiste em uma entidade civil de direito privado, com personalidade jurídica própria, dedicada à recuperação e reintegração social dos indivíduos condenados a penas privativas de liberdade. Amparada pela Constituição Federal para atuar

---

<sup>9</sup> Pastoral vinculada à Igreja Católica. Anteriormente chamada de Pastoral Carcerária.

<sup>10</sup> Consiste em um curso de peregrinação, com duração de três dias, que foi criado por jovens católicos e teve início em Palma de Maiorca, na Espanha, nas décadas de 1930 e 1940, durante a Guerra Civil Espanhola. Posteriormente, foi difundido em outros países, inclusive o Brasil.

<sup>11</sup> São José dos Campos pertence à Mesorregião do Vale do Paraíba Paulista; sua população estimada é de 688.597 mil habitantes, com IDH de 0,807 considerado muito alto (IBGE, 2016).

<sup>12</sup> Informações obtidas da revista “APAC em Revista” edição de abril de 2014.

nos presídios, possui estatuto resguardado pelo Código Civil e pela Lei de Execução Penal. Tem como finalidade promover a humanização das prisões, sem perder de vista a finalidade punitiva da pena. Seu propósito é evitar a reincidência no crime e oferecer alternativas para o condenado se recuperar<sup>13</sup>.

No mundo, as APACs são apoiadas pela mesma organização que dá suporte às APACs no Brasil, a Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados que assessora as associações no exterior na implantação do método e, também, pela *Prison Fellowship International* (PFI) órgão consultivo da Organização das Nações Unidas (ONU) para assuntos penitenciários (OLIVEIRA, 2012).

A ação da APAC na atualidade se dá em dezessete estados brasileiros: Minas Gerais, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins (OLIVEIRA, 2012, p. 26).

A instituição pauta-se pela frase “Matar o Criminoso e Salvar o Homem”, no sentido figurado de acabar com o criminoso, permanecendo o homem, como ser e cidadão. Para dar conta desta proposta de transformar o preso em cidadão, a APAC, pela concepção de presídio de seu fundador, construiu 12 pilares de intervenção, os quais compõem a metodologia interventiva da entidade. Faz-se necessário para o entendimento das diferenças de ressocialização promovida dentro do sistema penitenciário gerenciado pelo Estado e a APAC. Reverbera-se que o método tem um forte apelo no campo da caridade cristã, o que reforça ainda mais a importância de se estudar a Jornada de Libertação com Cristo. A título de ilustração, serão explicitados os 12 fundamentos do método APAC, devidamente localizadas suas definições, com a intenção de demonstrar os modos de atuação da entidade.

**Participação da comunidade:** o método APAC necessita da participação da comunidade por meio do trabalho voluntário e de parcerias com instituições de ensino, igrejas e outras entidades. Faz importante também a sensibilização da comunidade na qual o centro de reintegração social está inserido com vistas à conscientização sobre os problemas inerentes ao sistema penitenciário como um todo. Ressalta-se que a Lei de Execução penal, em seu artigo 4º, dispõe que o “Estado deverá recorrer à cooperação da comunidade nas atividades de Execução da Pena e da medida de segurança” (LEP, 1984, art. 4º).

---

<sup>13</sup> Há outras experiências de APAC no mundo, inclusive literatura a qual compõe o referencial desta dissertação. Contudo, não há exemplos de organização e constituição jurídica das APACs no mundo. Para tanto, requer uma investigação específica em outro momento.

**Recuperando ajudando o recuperando:** na sociedade orientada pelos ideais capitalistas que pregam o individualismo, a meritocracia e a competição, o trabalho em equipe que prevê a cooperação, o respeito e a solidariedade é negligenciado. A partir disso, a metodologia *apaqueana* estimula a ajuda mútua entre recuperandos e aborda, em seu método, o Conselho de Sinceridade e Solidariedade (CSS), que é o órgão auxiliar de administração da APAC, mas que não tem poder de decisão. O CSS é responsável pelo apoio no desenvolvimento das atividades desenvolvidas nas APACs e também busca representar os recuperandos perante a direção para a solução de conflitos e proposição de ideias.

**Trabalho:** na penitenciária, o trabalho é permitido pela Lei de Execução Penal, mas para Ottoboni (2001), o trabalho deve fazer parte das técnicas de ressocialização, mas não deve ser o elo fundamental. Na APAC, o trabalho tem a finalidade educativa e produtiva, sendo dividido entre os regimes fechado, semiaberto e aberto. No regime fechado, o foco é na recuperação, no regime semiaberto, o foco é na profissionalização e no regime aberto o foco é a inserção social.

Ainda dentro do trabalho, no regime fechado, o enfoque se dá na reflexão em função do autoconhecimento e dos relacionamentos intrapessoais e interpessoais. Desse modo, o momento é de descoberta dos valores e, por isso, é recomendado pelo método APAC o trabalho laborterápico no viés da produção de artesanatos para despertar a criatividade do recuperando. A ideia é evitar que a lógica da produtividade industrial, nas óticas taylorista e fordistas, sejam inseridas no trabalho dentro do regime fechado. No entendimento do método apaqueano, no regime fechado, não há espaço para a meritocracia.

Já no regime semiaberto, o trabalho tem um enfoque voltado para a formação profissional, na qual aqueles recuperandos que não têm uma formação profissional devem ter oportunidades de tê-la em oficinas profissionalizantes e cursos técnicos oferecidos pela APAC em parceria com escolas profissionalizantes, institutos federais e outras instituições formadoras de mão-de-obra. A Lei de Execução Penal também favorece as saídas para da unidade prisional para recuperandos que forem estudar fora da unidade.

Outro aspecto a ser ressaltado é que o recuperando que possui qualificação adequada pode auxiliar nos serviços burocráticos da APAC em que cumpre pena. Grosso modo, ressalta-se que, no regime semiaberto, o enfoque é na preparação desse recuperando para a reintegração ao convívio em sociedade. Se houver espaço físico disponível no centro de reintegração social, a APAC também pode criar oficinas de trabalho para que os recuperandos trabalhem na própria unidade.



Por fim, no regime aberto, o método indica que o recuperando que pretende trabalhar fora do Centro de Reintegração Social (CRS) tenha uma profissão definida, compatível com seus conhecimentos e que tenha bom histórico disciplinar, indicando ser preparado para retomar a convivência em sociedade. Desse modo, a associação apoia o trabalho do recuperando e protege a sociedade.

**Religião:** nesta abordagem do método APAC, a religião é explorada pela importância do recuperando ter contato com a valorização humana, os preceitos e os conceitos religiosos. Deve-se atender o artigo 24 da LEP que indica que não pode existir imposição de credo nas unidades prisionais.

**Assistência jurídica:** também atendendo ao cumprimento da LEP, é oferecida assistência jurídica aos recuperandos em condição de vulnerabilidade econômica e que estejam engajados ao método APAC.

**Assistência à saúde:** manter o centro de reintegração social com uma estrutura física em funcionamento adequado, limpa e em conformidade com a sua capacidade de ocupação. Também compreende propiciar toda assistência odontológica, médica, psicológica, lazer e recreação com o ideal de promoção de saúde e a melhoria na qualidade de vida do recuperando.

**Valorização humana:** ao ingressar na APAC, o preso se torna recuperando e deixa de ser chamado de delinquente, meliante, detento ou preso. Ele passa a ser chamado pelo seu nome e busca-se saber a sua história de vida, seus anseios, sonhos e angústias.

**A família:** na APAC, a família é valorizada e determinada como elo de formação humana, na qual o recuperando não perde os laços afetivos, podendo encontrar com seus familiares nas datas especiais como Dia das Mães, Dia dos Pais, Natal, Dia das Crianças onde a APAC recebe os familiares para que seja estabelecido o contato com o recuperando. Além disso, pode-se também escrever cartas e efetuar uma ligação por dia por recuperando para a família. As visitas íntimas com familiares também são permitidas desde que sejam marcadas com antecedência para que não aconteçam inconvenientes relacionados a imoralidade, promiscuidade e outros.

**O serviço voluntário:** na formação voluntária, a APAC se relaciona com o trabalho e o serviço ao próximo. Mas para que o trabalho do voluntário seja eficiente, há um treinamento de formação de voluntários com carga horária de 42 horas que expõe a metodologia APAC e como se trabalhar com recuperandos. Já os funcionários da Administração da APAC não são voluntários e exercem atividade remunerada formalizada pelas leis trabalhistas vigentes no Brasil.

**Centro de Reintegração Social (CRS):** é o estabelecimento prisional que permite a recuperação do ser humano a partir de sua estrutura que possibilita a formação profissional e educacional. A utilização do CRS como ambiente prisional é feita em conformidade com a LEP, que, em seus artigos 91 e 92, permite que o condenado, em regime semiaberto, possa cumprir a sua pena em colônia agrícola, industrial ou similar visando o trabalho e a profissionalização.

**Mérito:** o mérito consiste no conjunto de todas as tarefas exercidas pelo recuperando, bem como as advertências, as eventuais saídas, os elogios e outros eventos que constam no registro de cada recuperando. Todas essas ações são registradas para que seja traçado um referencial de cada recuperando e que será consultado quando houver possibilidade de progressão de regime ou até mesmo concessão de liberdade.

**Jornada de libertação com Cristo:** considerada por Ottoboni (2001, p. 98) o “[...] ponto alto da metodologia”, a Jornada é baseada no Movimento de Cursilho de Cristandade da Igreja Católica, o mesmo que inspirou Mário Ottoboni a trabalhar na ajuda aos condenados, sendo uma adaptação do Movimento de Cursilho para os recuperandos. A diferença se dá em sua elaboração, que é mais extensa do que a do cursilho e tem duração de quatro dias, com o conteúdo formado por palestras, grupos de oração e debates com a intenção de se realizar, em cada recuperando, uma reflexão ética, religiosa, social e humana. Deve ser realizada, uma vez por ano em todas as APACs.

Com base nas observações da Jornada, apropria-se das teorias de Foucault (2014) para apontar o quanto a proposta busca registrar na imaterialidade a memória do recuperando a noção de culpa e responsabilização pelos seus atos, por meio da generosidade e da caridade presentes na lógica cristã. Não se trata de suplício, mas sim de internalizar outras subjetividades que ultrapassam as técnicas de privações corporais e físicas.

Em Ferreira e Ottoboni (2004, p. 31) verificou-se que a elaboração da jornada levou “quinze anos de estudos, análises e estudos com técnicos (psicólogos, teólogos, psicoterapeutas) e com os próprios jornadeiros” na construção das técnicas de ressocialização propostas durante os dias de reflexão.

A dinâmica da jornada se divide em duas etapas: em um primeiro momento, pauta-se na reflexão religiosa em função de Jesus Cristo, suas parábolas e seus valores. Em um segundo momento, pauta-se na reflexão da vida do recuperando, fazendo com que cada um repense seus atos e os sofrimentos causados por eles à sociedade e às suas famílias (OTTOBONI, 2001).

Os procedimentos de ressocialização propostos na jornada seguem orientação pautada no livro *“Parceiros da Ressureição: Jornada de libertação com Cristo e curso intensivo de conhecimento e aperfeiçoamento do Método APAC, especialmente para presos”*, no qual são dados os temas e as ordens de acontecimento das palestras, o cronograma geral do evento, a orientação para a montagem de equipe de voluntários, a indicação das orações a serem realizadas e textos bíblicos indicados para meditação ou apoio para a elaboração de reflexões ou palestras.

### 1.3 Finalidades de Aprisionamentos

A finalidade da APAC é contribuir para que sejam resguardados os direitos humanos e as liberdades civis dos encarcerados. Essa ação corrobora com o ideal de Sen (2000) de instituição instrumento de desenvolvimento de liberdades substantivas<sup>14</sup>. O autor define

as liberdades substantivas incluem capacidades elementares, como, por exemplo, ter condições de evitar privações como a fome, a subnutrição, a morbidez evitável a morte prematura, bem como as liberdades associadas a saber ler e fazer cálculos aritméticos, ter participação política e liberdade de expressão (SEN, 2010, p. 55).

Cabe ressaltar que cada unidade da associação tem gestão autônoma, embora todas sejam filiadas a FBAC – Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados – organização reconhecida como utilidade pública e que orienta e assiste juridicamente as APACs pelo Brasil e pelo mundo (OTTOBONI, 1997).

A APAC atua no lugar do Estado na administração de presídios e conta com a participação da sociedade para a sua administração. Sen (2000, p. 362) contribui para esta discussão ao mostrar que “o comprometimento social com a liberdade individual obviamente não precisa atuar apenas por meio do Estado; deve envolver também outras instituições: organizações políticas e sociais, instituições não governamentais...”.

Dentro dessa lógica, as APACs proporcionam ao condenado a possibilidade de cumprir sua pena em presídio de pequeno porte, com capacidade para, em média, 200 (duzentos) recuperandos, dando preferência para que o cidadão permaneça na sua terra natal e/ou onde reside sua família. Essas lógicas se justificam para que as APACs possam gerenciar

---

<sup>14</sup> Sen (2000) enfoca o seu trabalho na Índia, o que faz a sua teoria não se aplicar em plenitude a nossa realidade. Contudo, podemos pensar a prisão com possibilidade instrumental, em que o indivíduo possa exercer suas liberdades substantivas.

presídios de pequeno porte, na busca pela aplicação total do método e por reduzir os custos de administração prisional. Outro aspecto é que a APAC estimula os familiares do recuperando que cumpre pena em sua cidade natal para que façam visitas nos domingos, nas datas festivas e que também contribuam com a instituição como voluntários.

Essa metodologia tem o ideal de recuperar o criminoso para que ele não se volte contra a sociedade e seja reincidente. Ottoboni (2001, p. 14) traz, em seu discurso, que a “[...] sociedade somente se sentirá protegida quando o preso for recuperado”. E afirma que o Estado e a sociedade têm responsabilidades conjuntas na manutenção de presídios que fabricam criminosos e delinquentes.

A problemática da criminalidade pode possuir parcela de responsabilidade da sociedade, que, em muitos casos, se omite. O atual diagnóstico da crescente criminalidade preocupa pela presença de um Estado que, de acordo com Holanda (1995, p. 176) “[...], necessita de pujança e compostura, de grandeza e solicitude e que tenha componentes que funcionem em harmonia e garbo para ser respeitado e eficiente”.

Nesse caminho, a APAC-PA pode proporcionar oportunidades para que o recuperando consiga ter seus direitos garantidos pelas leis, a partir de sua assistência jurídica gratuita e ainda possa ter a oportunidade de aprender uma profissão, com seus cursos de formação técnica oferecidos em parceria com o *Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial* e o *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais*, para se capacitar no período em que encontra com a sua liberdade privada em função do crime que cometeu.

Embora o recuperando esteja encarcerado, ele pode desfrutar de liberdades, como, por exemplo, de escolha profissional a partir de cursos nos quais ele escolhe o que tem aptidão ou vocação e de uma cidadania que provém direitos, como visitas, banho quente, celas com capacidades respeitadas, refeição balanceada e controlada por nutricionista, atendimento médico e odontológico, que com frequência não são encontradas nos presídios comuns.

A APAC se constitui em unidades com diferentes graus de recebimento do recuperando. Conforme a gravidade do crime cometido é que se estabelecem as condições em adentrar no método APAC. Implica afirmar que a APAC pode receber recuperando que compõem um determinado perfil de pessoas que não têm vínculo com facções, gangues ou entidades do crime organizado.

Esse fato ocorre para evitar rebeliões, resgates ou outras interferências externas que possam atrapalhar a aplicação do método APAC na reeducação dos recuperandos.

A triagem, feita pela APAC de Pouso Alegre, para selecionar os detentos que podem estar aptos a ingressar na unidade é feita do seguinte modo: o primeiro passo é dado pelo recluso que cumpre pena em penitenciária gerida pelo Estado. Ele solicita, de maneira formal, para o juiz da Comarca, um requerimento de remoção para a APAC. Feito isso, é realizada uma entrevista, na qual, um dos diretores administrativos da APAC-PA é acompanhado pelo magistrado na busca de respostas que evidenciem que não há conexão deste preso com facções e que, de fato, há vontade e conhecimento do detento acerca do método APAC e da necessidade de se adequar à metodologia proposta.

## **1.4 Os problemas sociais: violência e o sistema carcerário**

A discussão sobre políticas públicas prisionais, a superlotação dos presídios brasileiros e problemas de ordem administrativa, moral e ética que circundam o sistema têm pertinência com o debate acerca dos problemas sociais e da violência criminal. Não se faz correta uma análise individualizante do sistema carcerário, sem antes vislumbrar um olhar para o social, visto que os problemas encontrados nas penitenciárias brasileiras são também problemas sociais.

A questão prisional não se resolve em uma única linha teórica que justifique os problemas sociais encontrados no Brasil. Estes são multidimensionais e não se atrelam somente às tensões oriundas da problemática entre capital *versus* trabalho. Mesmo com o recente crescimento econômico brasileiro, inúmeros problemas sociais não foram resolvidos. Sen (2000) reforça esta ideia e evidencia que o crescimento econômico não solucionou todos os problemas da sociedade contemporânea capitalista, sobretudo os de esfera social.

Alguns dados ilustram os obstáculos da esfera social no Brasil, que conta com 27,8 milhões de analfabetos funcionais; 6,2 milhões de pessoas desocupadas; 3,5 milhões de pessoas em trabalho infantil (IBGE, 2012, 2015). Esses problemas reverberam em uma sociedade que detém dificuldades em satisfazer suas demandas sociais e, como disse Bauman (2007, p. 106) “[...], tem a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pode realizar ou sonhar” e, para Lipovestky (2004, p. 60), estrutura-se a partir do “[...] efêmero, da renovação e da sedução permanentes”.

Bauman (2007) enriquece esse debate ao trazer que, na sociedade contemporânea, as relações sociais perderam a segurança material demonstrada pelas garantias e estão pautadas pela fluidez que insinua que tudo é instantâneo e líquido.

Outra questão pertinente trata-se da dimensão da juventude, período em que há maior propensão a questionar os valores que a sociedade nos impõe. Pimenta e Costa (2006, p. 85) entendem:

No caso brasileiro, os jovens que vivem em bairros periféricos dos médios e grandes centros, produtos de uma constituição socialmente perversa e excludente, comercializam drogas ou trabalham na rede do tráfico porque elas dão um rendimento significativo em virtude da existência de um florescente mercado consumidor.

Esses percalços enfrentados pela sociedade alimentam o crescimento da violência criminal, mas não se fazem como únicas justificativas. Cabe lembrar que a violência é um tema interdisciplinar, e, segundo Da Costa e Pimenta (2006, p. 9), pode ser abordada na “dinâmica social [...], nas dimensões da criminalidade, do revólver, do sangue, da faca, do corpo, da morte, [...] da perspectiva biológica ou econômica”. Pela pluralidade do que venha a ser violência é que se estabelece a reflexão acerca de seu conceito para se apreender a problemática do sistema prisional, sobretudo diante da realidade presente.

Pensar a violência, ou até mesmo as suas facetas modernas, requer se aproximar do processo de surgimento do Estado moderno (ELIAS, 1990), que construiu os contratos sociais e as regras que pautam as vidas da lógica da cultura ocidental. Outro aspecto que contribui para o entendimento da violência se dá pela noção de que o Estado tem, em seu poder, o monopólio do domínio da violência. Na organização das relações sociais, o Estado moderno se constitui, por regras morais, políticas e por perseguições.

Em tom de argumentação, vê-se, na história da humanidade, registros de guerras, batalhas e lutas por território, por ideologias políticas, por crenças e por padronização de valores. Esse cenário histórico impõe ao Estado a necessidade de tratar diferentes questões sociais. A partir daí, o controle da violência sob o ângulo do Estado (DA COSTA; PIMENTA, 2006).

Entre as diversas categorizações de violência, a violência criminal traz preocupação à agenda pública no Brasil. Em 2012, registrou-se cerca de um milhão de homicídios, levando-se em consideração os últimos 30 anos (WASELFISZ, 2012). Além do homicídio, a quantidade de brasileiros mortos por causa violenta, suicídio, homicídio e acidentes de transporte, registrou a marca de 2.347.048 pessoas, no mesmo período (WASELFISZ, 2014).

O Brasil, país considerado pacífico por não vivenciar em seu território situações de guerras civis ou por disputa de terras ou disputas étnicas e religiosas, atingiu cerca de 206.005 vítimas de homicídio, de 2008 a 2011, número que supera os 12 maiores conflitos armados estabelecidos no mundo entre 2004 e 2007. Equivale ao total de mortes diretas nos 62

conflitos armados ocorridos no mundo durante este período que foi de 208.349 pessoas (WEISELFISZ, 2014).

Esses números não são novos para a sociedade brasileira, mas aguçam a percepção para a problemática do crescimento da violência que, para Menezes (2010, p. 34) é mais sensível, tendo em vista a grande “viralização” que sofrem as ocorrências pela difusão dos meios de comunicação e pela indústria cultural que lucra com esse tipo de informação.

Nesta pesquisa, adota-se a definição de violência descrita por Pimenta (2008, p. 9), uma vez que se apresenta presente na história da humanidade e nas diferentes culturas, mas que, nas sociedades modernas, o Estado dela se apropria para a manutenção da ordem social, ou seja, a “violência é o uso da força sem a devida medida ou em abundância e ela só ganha sentido nas sociedades modernas quando ultrapassa limites socialmente estabelecidos em acordos tácitos, regras ou convenções” (PIMENTA, 2008, p. 9).

Da Costa e Pimenta (2006) abordaram a problemática da violência na realidade brasileira e mostraram a presença desta na configuração do Estado brasileiro sob as óticas do social, do cultural, do econômico e do imaginário. Os autores também exploram a violência citando a ditadura miliar, a violência no campo e a violência urbana que são presentes na formação e na atualidade do Estado brasileiro.

Na visão desses autores, a violência cresce e assusta a sociedade brasileira, atingindo todas as classes sociais e coexistindo por diversos fatores, como a desigualdade social, a pulverização de valores e pela transformação do outro em inimigo. É a sociedade de todos contra todos.

Com o crescimento da violência e com a situação degradante de inúmeras penitenciárias brasileiras, aumenta a demanda por um sistema prisional coeso e estruturado para alocação das pessoas que cumprem as penas privativas de liberdade à luz das legislações vigentes no Brasil.

Nesta configuração de crescimento de violência criminal e problemas com as penitenciárias no Brasil, é que surge a ideia de ressocialização da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC)<sup>15</sup>. Apresenta-se como uma alternativa ao modelo de prisão existente no Brasil. Apoia-se na metodologia de ressocialização de detentos dentro das concepções brasileiras da Lei de Execução Penal e da Constituição Federal.

---

<sup>15</sup> O presídio de Pouso Alegre (MG), situado na mesma cidade em que se encontra a APAC estudada neste trabalho, que é controlado pelo Estado de Minas Gerais, foi interditado pela justiça em 2015 por estar com 163% a mais de presos do que a sua capacidade permite. Na última mensuração divulgada oficialmente a unidade detém 795 homens atrás das grades para as 302 vagas disponíveis (FONSECA, 2015).

## **1.5 O Sistema Carcerário: recorte histórico e as tendências de atuação privada no setor**

Faz-se pertinente um recorte do tema do sistema carcerário brasileiro. Enquanto problema social, o sistema carcerário brasileiro tem seu panorama de gestão envolvido por momentos de tragédias, na corrupção, maus tratos, inclusive pelo tamanho do sistema considerado com a 4ª maior população carcerária do mundo<sup>16</sup>.

No Brasil, a primeira prisão instalada foi mencionada na Carta Régia de 1769 e é denominada Casa de Correção, no Rio de Janeiro (SILVA MATOS, 1885). Desde o período citado, existem registros que confirmam a existência de superlotação e de maus tratos. Ainda assim, já eram discutidas melhorias nas prisões da época (FAZENDA, 1921).

Na abordagem realizada por Trindade (2012), fica claro que a discussão sobre a reforma do sistema prisional brasileiro é histórica, já que, a partir da Lei de 23 de maio de 1821 – assinada por Dom Pedro I, era proibida a manutenção de presos em masmorras, além da proibição de qualquer tormento aos mesmos. Também era determinação constitucional que as cadeias construídas fossem limpas e arejadas e que os infratores fossem separados por um critério simples: o crime que haviam cometido.

Chama a atenção a inauguração em 1861, na Bahia, da Casa de Prisão com Trabalho, construída na periferia de Salvador, com o ideal de ser uma casa com uma nova ideologia de privação de liberdade com reabilitação do condenado a partir da disciplina e do trabalho (TRINDADE, 2012).

Essas técnicas já relatadas na época do Brasil Império são semelhantes aos preceitos discutidos posteriormente por Foucault (2014), quando o autor abordou a fabricação de corpos dóceis a partir do aprisionamento.

Nos séculos XX e XXI, os problemas do sistema carcerário brasileiro persistem e são evidenciados por estudos acadêmicos, obras literárias e filmes como “Carandiru”, “Tropa de Elite II” e “Salve Geral”, que mostram recortes de má gestão de presídios, influência do crime organizado, violência e abuso.

O Presídio do Carandiru merece destaque, ao ganhar fama internacional em 1992, quando ocorreu um massacre que gerou a morte de 111 detentos. Embora a penitenciária do Carandiru seja difundida como uma cadeia que oferecia péssimas condições de instalações,

---

<sup>16</sup> Informações baseadas no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) do Ministério da Justiça (BRASIL, 2014).



gestão e manutenção, há o relato do trabalho executado por detentos na administração da unidade, fato que é permitido por lei, mas que deve ser realizado de maneira planejada, buscando a ressocialização do detento<sup>17</sup>.

Abordagens descritas anteriormente apontaram que a problemática de desrespeito aos direitos humanos, da superlotação e da discussão do modelo do sistema carcerário brasileiro se justificam desde os períodos do Império à República. Na tentativa de solucionar os problemas existentes, o Ministério da Justiça estuda o déficit de vagas no sistema comprovado pelos dados do Relatório do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Esse estudo mostra que a população carcerária brasileira, estimada em 2014, é de 576.012 pessoas, tem na ordem de 240.503, 2012, em todo o território nacional. Essa relação entre oferta e demanda de vagas no sistema prisional brasileiro, em geral, muito se assemelha ao panorama do sistema carcerário mineiro que possui cerca 61.286 presos e uma capacidade máxima de 37.323 vagas por toda Minas Gerais (BRASIL, 2014).

Em contraste com a situação do sistema prisional mineiro, que possui déficit de vagas, as APACs instaladas em Minas Gerais operam com vagas ociosas por todo sistema. Esse fato ocorre por diversas situações, como: falta de conhecimento dos juízes das comarcas de APACs de como o método é aplicado; falta de confiança no método; falta de preenchimento do perfil de recuperando que a APAC procura (não ser vinculado a facções de crime organizado) e outras.

Perante essa situação, o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais enviou, via desembargador, coordenador do programa Novos Rumos, que apoia a expansão das APACs no Estado, um comunicado no qual solicitou uma maior aceitação do método de ressocialização proposto pelas APACs no cumprimento da pena privativa de liberdade. Segundo o desembargador:

Há juízes que ficam receosos, às vezes não querem confiar o preso à Apac por causa do tamanho da pena. Porém estamos orientando todos os magistrados que atuam em comarcas de Apacs que não conseguem 70% de ocupação a autorizar a transferência do preso com rapidez. No cenário atual, cada vaga vale muito para desafogar o sistema (MIRANDA, 2015).

Burnside *et al* (2005, p. 10, tradução nossa) aponta mais um entrave para a expansão do trabalho das APACs ao justificar que “o maior problema das APACs não são os presos,

---

<sup>17</sup> Para um maior aprofundamento sobre o Massacre do Carandiru, recomenda-se a leitura das obras “Pavilhão 9” de Hosmany Ramos (2001), “Estação Carandiru” de Dráuzio Varella (1999) e “Carcereiros” também de Dráuzio Varella (2012). Embora não sejam obras acadêmicas, e sim literárias, os livros Estação Carandiru e Carcereiros fornecem um panorama sobre as condições do maior presídio do Brasil, retratando, pelas narrativas dos livros, histórias que abordam corrupção, violência, dramas e outras.

mas a opinião pública e os gestores públicos que, em muitos casos, tem antipatia ao tipo de trabalho realizado com um público-alvo de delinquência”.

Isso ocorre porque a opinião pública, muitas vezes, trata o delinquente como *lixo da sociedade* e acredita que não deveriam dar oportunidades de reabilitação ou com as mínimas condições de funcionamento e cidadania para os recuperandos (OTTOBONI, 2001).

A sociedade é construída a partir de valores, e a dimensão moral desses valores demarca, estigmatiza a pessoa que tem a experiência da vida no cárcere. Na rua, na família e nas relações, essa marca não sai do corpo do preso, o qual a carrega em suas relações. Por outro lado, as instituições sociais significam e ressignificam esses estigmas (FILHO, 2009). Por essa perspectiva, há pouca crença de que o preso possa recuperar-se e desfazer essas marcas do cárcere, o que ultrapassa as dimensões do imaginário social e se consolida nas instituições, em especial aquelas que são instituídas para reprimir e manter a ordem.

Nessas condições, a problemática fica por conta de se estabelecer a diminuição da violência criminal e, ao mesmo tempo, conseguir gerir os presídios, fazendo-os centros de ressocialização de condenados, como indicam a Lei de Execução Penal e a Constituição Federal, buscando-se diminuir a reincidência e, por consequência, a violência.

Desse panorama, podem-se observar as dificuldades que esse modelo de sociedade, centrado na funcionalidade da ordem social, impõe ao Estado e às relações sociais, um conjunto de dificuldades que perpassam também por gerir o sistema penitenciário.

Pimenta e Alves (2010, p. 10-11) trazem que a tendência de minimização dos espaços de atuação do Estado é latente na sociedade capitalista pós Guerra Fria. Esse modelo de Estado não consegue cumprir com todas as “suas promessas”, nem promover a cidadania, nem atender as demandas sociais.

Dentro desse processo de minimização do Estado brasileiro é que se desloca o papel da gestão das políticas públicas estatais para as empresas privadas ou as entidades sem fins lucrativos. Aqui, encaixam-se as ações e as pretensões do método APAC, enquanto tecnologias e inovações tecnológicas judiciárias, aposta do Poder Judiciário para “eficiência” da ressocialização de recuperandos.

Para compreender essa questão, a explanação de Boron (2003) traz reflexões que tratam das reformas de Estado na América Latina. Para o autor, os Estados latino-americanos foram reformados para se colocarem a serviço do mercado. Boron (2003, p. 34, tradução nossa) entende este fato como “contrarreforma” e indica que os direitos sociais, tais como saúde, educação, seguridade social e segurança não podem ser comercializados, caracterizando a perda de democracia.

Esta pesquisa não tem a intenção de se posicionar sobre qual modelo de gestão de penitenciárias é melhor: o público ou o privado. A intenção aqui é fomentar o debate em torno das políticas públicas prisionais, de maneira geral, e demonstrá-las conforme Pimenta e Alves (2010) ressaltaram a existência de uma filosofia política de reorganização da ordem social, com base em conceito de eficiência e qualidade extraídas das técnicas de mercado, em face da minimização do Estado. Esse processo presente na América Latina é que faz surgir políticas públicas sociais geridas por entidades privadas em substituição ao Estado. Contudo, as gestões privadas não devem distanciar do caráter público e do interesse coletivo <sup>18</sup>.

No Brasil, com a Constituição Federal de 1988, apelidada de “constituição cidadã”, o Estado chama a população para a participação, descentralizando as suas responsabilidades e transferindo-as para as esferas estadual e municipal. Além dessa delegação de poderes, algumas das obrigações do Estado são transferidas para o mercado e a sociedade civil, representada por empresas, ONGs e associações no viés do terceiro setor.

A expansão dessa tendência no Brasil, a partir da reforma do Estado brasileiro, realizada em meados dos anos 90 no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), pauta neoliberal, diminuiu a atuação do Estado na economia e em outros setores (BRESSER-PEREIRA; SPINK, 1998).

Nesse cenário, discute-se acerca dos ideais de gestão pública pautadas nos conceitos capitalistas e neoliberalistas, como a privatização e a parceria público-privada (PPP). Ressalta-se que aqui se faz um recorte para o trabalho de uma associação que administra uma unidade prisional e que realiza o trabalho que seria responsabilidade do Estado. Atualmente, sabe-se que, no Brasil, têm-se presídios geridos pelo Estado, pela iniciativa privada, após privatizações, e pela parceria público-privada. Neste trabalho, enfocam-se as parcerias público-privadas a partir dos trabalhos das Associações de Proteções e Assistências aos Condenados.

As parcerias público-privadas, chamadas PPP, são amparadas, no Brasil, pela lei 11.079/2004, que permite o gerenciamento de estabelecimentos prisionais, com o aporte financeiro do Estado por meio de repasses para a administração desses presídios. Tal movimento também é sustentado pela Lei de Execução Penal, conforme artigo 4º, que mostra: “O Estado deverá recorrer à cooperação da comunidade nas atividades de execução da pena e da medida de segurança” (BRASIL, 1986).

---

<sup>18</sup> A discussão que envolve as políticas públicas e seu caráter público será aprofundada posteriormente.

O primeiro presídio com participação privada do Brasil foi instalado no Paraná no fim dos anos 90 (CABRAL; DE AZEVEDO, 2012). Atualmente, existem 22 penitenciárias que adotam este modelo de gestão no Brasil, nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, Tocantins, Alagoas e Amazonas. Nesse tipo de contrato, geralmente de longo prazo, a empresa privada fica responsável por construção, administração, vigilância interna, lazer, educação e saúde inerentes ao estabelecimento prisional. Em troca, o Estado paga à empresa uma quantia fixa mensal por detento (OLIVEIRA, 2012).

Do panorama do sistema prisional brasileiro, da violência criminal e das políticas públicas prisionais, surge o interesse da pesquisa sobre o ambiente carcerário brasileiro, face o contato com o trabalho realizado por uma associação que ocupa o papel do Estado no gerenciamento de algumas penitenciárias por todo o Brasil.

Tal fato ocorreu pelo processo de implantação de uma unidade da APAC no município de Itajubá (MG) e pelos conhecimentos apreendidos da metodologia de ressocialização aplicada na unidade da APAC de Pouso Alegre. Acrescenta-se também o contato com o diretor de desenvolvimento humano da APAC de Pouso Alegre, iniciado em maio de 2013, o que facilitou o acesso à unidade e aos dados da pesquisa.

Ademais, este tema tem potencial para ser explorado no Brasil, nas esferas interdisciplinares, na busca de análises, soluções e inovações para contribuir com a sua disseminação e a reflexão acerca das políticas públicas prisionais e das metodologias de ressocialização de detentos como instrumentos do desenvolvimento social, vinculado à ampliação de cidadania e liberdades substantivas (SEN, 2000).

## **1.6 O Desenvolvimento e o Estado: perspectivas de gestão e de políticas públicas**

No pensamento econômico clássico, o crescimento das riquezas era vinculado ao desenvolvimento, como demonstraram os autores clássicos *Joseph Schumpeter* e *Adam Smith* ao analisarem em suas obras o crescimento econômico e as transações comerciais. Na atualidade, esse pensamento se torna raso ao analisar o desenvolvimento, já que a compreensão desse tema do prisma econômico não conseguiu solucionar os entraves contemporâneos, como os problemas de ordem ambiental, político e social.

Pertinentes se fazem os campos conceituais da concepção de desenvolvimento, uma vez que as transformações ocorridas a partir das revoluções americana, francesa e industrial,

das grandes guerras mundiais e da guerra fria modificaram os arranjos sociais de maneira rápida. Esse movimento se fez ainda mais forte com o advento da sociedade industrial e tecnológica e os processos de globalização no final do século XX desencadearam transformações visíveis no cotidiano das pessoas, redirecionando as certezas dos papéis atribuídos na modernidade ao Estado, família, religiões, homem e organizações (PIMENTA, 2014).

Sen (2000) contribui para esta discussão e traz uma visão mais ampla ao abordar o desenvolvimento como liberdade. Para o autor, o desenvolvimento deve transcender a acumulação de riquezas e o crescimento de indicadores econômicos. Sen (2000, p. 28) entende que não podemos “[...] desconsiderar o crescimento econômico, precisamos enxergar muito além dele”.

Acrescenta-se a consideração da liberdade como elemento do desenvolvimento, pois a liberdade não é “[...] apenas a base da avaliação de êxito e fracasso, mas também um determinante principal da [...] eficácia social” (SEN, 2000, p. 33).

Em Sachs (2004, p. 13), que trabalha termos de superação das desigualdades e da pobreza, parte-se de abordagem semelhante quando destaca que “[...] os objetivos do desenvolvimento vão bem além da mera multiplicação da riqueza material.” Para esse autor, o crescimento econômico é necessário, mas não primordial para que se atinja uma qualidade de vida melhor para todos.

Deixa-se consignado que a proposta é pensar para além do desenvolvimento econômico, mas não ignorá-lo por completo, concentrando o pensamento em alternativas de desenvolvimento dentro da sociedade pautada no modo de produção capitalista. Vale lembrar que o próprio Sen (2000, p. 30) foi enfático ao afirmar que “[...] a insegurança econômica pode relacionar-se à ausência de direitos e liberdades democráticas”.

Elencar o desenvolvimento à liberdade, Sen (2000, p. 33) disserta que “o êxito de uma sociedade deve ser avaliado [...] segundo as liberdades substantivas que os membros dessa sociedade desfrutam”. Para o autor, quanto mais liberdade os membros da sociedade adquirem, maior a possibilidade de essas pessoas cuidarem de si mesmas, influenciarem o mundo e assim auxiliarem no desenvolvimento da região na qual essas pessoas estão inseridas.

Esse conceito de liberdade substantiva remete, de modo íntimo, ao conceito de cidadania deliberativa e Sen (2000, p. 77) amplia os papéis instrumentais da liberdade, citando também “facilidades econômicas, liberdades políticas, oportunidades sociais,

garantias de transparência e segurança protetora” como inter-relações influenciadoras do processo de desenvolvimento.

Desenvolvimento aqui tratado refere-se à ampliação de cidadania e liberdades vinculadas à dimensão do social e que, para serem asseguradas, necessitam de sinergia entre Estado e Sociedade em um trabalho conjunto, conforme demonstrou Sen (2000, p. 77) “[...] necessitamos de um Estado e uma sociedade que sejam amplos no fortalecimento e na proteção das capacidades humanas”. O autor afirma que o “desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo, com a melhora da vida que levamos e com a liberdade que desfrutamos” (SEN, 2000, p. 29).

Sen (2000, p. 16) abordou que o “[...] desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos...”. Negligência que aqui é abordada quando o Estado repassa a gestão de penitenciárias para a iniciativa privada no papel das APACs.

Para que a sociedade contribua para esse processo, pode-se agir em parceria com o Estado por meio da Administração Pública eficiente com a presença das instituições, associações e organizações não governamentais que podem contribuir para a ampliação e consolidação das liberdades individuais.

Desse ponto, Sen (2000) afirma que não se pode concentrar esforços para o desenvolvimento somente nos detentores do poder. É preciso que a discussão sobre o desenvolvimento seja ampliada, acatando a participação popular que “[...] não é uma bobagem farisaica”. O autor indica que a “[...] ideia de desenvolvimento não pode, com efeito, ser dissociada dessa participação” (SEN, 2000, p. 317).

A participação popular afirmada por Sen (2000) pode ser feita pela sociedade e pelo Estado, por meio de políticas públicas que envolvam o trabalho conjunto do terceiro setor representado pelas associações e Organizações Não Governamentais e o Estado com seus instrumentos de administração, como o Governo e a Administração Pública. No Brasil, a participação pode ser exercida por meio da Gestão Social.

Uma tentativa de definir o que venha a ser Estado se faz pertinente a esta proposta, em diferentes concepções e campos de conhecimento do ponto de vista histórico até a concepção de racionalidade sem, no entanto, se preocupar com uma ordem cronológica.

A formação do Estado perpassa pelo fim do absolutismo e pelo arranjo das relações sociais que culminou na sociedade do padrão de civilidade para o de civilização (ELIAS, 1990). Desse quadro, a racionalidade não estava presente nas concepções do Estado. Por outra

via, o seu surgimento e a influência, nos moldes ocorridos nessa sociedade, definem o seu papel como detentor de formas de violência para a manutenção de uma ordem social.

O pensamento marxista sobre o Estado parte da concepção de que o Estado racional nada mais é do que um aparelho ideológico a serviço do mercado (ALTHUSSER, 1985). Enquanto aparelho ideológico, sua energia se concentra, mesmo em momentos em que a ideia de mercado sobrepõe às suas racionalidades, na manutenção de determinada ordem social.

Weber (2003, p. 19) mostrou que “Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território”. Para a constituição do monopólio da força, o Estado<sup>19</sup> necessita do governo que é a expressão política de comando, de iniciativa, de fixação de objetivos e funções do Estado e de manutenção da ordem jurídica (MEIRELLES, 2004).

Cabe trazer à tona que as funções principais do Estado, segundo Sachs (2004), são a de sistematizar o desenvolvimento, unir os atores sociais e buscar o desenvolvimento sustentável e realizar, por meio de um planejamento estratégico, a sinergia entre o social, o ambiental e o econômico.

Na realização dessas atividades inerentes ao desenvolvimento, a Administração Pública se traduz em instrumento da manutenção da ordem, sendo ferramenta de governabilidade do Estado. Na visão de Meirelles (2004, p. 65), “[...] a Administração é, pois, todo o aparelhamento do Estado preordenado à realização de serviços, visando à satisfação das necessidades coletivas”.

Da Administração Pública, esperam-se instrumentos de gestão que ofereçam aos cidadãos instituições que respeitem os direitos coletivos e individuais previstos na Constituição Federal e nas demais leis existentes no país, visando a ampliar os direitos coletivos e individuais da população para atingir o desenvolvimento em seus diferentes modos.

A discussão sobre Administração Pública se esbarra em duas correntes distintas, uma próxima do mercado e a outra com uma postura mais centralizada no papel do Estado. Elas podem funcionar como motores que propulsionam o desenvolvimento, dentro da administração pública, pelo fomento de políticas públicas<sup>20</sup>, que são abordadas de duas diferentes perspectivas.

---

<sup>19</sup> Juridicamente, o Estado para Sahid Maluf (2010) é responsável pela execução da soberania nacional.

<sup>20</sup> No Brasil, as políticas públicas começam a ser discutidas com intensidade após a reforma da administração pública gerencial realizada no primeiro governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Os Estados não garantem mais os contratos sociais e as propriedades, mas se tornam formuladores de políticas públicas nos campos sociais, científicos e tecnológicos (BRESSER-PEREIRA; SPINK, 1998).

A primeira se dá pela abordagem estadunidense que demonstra o surgimento da discussão das políticas públicas (*Public Policies*) a partir da ciência política no mundo acadêmico e sem nenhuma conexão com os conceitos teóricos do papel do Estado, ao se atrelar diretamente as ações do governo.

A segunda abordagem se caracteriza pela versão europeia, com a ênfase francesa, que demonstra o nascimento das políticas públicas pelas das teorias que explicam os papéis do Estado e do governo, como promotor de Políticas Públicas (*Politiques Publiques*) (SOUZA, 2006).

Guareschi, Comunello e Nardini (2004) definem políticas públicas como o conjunto de ações coletivas voltadas para a garantia dos direitos sociais, configurando um compromisso público que visa a dar conta de determinada demanda, em diversas áreas.

De uma maneira mais resumida, Souza (2006) define políticas públicas como a área do conhecimento que tem o ideal de pôr o governo em movimento, estudar ações, e, se possível, buscar mudanças no caminho destas ações.

Já para Höfling (2001), as políticas públicas podem ser percebidas como a ação do Estado em implementar seu projeto de Governo por meio de roteiros para setores específicos da sociedade e, ademais, cabe ressaltar que não se pode reduzir as políticas públicas somente a políticas estatais, mas sim como políticas formuladas por Estado e Sociedade.

Essa proposição reconhece a minimização do papel do Estado e a entrada de outros atores sociais na gestão e condução das demandas de ordem pública. Expressam as transformações das corresponsabilizações transmitidas pelo Estado ao âmbito privado em ações pertinentes ao setor público ou a administração pública.

As políticas públicas se fazem importantes, por abrangerem a questão das políticas públicas prisionais, no viés das APACs espalhadas por todo país. Mas, como o trabalho de associações privadas, como as APACs, se caracterizam como políticas públicas?

Para os autores defensores da abordagem estatista, a política pública é aquela que a ação é realizada somente pelo Estado por ação direta do governo. Em contraposição, Secchi (2013) entende também as políticas públicas como aquelas que tratam sobre um problema público a ser enfrentado independente da natureza jurídica de quem as formula. Essa abordagem é chamada de abordagem multicêntrica.

Tenório (2007) considera possível que as políticas públicas possam ser formuladas sobre a tutela de sociedade civil e Estado e acredita serem possíveis as parcerias entre o primeiro, o segundo e o terceiro setor em atuação conjunta na esfera pública. Teodósio e



Resende (2014, p. 179) indicam que este cenário se ampliou na reforma do Estado e pela “necessidade de novas formas de gerenciamento da coisa pública”.

Esse diálogo entre o setor público e o setor privado, convergindo interesses para a ampliação de cidadania, é abordado por Borja e Castells (2000), ao elucidarem o afloramento das grandes cidades da América Latina como polos políticos e econômicos no cenário global da nova era da informação. Os autores revelam os seus otimismo para a solidariedade mútua notada entre os setores públicos e privados que juntos dedicam esforços no objetivo de ampliação de cidadanias para toda a sociedade. Para Teodósio e Resende (2014, p. 180), esse movimento ocorre em vistas a tornar “[...] mais ágeis e eficientes o atendimento às demandas sociais”.

Entende-se que essa linha de raciocínio é adequada para esta discussão, uma vez que o trabalho realizado pela associação em conjunto com a sociedade e o poder público é de interesse público com o objetivo de remediar um problema social. Concomitantemente, faz-se necessário repensar os papéis do governo, do Estado e da sociedade na atualidade e, por isso, reforça-se a adoção da abordagem multicêntrica para as políticas públicas prisionais no viés deste estudo.

Para Bresser-Pereira (2002), na proposta da reforma do aparelho do Estado Brasileiro, buscou-se otimizar o Estado, tornando-o menor, mais eficiente e com um atendimento efetivo para as demandas dos cidadãos.

A reforma referenciada teve como objetivo reduzir o tamanho do Estado, limitando suas funções e ampliando o seu poder como apoiador de “organizações públicas não-estatais<sup>21</sup> para a realização de atividades nas quais externalidades ou direitos humanos básicos estejam envolvidos necessitando serem subsidiados...” (BRESSER-PEREIRA, 2002, p. 6).

As organizações públicas não-estatais surgem para atuar em lacunas deixadas pelo Estado e seus trabalhos são permeados pelo diálogo entre três atores que permeiam e legitimam sua atuação: Estado, governo e sociedade. Aqui, adotou-se a nomenclatura de organizações públicas não-estatais na abordagem das APACs; justifica-se essa escolha, pois visualiza-se que essas associações se encaixam de maneira adequada no contexto da terminologia de “público não-estatal” ao não fazerem parte do aparelhamento do Estado e atuarem em gerenciamento de presídios, remediando problemas de interesse público.

---

<sup>21</sup> O conceito de “público não-estatal” foi criado por Wanderley (2015) ao estudar o contexto das Instituições de Ensino Superior no Brasil, sem fins lucrativos, que prestam serviços públicos e pleiteiam recursos públicos por meio de subsídios. No caso, o autor faz uma menção à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e reconhece as necessidades de se expandir os estudos do espaço público não-estatal.

Para Bresser-Pereira (2002, p. 16), as organizações públicas não-estatais são públicas ao se dedicarem ao interesse público e não visarem ao lucro e “não-estatais” porque não compõem o aparelho do Estado. A atuação da APAC, ao gerir penitenciárias, é tratada, na visão do autor, como serviço não exclusivo do Estado, no qual o Estado subsidia as atuações das APACs e repassa o controle desse serviço para a sociedade civil.

Abre-se uma brecha para a atuação de organizações do terceiro setor, aqui organizações públicas-não estatais, em lacunas nas quais o Estado, em sua nova configuração mínima, não atua. Para Cabral (2013, p. 5) o terceiro setor surge como

[...] expressão pública das conjecturas e propósitos sociais que agregam indivíduos comuns de ação sobre as questões sociais, a partir de atitudes e lógicas distintas daquelas realizadas pelo Estado, pelo mercado e pelas comunidades, organizando sociabilidades orientadas para a reprodução de valores e o desenvolvimento de bens de interesse público.

Cabral define o terceiro setor como (2011, p. 2) “[...] espaço racional, no qual lógicas diversas, discursos e racionalidades que emergem do Estado, do setor mercantil e da comunidade, são interconectados por um propósito comum de proteção e desenvolvimento sociais”. A autora também indica a manifestação desse setor em uma “[...] área intermediária de realização de esforços privados projetados sobre a questão social...” (CABRAL, 2011, p. 2-3).

Os esforços compartilhados entre os atores sociais envolvidos com as questões sociais podem ser deliberados pela denominada Gestão Social a partir da concepção que Tenório (1998, p. 19) demonstrou que se trata de

[...] ação deliberativa, na qual o indivíduo deve participar de um procedimento democrático, decidindo, nas diferentes instâncias de uma sociedade e em diferentes papéis, seu destino social como pessoa, quer como eleitor, quer como trabalhador ou como consumidor, ou seja, sua autodeterminação não se dá sob a lógica do mercado, mas da democracia social: igualdade política e decisória.

Tenório (2007, p. 10) também entende a gestão social “[...] como o processo gerencial dialógico no qual a autoridade decisória é compartilhada entre os participantes da ação (ação que possa ocorrer em qualquer tipo de sistema social – público, privado ou de organizações não-governamentais [...])”. Também aponta que a gestão estratégica difere da gestão social, ao passo que a primeira atua determinada pelo mercado e tem um enfoque em resultados e competição e com o lucro como objetivo principal. Já a gestão social é determinada pela solidariedade, sendo permeada pela concordância e o diálogo (TENÓRIO, 2007).

A gestão social é apontada quando se compara seu campo de ação com o da gestão burocrática. Nesse caso, a gestão social transcende o ideal de gestão do mercado ao se propor

uma gestão “[...] dialógica voltada para o interesse público não-estatal e para a realização do bem comum” (CANÇADO; PEREIRA; TENÓRIO, 2015, p. 101).

Cabral (2013, p. 16) amplia esse conceito com inspiração na teoria do espaço público e na ação comunicativa de *Habermas* e afirma que a gestão social considera a “[...] deliberação democrática e se manifesta como gestão aplicada às organizações sociais e a formas de gestão na esfera pública”.

A gestão social possibilita o nascer de organizações, tais como as APACs, associações sem fins lucrativos, componentes do terceiro setor e que na visão de Cabral (2015, p. 50) fazem parte de um sistema de “[...] bem-estar social plural, proporcionado por inúmeros agentes, entre organizações do Estado, da sociedade civil e organizações mercantis. [...] o terceiro setor comparece como uma dimensão do espaço público na sociedade civil [...]”.

Essas parcerias entre os governos e as organizações gerenciadas pela sociedade civil auxiliam na democratização das políticas públicas, podem reverberar na ampliação dos resultados destas políticas em atuações locais (TEODÓSIO, 2001).

Vislumbra-se que a gestão social atua ao intermediar os interesses de Estado, sociedade e mercado com o ideal de representar o interesse público não-estatal. Essas organizações, que tem suas atuações permeadas pela gestão social, auxiliam no processo decisório de formulação das políticas públicas, muitas vezes na busca pela ampliação de cidadania e dos direitos individuais e coletivos.

Desses instrumentos de governabilidade, há de se pensar não somente em políticas públicas prisionais, mas em políticas públicas que possam atingir a dimensão do social, sendo estes problemas vinculados à educação deficitária, à desigualdade social, ao preconceito racial, ao crescimento da violência criminal e tantos outros que são empecilho para o desenvolvimento do Brasil a partir de uma perspectiva igualitária (DOWBOR, 2001).

Ao focar o pensamento na questão social, se faz pertinente a contextualização baseado na percepção de Wanderley (1997) que aponta que a questão social ganha força de discussão na revolução industrial, onde houve pessoas agentes e vítimas desse movimento histórico. Problemas estes que a sociedade moderna não conseguiu solucionar e que se fazem pertinentes e urgentes à convergência de Estado e sociedade na promoção de soluções, sobretudo, na esfera da violência criminal e do sistema carcerário.

É dentro desse quadro de questões que se propõe o entendimento da minimização do papel do Estado e o surgimento de entidades privadas na gerência de questões sociais de responsabilidade do Estado.

## 2. A MINIMIZAÇÃO DO ESTADO: O Método APAC

Proponho, neste capítulo, a análise da pesquisa de campo realizada na Jornada de Libertação com Cristo, constituinte do método APAC de ressocialização. A partir deste relato, coloco em discussão o método APAC e seus novos condicionamentos, em que se evidenciam as intencionalidades das políticas públicas prisionais, no sentido de transferência da responsabilidade do Estado para a sociedade civil organizada.

Entre os doze elementos que compõem o método de ressocialização desenvolvido pela APAC, escolhi<sup>22</sup> a Jornada por entender que poderia dar maior contato com os atores sociais envolvidos e o trabalho de ressocialização, uma vez que a organização do evento envolve a participação de recuperandos, voluntários e colaboradores da associação. Nos dias em que participei, pude conviver com recuperandos e os voluntários em seus momentos de reflexão, oração, debates e descontração. Dividir os mesmos ambientes de refeição, de dormitório, de palestras e de trabalho com todos se mostrou como uma oportunidade de poder ter um contato que me auxiliaria a responder os questionamentos deste trabalho. A escolha da Jornada como cenário da pesquisa era o fato de ter a chance de estarem presente 92 recuperandos, diversos voluntários, representantes do poder judiciário e outros atores sociais envolvidos com o trabalho da APAC.

Desse modo, a minha preocupação era, de fato, como diz Bourdieu (1997), não seguir as padronizações metodológicas, e por isso, não optei pela utilização de questionários e outras técnicas de pesquisa. Munido de caderno de campo e caneta, e com o convite da direção da APAC para participar como voluntário, a minha primeira preocupação se restringiu à entrada no centro de reintegração social, quando utilizei roupas condizentes com o ambiente. Fui orientado pelo diretor de desenvolvimento humano a utilizar os trajes semelhantes aos dos voluntários, funcionários e recuperandos da APAC, vestindo calça, sapato e camiseta.

No começo da tarde do dia 21 de agosto de 2014, entrei na unidade da APAC-PA para participar da II Jornada de Libertação com Cristo da APAC de Pouso Alegre (MG) com o tema “Bem aventurados os que choram”. A jornada teve sua organização na APAC de Pouso Alegre após um hiato de três anos sem edições.

Ao chegar, vi que dois recuperandos estavam sendo levados ao presídio comum e questionei a razão desse acontecimento para um dos funcionários, que me respondeu: “Eles estão retornando ao presídio comum porque extrapolaram a quantidade de advertências na

---

<sup>22</sup> Pela participação no evento, optei em escrever a primeira parte deste capítulo na primeira pessoa do singular, para dar maior proximidade entre o ato de pesquisar e o relato da observação.

APAC”. O Regimento Interno da APAC prevê, em seu capítulo IV, obrigações e consequências para sua infringência. Na seção II, as punições indicam que o descumprimento das normas pode acarretar em perda da progressão de regime e até mesmo transferência para a penitenciária do Estado, perdendo o direito de estar na APAC (OTTOBONI, 2001).

Recordo Foucault (2014, p.128) disse que o propósito das técnicas de correção “[...] não é tanto o sujeito de direito... é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade...”. Vejo que se o recuperando não se adapta às regras propostas pela APAC, ele está fora daquela lógica cristã de correção, tendo como punição o retorno ao presídio gerido pelo Estado e ao conjunto de técnicas aplicadas dentro daquela lógica.

O mesmo funcionário me informou que eu participaria como um dos dirigentes da Jornada. Sendo atribuída a mim a tarefa de acompanhar as palestras e a cada intervalo entre as falas, ir com nove recuperandos para as celas e estimulá-los a conversar e refletir sobre as palavras que tinham ouvido.

Recebi da organização um lanche e estabeleci com os outros voluntários no alojamento destinado aos condenados em regime aberto, escolhi um beliche disponível e organizei meus pertences. Segui para a ala destinada ao regime fechado, onde a jornada aconteceria. Levei meus instrumentos de pesquisa: um caderno de campo, uma caneta esferográfica e uma câmera digital, que serviriam para o registro de dados. Apresentei-me como pesquisador apenas para alguns colegas dirigentes com o ideal de diminuir o estranhamento do pesquisador ao adentrar no campo de pesquisa.

Para os recuperandos, eu era mais um voluntário trabalhando na organização da Jornada. Ao adentrar, fomos encaminhados à sala de laborterapia para conhecer um dos trabalhos artesãos em funcionamento na unidade: o processo de produção de mosaicos feitos com pequenos ladrilhos pelos recuperandos do regime fechado que desenham diferentes formas e temas.

No pátio do regime fechado, vejo homens fumando, jogando damas e aguardando a chamada para o início da jornada. Outros recuperandos auxiliam na organização, na confecção de crachás, na banda e no coral. Às 16h, ouve-se uma música em tom religioso que começa a ser tocada no salão de palestras e os voluntários convidam todos a entrar para dar início à jornada que em seu primeiro dia seguiu a seguinte estrutura cronológica e organizacional:

<b>2ª Jornada de Libertação com Cristo</b> <b>APAC Masculina de Pouso Alegre - MG</b> <b>"Bem aventurados os que choram" (Mateus 5, 4)</b> <b>21, 22, 23 e 24 de Agosto de 2014</b> <b>QUINTA FEIRA - 21 de Agosto</b>				
Horário	Mensagem / Atividade	Responsável	Local	Tempo
16:00	Montagem dos Grupos / Recepção	Todos	Regime fechado - APAC	00:30
16:30	<b>Palestra Inicial</b>	<b>Voluntário (FBAC)</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>00:30</b>
17:00	<b>Meditação: "O Filho Pródigo"</b>	<b>Dr. Mário</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>00:40</b>
17:40	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Pátio / Quartos	00:05
17:45	Reunião de grupos	Jornadeiros	Grupos	00:40
18:25	Deslocamento para o refeitório/Higiene	Jornadeiros	Refeitório	00:10
18:35	Jantar	Todos	Refeitório	00:40
19:15	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:10
19:25	<b>Palestra: "O mundo em que vivemos"</b>	<b>Voluntário</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>01:00</b>
20:25	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Pátio / Quartos	00:05
20:30	Reunião de grupos	Jornadeiros	Grupos	00:40
21:10	Deslocamento para a sala	Todos	Sala de mensagens	00:10
21:20	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:10
21:30	<b>Meditação: "Conheça-te a ti mesmo"</b>	<b>Ex Recuperando</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>00:30</b>
22:00	Oração da noite	Todos	Sala de mensagens	00:10
22:10	Silêncio geral	Todos	Sala de mensagens	00:10

Figura 02 – Esquematização do 1º dia da Jornada de Libertação com Cristo.  
 Fonte: Dados da pesquisa.

Os atores sociais envolvidos com a Jornada são pessoas ligadas com o trabalho realizado pela unidade. A ordem das palestras, bem como seus temas e palestrantes, foram as seguintes: a) Quinta-feira: "Fala Inicial" com um ex-recuperando que atualmente trabalha na FBAC, "O Filho Pródigo" com voluntário coordenador da FBAC, "O Mundo em que Vivemos" com voluntário da Igreja Católica e recuperando de uso de drogas e "Conhece-te a ti mesmo" com um ex-recuperando da unidade da APAC de São João del-Rei (MG).

O salão de palestras estava organizado com cerca de cento e vinte cadeiras, quatro mesas, um projetor, duas televisões e instrumentos musicais para a banda. Nesse instante, Reinaldo<sup>23</sup>, o diretor de Desenvolvimento Humano da APAC-PA, inicia com sua fala expositiva. Distribuem-se crachás aos recuperandos e a equipe de voluntários envolvidos na Jornada. Chamar todos pelo nome é uma característica do método APAC.

Segundo Ottoboni (1997), tratar a pessoa pelo seu nome é uma das maneiras de começar a resgatar a dignidade do condenado, que, muitas vezes, é tratado como um número, ou chamado por um apelido que ele recebeu na vida do crime. Para Ottoboni (2001), o tratamento pelo nome do recuperando é relevante para a valorização humana. Minha atenção é atraída pela grande quantidade de recuperandos com aparência jovem, sendo a maioria de

<sup>23</sup> Todos os participantes da Jornada foram identificados com um crachá com sua atribuição e nome. Porém, todos os nomes das pessoas envolvidas foram substituídos com a intenção de se preservar a identidade dos voluntários, recuperandos e demais participantes.

negros e pardos<sup>24</sup>, retrato da população carcerária mineira que possui “55% de presos com menos de 29 anos” (ANDRADE, 2014, p. 35).



Figura 03 – Disposição dos recuperandos durante palestra proferida na Jornada.  
Fonte: Dados da pesquisa.

Ao encerrar a sua fala, o diretor pede palmas para todos os presentes, inclusive os de outras cidades vizinhas a Pouso Alegre. Estimulam os recuperandos a cantar e a louvar a Deus. O apelo ao cristianismo está presente durante toda a Jornada. Esse apelo, aproximando das sugestões de Foucault (2014, p. 124), aponta que a prisão se traduz em “máquina para modificar detentos”. Nesta linha foucaultiana, a punição não se dá mais para apagar um crime cometido, mas transforma o culpado. O método APAC parece acreditar nessa proposição. Em nível de crença, as ações da APAC compõem um conjunto de elementos, os quais podem, pela óptica da APAC, ressocializar o preso e reintegrá-lo ao convívio social, com qualidade e dignidade.

Um dos elementos de aproximação do recuperando com o método é a música e, em toda a Jornada, ela está em evidência. Por exemplo, após a cantoria, explica-se aos recuperandos o funcionamento da Jornada e as regras básicas. Chama a atenção o fato de

<sup>24</sup>Ao me deparar com inúmeros jovens negros presos, notei a semelhança da situação com uma música da banda “O Rappa”, da autoria de Marcelo Yuka, que tem o nome “Todo Camburão tem um pouco de navio negreiro”, que, em sua letra, narra uma abordagem truculenta e preconceituosa da polícia a um negro, comparando o policial a um capitão do mato e o negro a um escravo. Nesse sentido, a passagem do camburão para a cadeia, faz com que a população carcerária seja majoritariamente negra no Brasil que, segundo dados do Ministério da Justiça, possui 53% do total da população carcerária declarada negra (BRASIL, 2013).

serem dados cinco minutos de intervalo entre cada palestra para que os recuperandos se dirijam ao pátio para fumar.

A primeira palestra seria feita por Mário Ottoboni, o precursor do método APAC. Porém, sua presença não pode ser confirmada por problemas de saúde. Em seu lugar, Carlos (um voluntário da FBAC) começa a fala com o tema “O Filho Pródigo”.

Durante a sua fala, ele faz uma explanação de suas viagens pelo Brasil e pelo mundo, divulgando o método APAC. Tensiona sobre as lágrimas deixadas pelos presos e pelas famílias no momento em que uma pessoa é presa e entra no camburão. Nesse instante, os recuperandos se mostram compenetrados e balançam a cabeça, concordando com as falas de Carlos.

Prossegue com uma reflexão sobre o papel do pai na formação do ser humano e conta a história de vida de seu pai falecido. Por fim, aborda a solidão do preso e os caminhos que levam ao cárcere, que ele define em “PPD”: Prazer, Poder e Dinheiro e fecha com a frase: “E só o caminho do amor pode trazer liberdade e felicidade”.<sup>25</sup>

Na sociedade da liquidez e do consumo, como definiu Bauman (2007), na qual as relações sociais são efêmeras, a solidão, o individualismo e a lógica “PPD” definida por Carlos como “prazer, poder e dinheiro” se tornam características e metas para a sociedade vinculada à lógica industrial. Nesta configuração, na qual o capitalismo impõe regras e molda características sociais, Bauman (2007, p. 28) indicou que os “[...] indivíduos buscam desesperadamente sua individualidade” deixando de lado o pensamento coletivo de vida em grupo. Lipovestky (2004, p. 74) também indicou o individualismo como característica da sociedade atual ao dizer que “[...] o indivíduo hipermoderno continua sendo um indivíduo para o futuro, conjugado na primeira pessoa”.

Para Bauman (Idem, p.106) “A sociedade de consumo tem por base a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar” e, ao mesmo tempo, essa sociedade “[...] julga e avalia seus membros, principalmente por suas capacidades e sua conduta relacionadas ao consumo” (Idem, 2007, p. 109).

Ao finalizar a palestra, os recuperandos se reúnem nas celas do regime fechado da APAC e esperam a entrada de um voluntário para estimular o debate em função do que foi exposto na última fala. Além do debate, serve-se um café para os recuperandos em suas celas. Geralmente, são servidos café e pão com manteiga. Nesse momento, fui informado que eu

---

<sup>25</sup> Todas as transcrições reproduzem com fidelidade as falas das pessoas. Não houve correção gramatical para evitar interferência no que foi reproduzido durante a pesquisa.



deveria encaminhar para a cela oito para participar do debate e das reflexões dos recuperandos.

Dentro da cela, tive a primeira sensação de estar dentro de uma prisão. Contudo, a cela da APAC é muito diferente do que estava acostumado a ver na mídia e do que vivenciei na visita ao presídio de Itajubá. Nesta unidade da APAC, encontrei um ambiente limpo, com 3 beliches, camas estendidas, banheiro com chuveiro quente, armário para organização e um quadro que continha avisos e uma escala de limpeza a ser obedecida pelos recuperandos. O cheiro era de limpeza, assim como toda a aparência mostrou-se organizada conforme as imagens a seguir.



Figura 04 – Banheiro da cela do Regime Fechado da APAC-PA.  
Fonte: Dados da pesquisa.

As figuras retratam uma cela da ala do regime fechado da APAC-PA. Cada cela tem capacidade para 6 recuperandos, com 3 beliches de alvenaria e um box composto por um chuveiro elétrico, 1 espelho, 1 quadro de avisos e um vaso sanitário. Há também um guarda-roupas e um armário multiuso para que os recuperandos guardem seus pertences. Basicamente, a estrutura se assemelha a dos presídios convencionais. A diferença é que os presos mantêm a cela limpa e asseada, bem como há um conjunto de ações coletivas em que o recuperando participa da organização e da manutenção do ambiente.



Figura 05 – Cella do regime fechado da APAC-PA.  
Fonte: Dados da pesquisa.

Durante o debate com os recuperandos, chamou-me a atenção o trecho do discurso feito pelo recuperando Francisco: “Tive mais de 10 overdoses, usava droga pra fugir dos meus pobrema, usava pra esconde do meu mundo [...] e hoje preso, dô valor na minha família”. (sic)

O fato de Francisco relatar sobre seu envolvimento com as drogas como usuário, suas overdoses e a utilização do entorpecente para buscar refúgio frente aos problemas enfrentados por ele na vida me faz concordar com o estudo de Vieira (2009). Para a autora, o consumo da droga pelos sujeitos pode se dar a partir da necessidade de um subterfúgio ou de um refúgio frente aos “confrontos com os obstáculos do dia-a-dia” (VIEIRA, 2009, p. 82).

O recuperando aponta o valor que dá na família, fato que demonstrou carência e que para Vieira (2009, p. 91) “dá origem à dependência da droga”.

Pelo relato dos demais, muitos tiveram envolvimento com drogas, seja como usuário ou com o tráfico de drogas, números que são confirmados pelo Estado de Minas Gerais, estudos realizados pela Secretaria de Estado de Defesa Social, os quais apontam que cerca de 86% dos detentos em Minas Gerais tem como causa direta ou indireta das prisões o envolvimento com as drogas (ANDRADE, 2014).

Vieira (2009) aborda o assunto ao dizer que o consumo e a dependência das drogas emergem na atualidade em um contexto de crises e incertezas, quando há a necessidade do sujeito em responder às demandas da modernidade. Encerramos a discussão e orientamos todos a irem para o refeitório, onde foi proferida uma oração seguida do Pai Nosso e da Ave-

Maria. Inclusive era orada pelos recuperandos e voluntários declarados evangélicos. No cardápio do jantar, foram servidos Canjiquinha e Mouse de Maracujá.

Uma hora depois, reúnem-se os recuperandos novamente na sala de palestra, para que o segundo palestrante, voluntário e participante do Movimento de Cursilhos de Cristandade, chamado Renato, inicia a sua fala intitulada “O mundo em que vivemos”. Renato inicia falando que é um dependente químico em recuperação e abre uma reflexão perguntando: “Quem é pai entre os recuperandos? Como imagina concepção de um filho ou um novo filho?”. (sic)

Esse questionamento me fez pensar que, embora, na modernidade, as concepções e funções de Estado, família, organizações e outras instituições se modifiquem, a importância da família ainda é destacada no processo de ressocialização. Isso se dá porque, como atestaram Berger e Berger (1975), a família e os adultos que circundam as crianças são constituintes do processo de socialização e auxilia na construção social do indivíduo. Os autores indicaram

O caráter absoluto com que os padrões sociais atingem a criança resulta de dois fatos bastante simples: o grande poder que os adultos exercem numa situação como aquela em que se encontra a criança e a ignorância desta sobre a existência de padrões alternativos (BERGER; BERGER, 1975, p. 205).

Deste modo, no processo de ressocialização, novamente a importância da família é resgatada.

Para o método APAC, a família não deve ser excluída da metodologia voltada à ressocialização do recuperando. Segundo Ottoboni (2001, p. 86) “são lares desestruturados, em todos os aspectos, que vivem à margem da religião, da ética, da moral, da cultura”. A família assume papel preponderante no processo de ressocialização do recuperando. O método incentiva as visitas especiais em datas comemorativas, como Dia das Mães, Dia dos Pais, Natal, Dia das Crianças, Páscoa e há tratamento específico para visitas íntimas com palestras sobre controle de natalidade e controle de doenças infecciosas.

A metodologia não aborda os contextos de novas famílias que se constituem na atualidade, por meio da existência de união civil entre homens e mulheres do mesmo sexo, ou outras formas. Verifica-se que o “modelo” de família em que aposta a APAC é balizado pelas influências cristãs, na qual família é a união de homens e mulheres.

Sobre essa temática, o palestrante fez uma pergunta com a intenção de promover a reflexão acerca da família e da sua importância na constituição do homem. E utilizou citação

bíblica do livro do Gênesis 1: 1-5<sup>26</sup>. Após a utilização do trecho bíblico, ele mostrou imagens com a utilização do equipamento multimídia citando a prostituição, o uso de drogas, a criminalidade, o homicídio e a violência com a exposição de imagens dos mortos no massacre do Carandiru, fazendo com que os recuperandos valorizem a oportunidade de se encontrarem presos na APAC, com uma estrutura que proporcione ganhos de cidadania.

Do ponto de vista legal a APAC é uma prisão, em que se promove o cercamento da liberdade daqueles que cometeram crime e foram julgados pelo sistema judiciário, dentro da estrutura normativa brasileira. A diferença é a de que há maior preocupação com a organização e a higiene do espaço. As demais técnicas de impressão das marcas do aprisionamento estão fortemente presentes, com outros códigos e valores atribuídos pela lógica dogmática cristã.

Para finalizar a sua fala, o palestrante fez comparações ao citar: *Amy Winehouse, Kurt Cobain, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Elis Regina, Elvis Presley, Renato Russo e Cazuza* atores e músicos que perderam a vida de maneira precoce pelo envolvimento com drogas. Argumenta que todos estes são talentos perdidos, pois foram artistas de sucesso e perderam suas vidas com envolvimento com drogas. Encerra a fala relatando sua experiência de vida e recuperação como usuário de cocaína.

A última meditação foi feita por um ex-detento do sistema convencional e atual recuperando da APAC de São João del Rei, chamado Victor. Ele inicia a sua fala valorizando a companhia da esposa e do filho pequeno, que se deslocaram com ele de São João del Rei para Pouso Alegre. Conta a sua história de vida:

Vim de família pobre, filho de garimpeiro que nunca mais voltou e abandonou minha mãe. Minha mãe ficou louca quando meu pai a abandonou. Foi internada no manicômio, os filhos foram separados e cuidados pela família [...] minha mãe retornou do manicômio e trabalhou como faxineira, mas eu não retornei para ela. Fiquei com a minha avó e com 16 anos eu fui preso por roubo à mão armada [...] Saí da cadeia e retornei ao crime com envolvimento em baile funk. (sic)

O exemplo visto no depoimento expõe a questão da família e do papel da mãe na formação dos filhos. Outra temática que se implica é a relação entre crime e os lugares de vulnerabilidade social. Essas combinações, família com problemas de organização e vulnerabilidade social, possibilitam a ocorrência de criminalidades e violências urbanas.

Este mostra mais um exemplo entre os outros vislumbrados durante os depoimentos ocorridos na Jornada. Victor menciona o caso de seu irmão: “Mataram o meu irmão no meu

---

<sup>26</sup> O trecho bíblico citado fala sobre a criação da Terra pelo criador.

lugar e a minha mãe virou as costas para mim. Eu quis vingar a morte do meu irmão e virei justiceiro.” (sic). O fato de o próprio palestrante se considerar justiceiro nos remete ao trabalho de (CARBONE, 2008), que mostra que os justiceiros<sup>27</sup> agem em função de uma sensação de injustiça, que geralmente se configura por estupro ou assassinato contra familiar próximo.

Victor afirmou que foi vítima dos matadores de aluguel, dizendo que: “em 2006 fui preso e condenado por tráfico e tinha 27 processos em aberto. A minha cabeça em São João del Rei valia 20 mil reais”. (sic) Para Carbone (2008, p. 175), “[...] os crimes de pistolagem fazem parte de uma rede onde no mínimo há um mandante e um intermediário para a execução do crime”.

Aqui se promove, em tons de destaque, as diferentes questões que o recuperando Victor abordou. O depoimento-palestra tratou desde a entrada na criminalidade, os riscos de morte que experienciou, a qualidade das prisões da APAC até a sua conversão ou conscientização do convívio social, por meio do método APAC.

Os relatos de Victor auxiliam na demonstração do panorama insalubre do presídio onde ele esteve e as tensões existentes de poder e violência simbólica dentro da estrutura jurídico carcerária no Brasil:

Fui transferido para São Lourenço e no castigo fui visitado pela minha mãe que estava com depressão e me ofereceu dois rolos de papel higiênico e um pacote de bolacha água e sal [...] peguei sarna na cadeia e meu maior inimigo foi transferido comigo. Fui impedido de estudar na escola do presídio pelo diretor...e tempos depois comecei a trabalhar costurando bolas, logo passei a tutor. Fui desafiado pelo juiz que me mandou para a APAC de São João del Rei. (sic)

Na chegada de Victor à APAC de São João del Rei, os seus antigos inimigos do crime estavam trabalhando na unidade nas oficinas profissionais, o que lhe trouxe desconforto e estranheza. Aos poucos, foi entendendo o desafio proposto pelo Juiz de direito e pela administração da APAC, pois ali a dinâmica era diferente e não uma prisão normal.

Em 30 dias, teve a oportunidade de fazer a “Jornada com Cristo” e ouviu a mensagem que tratava sobre a importância dos pais. Ele diz que ficou sensibilizado por ouvir sobre o pai que nunca teve. Em setembro, sua mãe chega à APAC com seu pai, 27 anos após o sumiço pelo garimpo e ele diz: “Meu pai era alcoólatra, exalava cachaça e era ex-detento de Bangu 1, no Rio”. Relata o abraço no pai que há tempos não via e faz o pedido de “bênção” e fala pela última vez nesse sentido: “Eu encontrei um pai pior do que eu, que foi embora e não sei se ele

---

<sup>27</sup> Para aprofundar sobre o tema e suas diferenças ver: Carbone (2008).

morreu...”. Ao mudar de assunto, aborda uma das audiências que participou pelos crimes cometidos e relata:

A mulher do homem que matei não me acusou. Nesse dia pensei em suicídio e vi que eu era um canalha [...] quando eu pego meu filho no colo, eu penso se alguém vai me vingar [...] se vou pagar com a mesma moeda [...] O pior dia da minha vida foi quando virei do CSS<sup>28</sup> e fui almoçar na APAC. Todos se levantaram da mesa e me deixaram. O bandidão virou polícia. (sic)

O detento Victor, ao se tornar membro do Conselho de Sinceridade e Solidariedade, passou a fazer parte de uma rede de recuperandos incumbidos de observar e vigiar constantemente o comportamento dos outros. Essa lógica constitui o que Foucault (2014, p. 195) chamou de “Princípio inverificável do Panóptico”, que consiste no fato de o recuperando não saber se está sendo vigiado, mas tem a certeza de que sempre pode sê-lo.

Victor começa a falar sobre a sua mudança de vida, a partir do cumprimento de sua pena na APAC e cita a experiência com a escola: “Fui aprovado em 7º lugar, me formei em segurança do trabalho e fui convidado a trabalhar na APAC. Hoje eu me conheço, valeu a pena...”. Na sociedade capitalista, a meritocracia e a inclusão no trabalho se faz presente na vida dos indivíduos.

Ao abordar o fato de ter sido aprovado no vestibular e posteriormente conseguir se inserir no mercado de trabalho, Victor indica que agora está incluso na lógica da sociedade e, assim, se sente útil para a mesma, para a sua família e para si. Para Foucault (2014, p. 235), o “[...] trabalho da prisão tem um efeito econômico, é produzindo indivíduos segundo as normas gerais de uma sociedade industrial”. Observo que, naquele instante, pega seu filho no colo, chama a esposa para a sala de palestras, pede que ela fique do seu lado e encerra sua palestra com a frase: “A APAC me proporcionou ser pai...”. Ocorreu uma comoção geral nos ouvintes e aquela atitude me faz pensar na relação com meu pai e tive que disfarçar a emoção.

Após o encerramento da última palestra da quinta-feira, um dos coordenadores da jornada informa aos recuperandos que o momento é de recolhimento em suas celas e de reflexão e silêncio.

Vejo que colocar os recuperandos em suas celas e pedir para que façam o exame de suas consciências nos remete, como diria Foucault (2014, p. 128), a pensar que “[...] o que se procura reconstruir nesta técnica de correção não é tanto o sujeito de direito [...] é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade...”.

---

<sup>28</sup> O CSS é o Conselho de Sinceridade e Solidariedade – componente do método APAC. Nele os recuperandos compartilham as experiências de ajuda mútua e vigilância de uns sobre os outros, visando a estabelecer uma relação de confiança, solidariedade e respeito.

O despertar será na sexta-feira às 6h. Saio da ala do regime fechado e me encaminho para o alojamento dos recuperandos em regime aberto. Pela rotina exaustiva, sinto-me cansado e tomo meu banho, deito no beliche reservado para os voluntários da jornada. Mas, antes, escrevo minhas observações no diário de campo.

Na sexta-feira, dia 22 de agosto, acordo às 5h30, tomo banho, visto e já encaminho para ala do regime fechado: mais um dia de jornada. Na entrada, escuto a música tocada pela banda e diversas palmas. Os recuperandos, em pé, cantam músicas religiosas e batem palmas. A estruturação da jornada na sexta-feira será conforme as figuras a seguir:

SEXTA FEIRA - 22 de Agosto				
Horário	Mensagem / Atividade	Responsável	Local	Tempo
06:00	Despertar	Sineteira	Dormitório	01:00
07:00	<b>Meditação: "O sentido da vida"</b>	<b>Voluntário</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>00:30</b>
07:30	Café / Fotografia	Todos	Refeitório	00:30
08:00	Deslocamento para sala	Todos	Pátio	00:05
08:05	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15
08:20	<b>Palestra: "Santo Agostinho em nosso tempo"</b>	<b>Diretor APAC PA</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>01:15</b>
09:35	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
09:40	Grupos	Jornadeiros	Grupos	00:50
10:30	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
10:35	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:10
10:45	<b>Palestra: "Os caminhos que conduzem a Deus"</b>	<b>Voluntário</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>01:15</b>
12:00	Deslocamento para refeitório / Higiene	Todos	Pátio	00:10
12:10	Almoço	Copa / Cozinha	Refeitório	00:40
12:50	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
12:55	Grupos	Jornadeiros	Pátio	00:20
13:15	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
13:20	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15
13:35	<b>Palestra: "Jesus Cristo: homem e Deus"</b>	<b>Voluntário (FBAC)</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>01:30</b>
15:05	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
15:10	Banho	Jornadeiros	Grupos	00:50
16:00	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
16:05	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15

Figura 06 – Esquematização do 2º dia da Jornada de Libertação com Cristo.

Fonte: Dados da pesquisa.

16:20	<b>Palestra: "Fora dos planos de Deus, que lugar o homem ocupa no mundo?"</b>	<b>Voluntário (FBAC)</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>01:30</b>
17:50	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Quartos	00:05
17:55	Grupos	Jornadeiros	Quartos	00:50
18:45	Deslocamento para refeitório	Todos	Refeitório	00:05
18:50	Jantar	Todos	Refeitório	00:40
19:30	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
19:35	Cantoria	Todos	Refeitório	00:20
19:55	Cerimônia do Lava pés	Divino	Sala de mensagens	00:40
20:35	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:00
20:35	<b>Palestra: "Reconciliação"</b>	<b>Padre</b>	<b>Sala de mensagens</b>	<b>00:40</b>
21:15	Deslocamento para os grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
21:20	Grupos - Exame de consciência / Entrega de carta dos familiares	Jornadeiros	Grupos	00:40
22:00	Oração da noite / Silêncio	Todos	Sala de mensagens	

Figura 07 – Esquematização do 2º dia da Jornada de Libertação com Cristo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na sexta-feira, as palestras foram realizadas na seguinte ordem e pelos seguintes voluntários: “O sentido da vida”, por um voluntário membro de movimentos carismáticos vinculados à Igreja Católica, “Santo Agostinho em Nosso Tempo”, pelo diretor de Produção

da unidade da APAC-PA, “Os caminhos que conduzem a Deus”, por uma voluntária membro de movimentos carismáticos vinculados à Igreja Católica, “Jesus Cristo: Homem e Deus”, por um ex-recuperando e atual membro e voluntário da FBAC, “Fora dos Planos de Deus, que lugar o homem ocupa no mundo”, com voluntário coordenador da FBAC e “Reconciliação”, com um padre participante ativo de encontros na APAC-PA.

O primeiro palestrante do dia convocado a falar é Ronaldo, com o tema “O Sentido da Vida”. É recebido por palmas e não utiliza o microfone em sua palestra, proferindo-a em voz alta. No início, invocou os recuperandos a desejarem bom dia para todos em voz alta e pede para todos agradecerem à vida. Nesse instante, ele puxa cadeira até a frente da sala de palestras e convoca Jesus Cristo a sentar do seu lado e diz:

Foi ele que salvou minha vida. Aqui todo mundo é igual, cada um tem sua opção. Pela vida que eu tive, 500 anos de cadeia pra mim é pouco. [choro] a única pessoa que acreditou em mim foi minha mãe [...] é um milagre eu não estar cumprindo uma pena [...] eu não respeitava mãe, polícia, porra nenhuma. Vocês nasceram pra que? Para ser ingrato? Para ser mentiroso? (sic)

Para o palestrante, o papel da mãe e a crença em Jesus foram os alimentos para a reflexão dos atos criminalizados que praticou. Havia nele uma necessidade de sentir respeitado pela sociedade ou de ter lugar no modelo de ordem social que convencionamos. Na sequência do relato de Ronaldo, fica ainda mais latente a importância da mãe, do lugar de respeito na sociedade e da ideia de pertencimento:

Faz quatro anos que minha mãe se foi, ela foi a única que acreditou em mim. Eu me amo, eu gosto de mim pra caramba. [Palmas]. Quando eu vim para Itajubá, minha mãe me deu uma moto, uma casa e cinquenta reais [...] hoje eu tenho filho, sou gerente de concessionária Yamaha, não bebo, não fumo e fico com a minha família. Dá certo para quem quer! (sic)

Observa-se o silêncio e a atenção de todos os presentes. Observa-se também que a trajetória de vida e de ressocialização, do palestrante, são vinculados à lógica do trabalho ao se preocupar com a inserção no mercado, no emprego e na renda. Esses fatos conferem ao recuperando a noção de que ele é parte dessa sociedade.

Encerrou a sua fala invocando os recuperandos a ficarem de pé para cantar e recebeu uma salva de palmas de todos da sala. Têm-se a pausa para o café com o deslocamento de todos para o refeitório e iniciando com a oração agradecendo o alimento, em que foi servido café com leite, bolo, pão de sal com manteiga e biscoito de polvilho. Durante o café, sentei com os voluntários da jornada e, nas nossas conversas, pude ouvir alguns relatos sobre a atuação deles pelo Brasil e um foi chamativo: “O trabalho da APAC no estado de São Paulo é



complicado de expandir pelas ações do PCC<sup>29</sup>...”. Questionei por que as ações da facção criminosa atrapalham a expansão do método APAC em São Paulo e os envolvidos com o trabalho da pastoral penitenciária responderam:

As facções atuam, na maioria das vezes, no controle de presídios por todo o estado. Quando isso ocorre, é difícil aplicar a metodologia, é complicado participar até mesmo como voluntário, como religioso. Os bandidos não deixam a gente chegar perto. Eles têm o controle da maioria dos presídios do Estado. (sic)

Três frades franciscanos, voluntários do estado de São Paulo, que foram para acompanhar a jornada com a intenção de aprofundar os conhecimentos sobre o método APAC, na mesa, concordaram com a fala do membro da FBAC sobre a ação dificultadora da expansão do método APAC em São Paulo.

Após quarenta minutos de alimentação, os recuperandos são convidados a retornarem para a sala de palestras para a fala “Santo Agostinho em Nosso Tempo”, proferida por Leonardo, um dos diretores da APAC de Pouso Alegre. Ele inicia com descontração, já que é conhecido de todos. E expõe uma foto de Santo Agostinho na sua apresentação e indaga: “Quem foi Agostinho?”.

Apresenta sua família, com a foto de todos e agradece as orações pelo filho recentemente acidentado. Ele fala que é a segunda jornada a acontecer na unidade de Pouso Alegre e diz: “Temos que montar o mosaico de nossas vidas com paciência...”, em alusão aos mosaicos feitos pelos recuperandos na sala de laborterapia do regime fechado.

Aponta o preso que é considerado como lixo para a sociedade e o compara com uma lagarta que é abordada como um ser feio, nojento, que se alimenta das plantas e estraga a vida, mas que se torna uma bela borboleta. Ele compara a transformação da lagarta com a transformação proporcionada aos recuperandos da APAC e diz: “A APAC serve para transformá-los, matar o criminoso, o lixo...”.

A transformação citada pelo palestrante, no exemplo dele, se dá pelo método de ressocialização da APAC. A metáfora “matar o criminoso” remete-se ao título da obra de Ottoboni (2001) que aborda, de maneira detalhada, os doze elementos do método de ressocialização *apaqueano*.

O palestrante retorna o foco para a vida e a história de Santo Agostinho, fala sobre o santo da igreja católica e sua história de vida. A escolha de Santo Agostinho como exemplo a ser citado na palestra é proposital e pauta-se nas técnicas da Jornada explicitadas na obra de Ottoboni e Ferreira (2004). O exemplo de Agostinho como “pecador” e convertido é a aposta

---

<sup>29</sup> Trata-se da organização criminosa Primeiro Comando da Capital, que atua em todo o estado de São Paulo.

de que “Convencer o preso de que o homem pode mudar, a qualquer momento, independentemente da falta que tenha cometido” (OTTOBONI; FERREIRA, 2004).

Encerra a sua fala e dá a palavra para o antigo juiz da vara de execução penal de Pouso Alegre, Dr. Alex. O magistrado fala da sua dedicação ao trabalho, a renúncia à família para trabalhar para a justiça e ao projeto da APAC. Ele diz: “Acreditem na mudança de vida, vocês não nasceram para o crime, nasceram para ser pessoa do bem...” (sic).

Encerrada a fala do juiz, os recuperandos são encaminhados às celas para as reuniões de grupo. Percebi que muitos deles observavam as minhas anotações constantes e decidi, nas próximas reuniões, ouvir mais do que falar e anotar.

Quando um dos recuperandos disse sobre a APAC: “Aqui estamos no céu, mais que no paraíso...”. Fiquei pensando o que significaria chamar a APAC de céu. Outro recuperando também falou, comparando com um presídio comum, que a APAC era o céu: “Saímos do inferno e vamos para o céu...”. O juiz palestrante defendeu o trabalho da APAC em detrimento às penitenciárias chamadas “comuns”, ao expressar que: “A APAC tem mais a oferecer do que o sistema prisional comum...”.

A tônica da Jornada circunscreve-se ao processo de consciência da culpabilização de atos criminalizados, levando-se em consideração o papel da família e, fundamentalmente, da religião para a metamorfose do criminoso ao cidadão. Um dos requisitos dessa metamorfose é a qualidade física da prisão e do tratamento dispensado aos recuperandos. Dentro desse contexto, a APAC se caracteriza como um diferencial.

O palestrante Leonardo comunga do mesmo otimismo dos outros atores sociais sobre a APAC e diz: “A APAC é um presente de Deus para cada um de nós!”.

Retornei para a sala de palestras, onde seria proferida a fala intitulada “Os caminhos que conduzem a Deus”, feita pela voluntária Rosana. Ao entrarem na sala e se acomodarem, cada recuperando recebeu um pequeno pedaço de mármore, dado pela palestrante, representando o túmulo de cada um. A ideia foi de representar a morte de cada um, indicando que, a partir daquele momento, a vida no crime que eles tiveram ficou enterrada e que o ideal a ser proposto era de vida nova. A chave representaria a abertura da fechadura do portal que daria acesso à nova vida, fora do mundo do crime.

Rosana se apresenta como educadora e relata sua experiência com seus alunos traumatizados e molestados. Segundo ela, demonstram um comportamento fora do comum em sala de aula. Fala sobre as questões do aborto, da violência e da ostentação. Para ela, Jesus chorou por todos os pecados cometidos pelos homens e diz sobre o perdão: “A beira do

caixão não é lugar para pedir perdão [...] o mundo precisa de tolerância. Cristo conta com você, o seu lugar é no céu...” (sic).

A relação do método com a religião é mais evidenciada na palestra de Rosana. Da perspectiva da palestrante, o método APAC busca retomar a importância de se “fazer a experiência com Deus”, conforme relatado por Ottoboni (2001, p. 77).

A palestrante entrega uma chave para cada membro da jornada e diz que é a “Chave da Liberdade”. Após a entrega da chave, fala um pouco de sua vida contando que foi abandonada quando criança pelo pai alcoólatra e agressor. E encerra dizendo: Não podemos justificar nossos erros nos erros dos outros. (sic)

Saí com seis recuperandos para a reunião de grupo. No trajeto, um deles contou um pouco de sua história e um trecho me chamou a atenção:

Nasci com problemas de saúde, fiquei 6 anos no hospital, meus pais perderam a minha guarda, e jovem comecei no crime... logo fiquei preso. Saí em 2007 e fui preso de novo. Hoje me vejo de outra forma e tenho oportunidade de conhecer quem eu sou. (sic)

O relato do recuperando demonstrou sua situação familiar e econômica em contexto de vulnerabilidade social<sup>30</sup>. No recorte desta fala, percebo o quanto de infelicidade está presente, face a lembrança do passado e das experiências ruins que vivenciou. Contudo, presente está, ainda, o orgulho de vencer esse período e ressignificar sua trajetória de vida.

Encerrei a reunião de grupo, dirigindo para ala da enfermaria da APAC, dentro do regime fechado. Fiz uma coleta de dados, em que tirei fotografias e realizei entrevistas com a médica responsável pelo atendimento e o auxiliar de farmácia. Pude conhecer a estrutura e observar a organização dos medicamentos, bem como a estrutura física do ambulatório, do consultório médico e do consultório dentário<sup>31</sup>.

Retornei à sala de palestras, pois já havia começado a fala intitulada “Jesus Cristo: Homem e Deus”, feita por um ex-recuperando chamado Luan, cadeirante, portador de uma doença rara que impossibilitou o seu crescimento. Abordou o tema da humildade de Jesus Cristo e citou a sua família pobre, constituída por Maria e José, um carpinteiro. Falou de várias personalidades da humanidade, como: Gandhi, Madre Tereza de Calcutá, Luther King e o Papa João Paulo II. Mencionou Jesus Cristo como contador de histórias e como pessoa que não condena, mas demonstra amor infinito. Alega: “Jesus é simples e objetivo, fala com autoridade, é homem de oração [...] Jesus não é um super-homem, mas um herói completo”.

<sup>30</sup> Este trabalho entende o conceito de vulnerabilidade social a partir da perspectiva de Abramovay *et al* (2002).

<sup>31</sup> Essa coleta de dados foi utilizada na elaboração de um artigo científico que trata somente de um dos pilares do método APAC, que é a atenção na saúde do recuperando.

Apontou trechos bíblicos, os quais indicam milagres realizados por Jesus como o das “Bodas de Caná”, o “Andar sobre as águas”, a “Multiplicação dos pães e peixes” e a “Cura da surdez de um soldado”. Além disso, utilizou imagens de trechos do filme “A Paixão de Cristo” que mostram a condenação e o flagelo de Jesus.

Observei os recuperandos concentrados e chocados pelas cenas violentas do filme. Já outros desviam os olhares e poucos fecham os olhos para as cenas de tortura. Ao encerrar o trecho exibido, o palestrante continua a palestra e diz: “Jesus morreu por nós e expõe a parcela de culpa de cada um de nós...”. Luan conta a sua história de vida e diz que já sofreu fraturas mais de oitenta vezes por sua doença e nunca conseguiu andar. Ele conta que ficou oito meses no hospital quando nasceu e quando criança não tinha dinheiro para comprar cadeira de rodas. Por isso era carregado no colo por sua mãe no caminho até a escola. Ele diz:

Eu fui um bom aluno. Mas quando criança, xinguei Deus porque queria jogar bola e não andava. Aos quinze anos não quis mais me tratar e joguei fora o sonho do meu pai de me ver andar e prometi estudar. Hoje sou técnico em contabilidade, faço direito, passei no concurso, tirei carteira de habilitação e comprei um carro zero. Mas, conheci o álcool. Conheci pessoas, formamos quadrilha e roubávamos o dinheiro público. (sic)

Relato mostra a necessidade de inserção do ser humano, a qualquer custo, na sociedade do capital. Ele vincula a sua trajetória pessoal pautada na lógica do consumo e da individualidade. Para Bauman (1999), a sociedade do consumo é característica da pós-modernidade. O autor se refere à sociedade como eles e disserta:

O consumo abundante é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir determinados objetos e adotar certos estilos de vida é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana (BAUMAN, 1999, p. 55-56).

Ele prossegue com seu relato de experiência.

Ia pra zona, farra, gastei dois mil em uma noite [...] conheci uma garota, casamos e ela engravidou em 1999. Não dirigi mais após um acidente e ainda no crime em 2000, fui descoberto por transferir quinze mil reais para uma conta errada [...] a casa caiu e meu filho foi diagnosticado com a mesma doença que eu e meu casamento acabou, meu dinheiro acabou. (sic)

As histórias de vida dos recuperandos se entrecruzaram e notei que todos estavam atentos e muitos choraram com a emoção do palestrante.

O meu pai nunca faltou a uma audiência e em 13 de dezembro de 2000, o meu pai morreu... (choro) e faz falta até hoje. Na cadeia fui acolhido pelos presos que pediram que eu fosse para a APAC e a cadeia inteira deu glória a Deus. O que eu vi na cadeia, eu não vi na rua [...] Saí da APAC, emprestei dinheiro, retomei minha empresa e comecei a ganhar dinheiro honesto, mas fui condenado por outro processo e voltei para a APAC [...] virei presidente

do CSS. Ganhei o perdão por portar uma doença grave e incurável e em dois anos e um mês, cumpri uma pena de dez anos e seis meses [...] fui convidado a trabalhar na APAC e meu filho portador da mesma doença, chegou na APAC andando .(sic)

Encerra com uma pausa de cinco minutos para beber água e fumar e recolhem os recuperandos para as celas, em mais uma reunião de grupos. Na reunião, não levo o diário de campo, apenas observo e converso, quando solicitado ou necessário. Vejo que os recuperandos, sem exceção, valorizam em seus discursos a família e as mães.

Retornamos para mais uma palestra, com a seguinte temática: “Fora dos planos de Deus, que lugar o homem ocupa no mundo?” realizada pelo palestrante Carlos.

O palestrante inicia expondo dados gerais do sistema carcerário brasileiro e interage com os recuperandos, perguntando:

Por que vocês quiseram ir para a APAC? Deus escolheu vocês como recuperandos. No meio de 700 mil presos no Brasil, só 91 fizeram a jornada [...] quando uma APAC se forma presos são enviados para outra APAC para estagiar e ajudar na formação da próxima [...] na APAC partimos do princípio que não há presos perigosos. Existem pessoas que não foram suficientemente amadas [...] Deus fez as mãos para praticar o bem e o homem pratica o mal, mudando a finalidade [...] O que mais encontro nas prisões são presos infelizes. (sic)

Os processos hierárquicos e de gestão aparecem na fala do palestrante. Evidencia os treinamentos e os estágios dos recuperandos em outras unidades das APACs em formação. Este trabalho ocorre a partir do suporte dado pelos recuperandos treinados nos serviços administrativos das APACs que exercem atividades em outras unidades das APACs em construção e em processo de consolidação por diferentes Comarcas. Trata-se de procedimentos internos de gestão. Destaca que a ideia de infelicidade dos condenados está vinculada à baixa qualidade de vida dos encarcerados, ligadas à caracterização do tratamento ao aprisionado e as condições das prisões brasileiras.

Carlos mostra a todos a importância do amor nas relações humanas. Questiona os recuperandos, indagando a quantidade de anos de pena que cada um pegou, ignorando o motivo da condenação. Todos se mostram atentos e descontraídos com a fala do palestrante.

O palestrante afirma que, pela aplicação total do método APAC na unidade de Pouso Alegre, que se sustenta na confiança total da execução da pena sob a responsabilidade do apenado, não há agentes penitenciários e policiais militares na unidade e, também “não há fugas pela confiança estabelecida no amor”. Carlos conta um caso de quando foi dirigente de uma APAC onde havia um condenado por crime hediondo que solicitava sua ida para esta

unidade e não conseguia. Carlos solicitou uma audiência com o juiz, em que pediu para que esse condenado fosse transferido para a APAC e assinou um termo de compromisso se responsabilizando pelo cuidado do preso. O juiz autorizou e hoje esse condenado é ex-recuperando e coordenador do setor de segurança da APAC de Alfenas (MG). O palestrante ressalta:

Se não fosse o nosso amor e confiança ele estaria numa prisão podre pelo país! O Cristianismo é amor e não fanatismo. Fico triste quando visito a APAC e vejo fanático seja de qualquer religião.

Carlos expõe sua história e faz um testemunho pessoal sobre sua experiência nos Estados Unidos onde foi conhecer as APACs já implantadas no país: disse que renunciou a sua carreira na metalurgia, depois na advocacia e do dinheiro, escolhendo a APAC há mais de 20 anos. Inclusive renunciou a família, pois não teve filhos, e diz:

Eu acredito na recuperação de vocês e amo cada um como se fossem meus filhos [...] [palmas] vejo pessoas imagem e semelhança de Deus. Existem 17 processos criminais para fechar as APACs, eu já fui ameaçado de morte e quando o ex-recuperando cai de novo, sentimos que o amor fracassou [...] mas às vezes lidamos com pessoas, com lugares escuros, que nosso amor não consegue alcançar.

Traz para sua palestra as atuações que teve em outras APACs e presídios pelo Brasil e pelo mundo:

Fui percebendo que a minha missão era cuidar dos presos de todo o mundo. Numa prisão no Paraguai, 400 presos dormem no relento, defecam e urinam no pátio com cobertores enebados [...] No Paraná vi presos em containers, uma miséria humana! Na África, colocaram os presos no pátio para eu falar para eles [...] uns com hanseníase, AIDS, sem cueca, olhares sem brilho e esperança [...] o que dizer? O que falar? Não havia água para tomar ducha, descarga [...] bichos acumulando em volta da privada. Sem comida, o Estado fornece 50 gramas de comida para o condenado, quem ainda não foi condenado, não recebe [...] pessoas morrendo de fome e nós servindo banquetes nas APACs. (sic)

Sen (2000) trata do desenvolvimento a partir da ampliação de liberdades substantivas, que podem permitir ao indivíduo acesso à cidadania. Sen (Op. Cit, p. 38-40) indicou que as liberdades instrumentais são ferramentas que permitem o acesso para as liberdades substantivas. Para ele, as liberdades políticas, econômicas, oportunidades sociais, transparências e a proteção social são promotoras do desenvolvimento e das liberdades substantivas. Estas promovem qualidade de vida e desenvolvimento (PINHEIRO, 2012).

Essa teoria, embora estruturada a partir do contexto social indiano, aproxima-se da realidade brasileira quando se abordam as ampliações de cidadania vinculadas às questões

sociais da violência e da vulnerabilidade social que são postas nessa discussão acerca do desenvolvimento pautado para além do enfoque econômico e das políticas públicas prisionais.

As ausências de direitos básicos e de cidadania não disponibilizados às pessoas nas condições de aprisionadas colocam em questão não só o conceito de privações, mas acima de tudo de limitações do que Amartya Sen (2000) chamou de liberdades substantivas. Esse fenômeno não acontece somente em presídios brasileiros. Pelo relato do palestrante e na discussão de Herivel (2013), existem problemas de gestão e consequências socioculturais sociais em penitenciárias dos Estados Unidos e do mundo. Bursinde *et al* (2005) demonstra esses problemas em presídios do Reino Unido.

No final, o palestrante pede para os recuperandos fecharem os olhos e iniciarem uma meditação. Desse modo, encerra sua palestra. Por conta de um atraso, não foi dado o tempo para fumar e todos se encaminharam para as reuniões de grupo. Ao adentrarmos para a reunião, um dos recuperandos questiona a minha idade, formação e pede para quebrar uma das regras da APAC: perguntar ao recuperando qual crime cometeu.

Após autorização, ocorre o questionamento de todos os presentes na cela o motivo da prisão. Respondem contando o nome do crime e o correspondente ao número do código penal. Percebo presos por tráfico de drogas, falsificação de documentos, homicídio e roubo à mão armada. O recuperando que solicitou minha autorização, manifesta-se: “Eu sou graduado em educação física, fui empresário, fui preso por falsificação e venda de documentos”.

Em uma população carcerária com um grau de escolaridade extremamente baixo, o recuperando que possui graduação e era empresário se destaca entre os demais. Por outro lado, o relato de se considerar “vítima do sistema” faz ignorar o crime que cometeu, mas não o exime de culpa.

O recuperando, ao relatar seu crime e parte de sua história, mostrou que seu nível de escolaridade é diferente da maioria dos detentos do Brasil conforme as estatísticas indicadas pelo gráfico abaixo atestam:

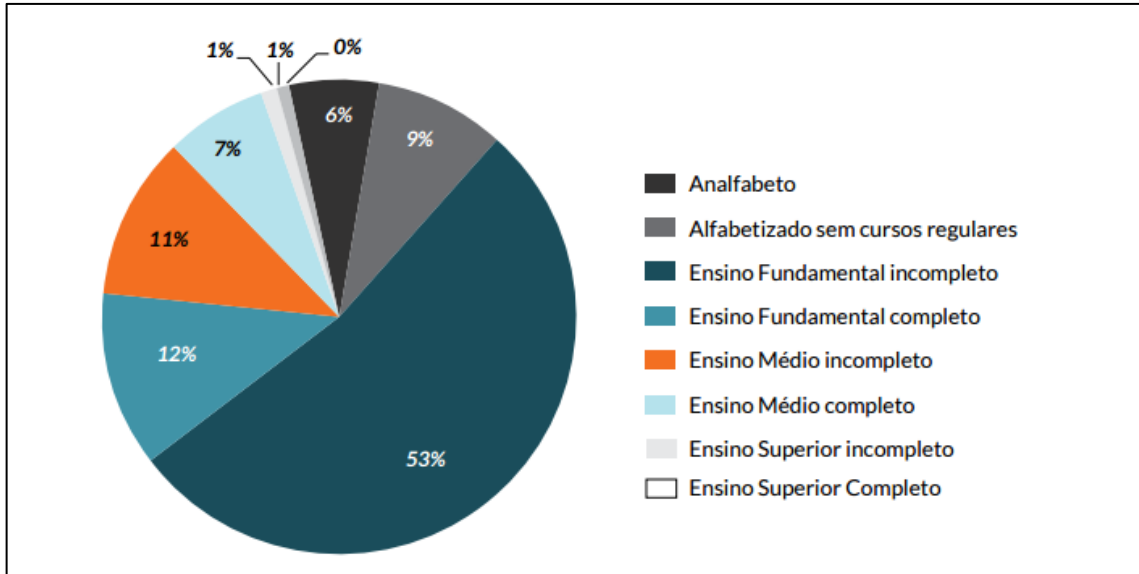


Figura 08 - Escolaridade da população prisional brasileira.

Fonte: BRASIL (2014).

Cada recuperando fala sobre a sua situação, explica o seu crime e os motivos que o levaram a se tornarem presos. Encerra-se a reunião de grupo com uma pausa para fumar e os recuperandos retornam para a sala de palestra, para a celebração da cerimônia de “Lava Pés” em que 12 recuperandos tiveram seus pés lavados e beijados por 12 voluntários, assim como Jesus Cristo fez com seus 12 apóstolos. Percebe-se que a ideia é demonstrar a humildade para os recuperandos e fazer com que eles se sintam valorizados com o gesto.

A base do método é calcada na lógica simbólica presente no cristianismo católico e evangélico. A Jornada de Libertação com Cristo expressa e explora esse universo de simbologias circunscritas à história de vida de Jesus Cristo, em que se busca a ressocialização por meio de rituais de conscientização inscritos no cristianismo.

Após a cerimônia, há a pausa para o jantar. Encaminhei para a cozinha que fica na ala do regime semiaberto. Fui ver a produção dos alimentos e verificar os cozinheiros temperando o porco de 120 kg que seria assado “no rolete” para o jantar do próximo dia. Observei a produção de queijo minas, feita por um recuperando treinado na APAC, e que promete dar para mim uma peça de queijo no domingo.





Figura 09 – Porco no rolete produzido pelos recuperandos da APAC para o almoço na Jornada.  
Fonte: Dados da pesquisa.

Na padaria, deparei-me com três recuperandos produzindo pães que seriam consumidos no café da manhã do sábado. Gentilmente, eles explicaram o processo produtivo e disseram que a produção de segunda a sexta é maior, porque a APAC doa pães para hospitais e escolas de Pouso Alegre. Já nos fins de semana, a produção é apenas para consumo interno. Em conversa com o diretor de produção da unidade, constatou-se que além dos pães, são doados insumos como café, cenoura, hortaliças, tomates para outras casas de recuperação de dependentes químicos. Essas parcerias são feitas com vistas à cooperação entre às associações que atuam com temas sociais, tais como as penitenciárias e casa de tratamento de dependentes químicos.



Figura 10 – Produção de Pães na Padaria da APAC-PA.  
Fonte: Dados da pesquisa.

Os treinamentos que ocorrem na padaria e na confeitaria da APAC-PA são ministrados pelos próprios recuperandos que, com maior experiência na padaria, ensinam os mais jovens que demonstram vontade de aprender a profissão. O diretor de produção da APAC-PA informou sobre a mão-de-obra formada na padaria:

Uma rede de supermercados da cidade sempre contrata recuperandos que estão em regime aberto e que passaram pela nossa padaria ou ex-recuperandos que passaram também pelo nosso treinamento. Eles gostam muito da mão-de-obra que sai aqui da APAC. Nossos confeiteiros e padeiros aprendem a fazer todos os tipos de pães, bolos, confeitos e doces (sic).



Figura 11 – Produção de Pães na Padaria da APAC-PA.  
Fonte: Dados da pesquisa.

Retornei à ala do regime fechado para a última palestra do dia, efetuada pelo Padre Diego, com o tema “Reconciliação”. Após o jantar, toca uma música animada para evitar que os envolvidos na jornada cochilem na palestra. O padre atrasou, e, em seu lugar, um dos voluntários que trabalhou na jornada foi convidado a contar suas histórias de vida para os recuperandos. Nota-se que o voluntário foi escolhido com propriedade para o momento, pois demonstra ser uma pessoa irreverente e que conseguiu prender a atenção dos recuperandos com o discurso permeado por histórias de vida.

O padre chega e é recebido por palmas. Iniciou a fala se apresentando como pároco da paróquia São João Batista em Pouso Alegre e questiona: “O que é reconciliar? Em 3 momentos: Deus, conosco e com o outro [...] precisamos estar bem com Deus que nos criou à sua imagem e semelhança, porque Deus nos criou por amor [...] Deus ama apesar da fraqueza e dos erros.”

O padre destaca a importância da fé, da celebração da fé e da participação efetiva na igreja, seja ela qual for. Ele afirma que é importante celebrar a fé e ter contato com o que chama de “coisas de Deus”: a bíblia e Jesus Cristo. Encerra-se a palestra e se encaminha os recuperandos para a última reunião de grupo do dia.

A organização da jornada informa aos voluntários que cartas enviadas pelas famílias serão entregues aos recuperandos nesta reunião. Retornei para o mesmo grupo que fui da última vez, só para observar, não mais para mediar as discussões, entrego as cartas aos recuperandos e vejo suas reações. Um deles recebe cartazes da filha caçula e compartilha mostrando para os outros e se emociona, ao mencionar a saudade da filha. Saio da sala e deixo-os refletindo, lendo e conversando sobre as cartas. Após dez minutos, voltamos à sala de palestra para a oração da noite, a qual encerra as atividades da sexta-feira. Findo o dia de Jornada no alojamento do regime fechado, tomo banho e organizo minhas coisas para uma noite curta de descanso.

Ao despertar, no sábado às 5h30min da manhã, com o nascer do sol nas janelas do alojamento, nos encaminhamos para a ala do regime fechado. Trata-se do terceiro dia de Jornada de Libertação com Cristo que teve a seguinte programação:

SÁBADO - 23 de Agosto				
Horário	Mensagem / Atividade	Responsável	Local	Tempo
05:30	Alvorada	Sineteiro	Dormitórios	01:00
06:30	<i>Oferencimento do dia - Meditação "Onde está você?"</i>	<i>Diretor APAC PA</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>00:30</i>
07:00	Deslocamento para refeitório	Todos	Refeitório	00:05
07:05	Café	Copa / Cozinha	Refeitório	00:20
07:25	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
07:30	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15
07:45	<i>Palestra: "O verdadeiro sentido da liberdade humana"</i>	<i>Voluntário (FBAC)</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>01:15</i>
09:00	Deslocamento para grupos	Jornadeiros	Pátio	00:10
09:10	Grupos	Jornadeiros	Pátio	00:50
10:00	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
10:05	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15
10:20	<i>Palestra: "Alcoolismo, drogas e prisão"</i>	<i>Voluntário</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>01:00</i>
11:20	Deslocamento para grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
11:25	Grupos	Jornadeiros	Pátio	00:40
12:05	Deslocamento para o refeitório / Higiene	Todos		00:15
12:20	Almoço	Copa / Cozinha	Refeitório	00:30
12:50	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
12:55	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15
13:10	<i>Palestra: "Que influência exercem na Valorização Humana a sinceridade e a solidariedade?"</i>	<i>Voluntário (FBAC)</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>01:00</i>
14:10	Deslocamento para grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
14:15	Grupos	Jornadeiros	Pátio	00:50
15:05	Banho	Jornadeiros	Quartos	00:40
15:45	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:15
16:00	<i>Palestra: "O homem e a comunidade"</i>	<i>Voluntário (FBAC)</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>02:30</i>
18:30	Jantar	Copa / Cozinha	Refeitório	01:00
19:30	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
19:35	Grupos	Jornadeiros	Pátio	00:50
20:25	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
20:30	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:20
20:50	<i>Palestra: "A força do perdão" - Abraço da Paz</i>	<i>Padre</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>01:00</i>
21:50	Oração da noite / Silêncio	Todos	Sala de mensagens	

Figura 12 – Esquematização do 3º dia da Jornada de Libertação com Cristo.

Fonte: Dados da pesquisa.

No sábado, a organização da jornada se deu da seguinte maneira: “Onde está você?” com o diretor de desenvolvimento humano da APAC-PA, “O verdadeiro sentido da liberdade humana” feita por um ex-recuperando e membro da FBAC, “Que influência exercem na valorização humana a sinceridade e a solidariedade” por um ex-recuperando e membro da FBAC, “O homem e a comunidade” pelo voluntário e coordenador da FBAC e “A Força do Perdão” por outro padre vinculado e ativo nas atividades da APAC-PA. No sábado, houve também uma fala não prevista pela organização da Jornada que foi proferida pelo juiz da vara de execução penal da comarca de Pouso Alegre com a intenção de refletir acerca das vantagens da APAC sobre o sistema comum de presídios.

A primeira mensagem do dia tem a duração de trinta minutos com o tema: “Onde está você?”.

A atividade é realizada por um voluntário. Inicialmente, pede que todos rezem por uma APAC em Pedreiras, no Maranhão, a qual divide suas instalações com o presídio comum que foi alvo de uma rebelião na última noite<sup>32</sup>. No teor do recado, explica que, a partir de hoje, a linguagem da Jornada será dura, tendo em vista que existem pessoas que só entendem na dor. O palestrante deixa para cada recuperando um espelho pequeno e pede para que cada um deles olhe para si e reflita o que estão fazendo nas suas vidas.

Os recuperandos abaixam a cabeça e se mostram quietos. Inicia-se a reflexão com o palestrante falando que a vida de cada um foi diminuída pelo demônio e que a esperança se chama Deus. O palestrante conta a sua história de vida e encerra chamando a próxima palestra que se intitula: “Que influência exercem na valorização humana a sinceridade e a solidariedade”.

Ao tratar a questão da ressocialização nesse nível (demônios), vê-se um descarte significativo das construções que a lógica produzida pela sociedade industrial valoriza, bem como processos que configuram a tensão mercado *versus* Estado. Se o processo de ressocialização é tratado no âmbito da transcendência, entre o bem e o mal, a lógica constitutiva da modernidade centrada no homem e em direitos cai por terra. Ou seja: perdeu o sentido do próprio processo de ressocialização.

O palestrante e voluntário da FBAC, ao anunciar seu nome, Pierre, inicia a atividade: “Sou brincalhão, mas vim fazer vocês chorarem”. Conta que é ex-recuperando da APAC de

---

<sup>32</sup> Rebelião em presídio deixa um morto e seis feridos em Pedreiras, Maranhão. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/08/rebeliao-deixa-morto-e-feridos-em-pedreiras-ma.html>. Acesso em: setembro de 2014.

Itaúna (MG) e está ali por um erro de percurso de vida. Questiona aos recuperandos: “Quantas pessoas vocês influenciaram para o crime? Quem é você para julgar alguém? E os crimes ocultos? Não tenha orgulho! Tenha nojo do seu passado! A ingratidão não mede consequências!”. Os questionamentos são as entradas para a exposição da sua história de vida, alegando que quase foi morto pelo pai quando era criança e diz:

Meu pai tentou me fazer assassinar minha avó, passava fome [...] fui abusado sexualmente por quatro tios e era ameaçado [...] Eu desenhava meu pai morto na escola e era o melhor aluno da escola para ganhar um abraço da professora. Aos meus dez anos, minha tia tentou me vender para pedófilos.

O depoimento teve um forte impacto e os recuperandos se mostram vigilantes ao que o palestrante diz e ele emenda: “Questionei: por que nasci? Não consegui suicidar duas vezes...”. Ao ser preso, foi para o presídio comum e, posteriormente, teve transferência para a APAC. Na APAC, foi convocado para participar da Jornada de Libertação com Cristo. Naquele momento, achou desnecessário. Na Jornada, pela primeira vez, chorou pelo seu pai e disse: “A prisão foi castigo para você perdoar seu pai”, conforme dizia sua mãe. Pierre cuida da sua vó e da sua mãe, atualmente é voluntário da FBAC e viaja pelo Brasil em seu trabalho pelas APACs.

Encerra o relato comovido e todos são convocados para as reuniões de grupo. Contudo, o coordenador da FBAC orienta aos voluntários que prestem atenção nas reuniões e façam a mediação dos debates com cautela, pois alguns entrarão em conflito. Não percebi o conflito nas reuniões de grupos, mas a vontade em debater os assuntos era nítida nos recuperandos. Todos queriam falar e se mostravam reflexivos com as palavras que ouviram. Um deles, quando abordamos a função do Conselho de Sinceridade e Solidariedade da APAC, fez o seguinte comentário: “O problema do CSS é o ser humano e não o CSS... o que acontece com 2 ou 3 reflete no coletivo...”.

Questionei a um diretor da APAC qual o significado da fala do recuperando sobre a reflexão das ações do CSS no coletivo. Ele me disse que quando existem casos considerados por ele como “extremos” de fugas, há penalização para todos os recuperandos da unidade. Exemplificou

Raramente ocorrem fugas em nossa unidade. Mas na última que ocorreu, foi em um domingo. Quatro recuperandos quebraram um aparelho de musculação com o objetivo de retirar um pedaço para poder utilizá-lo como instrumento para remover a grade da janela da sala que utilizaram como ambiente para fuga. A partir desse ocorrido, todos os recuperandos da unidade perderam o direito de usufruir da sala de musculação e toda a área da quadra poliesportiva da unidade será fechada com grades.

No mais, todos os recuperandos que me abordavam para conversar entre os intervalos se mostravam felizes com a Jornada, tecendo elogios à boa comida servida, ao companheirismo e afeto demonstrado pelos palestrantes, à alegria das músicas e das pessoas envolvidas, mas a maioria dizia que o ritmo das palestras e da organização, em geral, era cansativo, o que chamaram de “chá de cadeira”.

Ao encerrarmos a reunião de grupos, fomos convidados a irmos à capela da APAC para rezarmos em frente ao santíssimo, na presença de leigos, um pastor evangélico e um frade franciscano. Na capela, todos rezam pela rebelião que estava acontecendo no Nordeste inclusive fazem orações pela saúde do Dr. Mário Ottoboni, fundador da APAC.

Após isso, todos se dirigem ao auditório para escutar a próxima palestra, “Alcoolismo, Drogas e Prisão”, que foi realizada por três palestrantes: Renato, Jemerson e Leonardo. Iniciava-se com uma reportagem televisiva sobre viciados em crack no estado de Minas Gerais. Todos os recuperandos estavam interessados na reportagem, possivelmente por se identificarem com as situações expostas.

Jemerson, um dos palestrantes, vai semanalmente à APAC de Pouso Alegre e já participou de três jornadas. Informa que começou a fazer uso de bebida alcoólica com 13 anos e teve várias chances de mudar de vida, mas não tinha a presença de Deus em sua vida, bem como a presença da sua família ou de boas amizades que poderiam influenciá-lo para a escola, o esporte ou outras atividades.

Os Alcoólicos Anônimos e o Cursilho de Cristandade salvaram a sua vida. Reconhece que o processo de recuperação o afastou de sua família; por outro lado, se a lei “Maria da Penha” já existisse, estaria preso, pelas agressividades que cometeu.

Ao encerrar, chama Leonardo, 22 anos, que passa a sua experiência como ex-recuperando da APAC de Itaúna (MG):

Aos três anos perdi meu pai, aos 12 fui para a rua e me envolvi com uns pózinhos, aprontava bozinhos e de maior, cometi assalto e fui para o presídio. Fiquei numa cela para 12 pessoas que tinham 32 jovens. Pensei em suicídio, tentei com um lençol e caí em cima de um irmãozinho que me mostrou a Bíblia. Com um ano, transferi para a APAC no regime fechado e na primeira visita da minha mãe, vi ela feliz. Lembrei da primeira jornada e achei que era falação e perda de tempo, mas no terceiro dia, me abri e refleti. Fiz a segunda jornada e fui para a APAC de Barracão no Paraná por 30 dias e Manhauçu. Ganhei a liberdade, fiquei um mês, procurei emprego e consegui no posto de gasolina. Na primeira pergunta da entrevista o cara perguntou se eu tive problemas com a justiça [...] eu abri o jogo e ganhei a vaga. Virei o melhor funcionário do posto e fui convidado para trabalhar na FBAC. Obrigado! (sic)

Ao finalizar chama o último palestrante, Renato, o qual inicia solicitando que os recuperandos fechem seus olhos e abaixem suas cabeças agradecendo a Deus. Todos atendem o palestrante, este fica em pé e, emocionado, faz agradecimento a Deus. Na apresentação, afirma ser dependente de álcool, cocaína e maconha e agradece por não ter conhecido a pedra. Em tom emotivo informa que:

Tive várias overdoses, mas Deus é maravilhoso. Não tenho vergonha de ser quem eu sou. Com onze anos, conheci o álcool, meus amigos eram alcoólatras. Com 15 anos a maconha e dela para a cocaína e um pulinho [...] em 83 tive vitória financeira com um bar [...] estudantes de Medicina era cocaína pura, FEPI tapa na pantera e EFEI cachaça pura. Tive droga de graça em 86, casei, entrei no exército e fui expulso. Meu casamento durou nove meses, quando minha filha nasceu, comemorei na zona. Em 91 bebia, cheirava e fumava. Pedia a droga de graça [...] fechei o bar e montamos supermercado, fui mudar de ramo. Fui para bocas e gastei dinheiro e em 94 chapado vi minha filha com 9 meses como um anjo pedindo ajuda e fumava dois maços de cigarro por dia. Agredi minha esposa que me trancou em casa para eu não usar droga, no outro dia não achei minha família, só um bilhete. Fui buscar minha família em São José dos Campos, minha filha me ignorou e minha esposa estava toda machucada. Voltei para Itajubá e foi só graça [...] fui para o AA. Em 93, atropeliei e matei uma criança correndo, filho de um amigo [...] correndo para ver a amante e fiz ela fazer um aborto porque não quis assumir [...] quer ser liberto? Entregue seu coração para Jesus. Só por hoje! (sic)

Ao dar uma pausa, pela emoção que tomou conta de Renato, promoveu a seguinte expressão dos recuperandos: nossa! Encerra a palestra, na qual se exibiu um vídeo que mostra mães chorando ao lado dos corpos dos filhos mortos pela ação de bandidos.

Houve pausa para a reunião de grupos em que encaminhei para acompanhar a discussão. Dessa vez, a maioria dos recuperandos abordou o uso de drogas. Um deles assumiu a sua dependência, brigava com o pai e a mãe. Ele afirmou que já utilizou armas de fogo em seus crimes e disse: “Ao dar um tiro, a gente se sente um Super-Homem. Eu não usei droga, só álcool e virava o diabo...”.

A expressão de se sentir um “super-herói” e “virar o diabo” remeteu a algumas características da sociedade hipermoderna definida por Lipovestsky (2004). Para o autor, essa sociedade nasce a partir da “[...] substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma “sociedade-moda” completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes” (LIPOVETSKY, 2004, p. 60).

Para Lipovestky (2004, p. 61), na hipermodernidade:

[...] nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer.



Nesse sentido, o crime dá a sensação de ser forte, viril e poderoso diante de determinadas situações, trazendo adrenalina e confere o sentido para a vida, de um modo geral.

O recuperando relatou de maneira superficial sua experiência de usuário de crack. Ouvi o depoimento de maneira atenta, mas não fiz nenhuma anotação, porque percebi que os recuperandos ficavam, em alguns momentos, mais interessados no que eu estava anotando do que na fala dos outros. Quando ele terminou de falar sobre sua história, pedi que todos se recolhessem para o almoço. Ao entrar no refeitório, reparei que as refeições ainda não estavam dispostas na mesa. Houve algum atraso na cozinha e, por isso, um dos recuperandos foi chamado para dar sua opinião sobre a jornada, enquanto as refeições são preparadas e chegam ao refeitório.

Terminei de almoçar e me dirigi à ala do regime semiaberto, com a intenção de ver a preparação, do prato principal do Jantar: o porco no rolete de cerca de 120 kg de peso. Tirei fotos da preparação do porco e o cozinheiro, recuperando, mostrou como é feita a preparação, desde a limpeza, o ato de temperar e a maneira de assar a carne para deixa-la, segundo ele, saborosa. Pediu uma lata de refrigerante, mas não pude atender ao pedido, pois estaria infringindo uma regra interna da unidade<sup>33</sup>.

Agradei pela generosidade dele e dirigi novamente a ala do regime fechado, onde seria realizada mais uma palestra, o tema era: “O Verdadeiro Sentido da Liberdade Humana”, proferida pelo ex-recuperando Michel. Ele inicia sua fala fazendo uma reflexão sobre o amor e a liberdade e diz:

O amor controla nossa liberdade [...] quantas humilhações não passamos atrás das grades? Eu troquei a liberdade pelas grades. Seus pais estão presos também. Para eles não é gostoso ter filho preso. A vitória ou fracasso é uma decisão de vida sua! Não somos protetores de bandidos, mas nos chamam. (sic)

Foca o papel da FBAC e das APACs, as quais são chamadas de entidades protetoras de bandidos. Retorna o foco de sua fala sobre o papel de Deus na recuperação: “Deus ama o pecador, mas odeia o pecado”. Mostra uma flor em um vaso e a compara com a APAC. Destrói a flor e fala que o preso faz isso com a APAC, quando utiliza de máscaras para falar com o próximo: “O preso usa a máscara para falar com o juiz, o forte, o fraco...”.

---

<sup>33</sup> Na APAC os recuperandos só podem adquirir doces, refrigerantes, produtos de higiene e outros insumos na loja da associação que é administrada pela diretoria da unidade e que tem um recuperando trabalhando no atendimento. A loja fica aberta nos finais de semana e em dias de visitas. Sua viabilidade se dá pela própria associação.



Encerra fazendo abordagem acerca de sua vida no crime, relata que foi preso por assalto à mão armada e traça sua trajetória no presídio comum de sofrimento. Afirma sobre a chance que teve de ir para a APAC, e embora de família católica, ele não acreditava em Deus.

Quando fui para a APAC achei a comida boa [...] ouvi falar sobre a Jornada com Cristo, mas não me interessei. Fui e escutei o Doutor Mário Ottoboni na jornada e pedi perdão para a minha mãe. Ela rezava todo dia em casa do lado da minha cama me esperando, e eu estava preso. Eu tenho a minha mãe como santa e não tenho dúvida que ela está em oração pela mãe de vocês. (sic)

Após o término da palestra, os recuperandos saem para a reunião de grupo e eu novamente acompanho mais um grupo. Na reunião, um dos recuperandos pede para falar: “Eu fiz meu irmão roubar para não morrer para o tráfico. Hoje ele está preso e eu me arrependo e me entristeço por isso”. Prossigo na mediação da reunião de grupo até o momento que liberamos todos para a pausa reservada do banho. Dirigi ao alojamento do regime aberto, onde estava hospedado. Estava cansado pelo ritmo desgastante da jornada. Tomei meu banho, deitei em um dos beliches e descansei.

Retornei na próxima palestra do voluntário Carlos, que se intitula: “O Homem e a comunidade”. Estava prestando atenção na fala, e percebi que um recuperando que trabalhava como voluntário na jornada entrega uma carta aos coordenadores. Trata-se de um documento enviado pelo juiz da comarca de Pouso Alegre, que informava oficialmente a remissão de pena de um dos recuperandos da Jornada que progrediu do regime fechado ao regime semiaberto.

A palestra seguia com muita descontração, e o palestrante pergunta: “Quem gostava do mé aqui?”.

Muitos se levantam e assumem que gostavam de tomar cachaça e batem palmas louvando a coragem de todos de contar e assumir o vício. Ele muda o tom de sua fala e começa a gritar e falar com austeridade. O ambiente fica pesado e os recuperandos, em grande maioria, mostram-se fechados e atentos.

Alguns de vocês não tiveram a sensibilidade tocada, pois se tornaram víboras do mundo do crime! Quem não valoriza é ingrato! Muitos pagam de traficantes, assassinos, estelionatários [...] ridículos! Nos últimos 4 meses recuperandos que reincidiram já estão presos [...] se isso chegar na mídia somos otários, a APAC não é para tirar da cadeia, é para mudar de vida! É hora de arrancar as máscaras! Vocês colocaram a condenação nas famílias de vocês, na mãe, nos filhos. Vi uma criança de 7 anos sendo revistada. Isso é coisa que se faz para um filho? (sic)

Durante a palestra, formula uma pergunta a um dos recuperandos o preço de alguns mantimentos básicos: “Pai de família não pode esquecer o preço do mantimento!”.

Mais uma vez muda o tom e fala em voz mais alta:

Onde estão seus irmãos de cela que você roubou, judiou, deu choque, bateu? Nosso Deus é de amor, mas é de justiça. Pode ser por isso que as coisas estejam embaçadas para você. Você não se arrependeu. Devíamos ter APAC só para traficantes porque são os que mais matam [...] famílias, vidas e o seu dinheiro é sujo de lágrimas de mães que esperam filhos nóias. (sic)

Assim encerrou sua contribuição na Jornada, a qual foi dividida em dois momentos: descontraído e com final reflexivo. Em seguida, houve uma pausa para conversa e para fumarem e retorno para a continuação da mesma palestra.

No retorno, conta o seu testemunho de vida e sua relação com o seu pai, que ele retrata como herói. Pede para que seja tocada a música “Pai”, do cantor Fábio Júnior. Pede ainda que os recuperandos pensem em seus pais. Ao término da música, o palestrante aborda a importância da mãe na família e conta sobre a sua relação com a sua mãe, que tem Alzheimer. Por fim, pede também para que seja tocada a música “Mãe”, da dupla Rick e Renner. Embora as técnicas utilizadas na Jornada sejam pautadas no livro de Ottoboni e Ferreira (2004), não há menção na obra para a utilização de músicas durante a Jornada. Desse modo, todas as músicas utilizadas pelos palestrantes, em especial durante essa palestra, foram escolhidas pelo próprio palestrante, de modo a contribuir para a reflexão realizada com os recuperandos<sup>34</sup>.

As composições estimulam a reflexão acerca do papel e da importância das figuras do Pai, da Mãe, do “Grande Amor” e de Jesus Cristo na vida do recuperando.

Observo que muitos recuperandos choram ao se lembrar de suas mães. Quando a música terminou, iniciou-se a próxima música “Hoje a Noite não tem luar”, na versão da banda Legião Urbana. E o palestrante pede para os recuperandos se recordarem dos seus primeiros amores. Mais uma música é colocada, a versão de “Nem um Dia”, de Djavan, em que pede para os recuperandos refletirem sobre seus erros e a vida.

A última música tocada foi: “Vento no Litoral”, da banda Legião Urbana. O palestrante solicitou para que todos pensassem sobre o tempo perdido na vida de cada um, quando entraram para o crime. Quando a música termina, todos levantam e iniciou o canto de “Ave Maria”. Durante a música, o palestrante segue falando:

Sua mãe morreu, imagine essa cena [...] e você está do lado do caixão. Todos te olham porque você matou sua mãe de tristeza. Você se aproxima mais

---

<sup>34</sup> Todas as letras das músicas utilizadas na Jornada de Libertação com Cristo encontram-se nos apêndices deste trabalho.

ainda do caixão e ouve a voz de sua mãe pedindo para você não pôr as mãos nas flores. (sic)

Percebo que muitos recuperandos choram, ficam de cabeça baixa e se emocionam com as falas do palestrante sobre a cena da mãe morta. Apagam-se as luzes e três frades franciscanos entram na sala de palestra, sendo dois com velas acesas nas mãos e um deles com o santíssimo sacrário representando o corpo de Jesus Cristo.

O palestrante solicita para que todos abram os olhos e que, independente da religião de cada um, fiquem, se quiserem, perto de Jesus. Cerca de metade dos recuperandos se levantam, vão para próximo do sacrário e se ajoelham. Escuto choros e soluços dos recuperandos ajoelhados. O palestrante fala o lema da jornada ao microfone: “Bem aventurados os que choram”, os recuperandos batem palmas e saem em procissão pela quadra da APAC, seguindo os franciscanos e o sacrário.

A quadra nesse momento está enfeitada com velas acesas que iluminam o caminho até a capela. O santíssimo sacrário foi guardado. Durante a procissão, dois recuperandos se abraçam muito e se mostram emocionados.

Entramos no refeitório, que estava arrumado, e, logo em seguida, acendem as luzes e um voluntário toca um violão e canta fazendo um som ambiente, com um repertório variado da música popular brasileira com a intenção de alegrar o ambiente da refeição onde foi servido o porco no rolete. O clima era de muita descontração, todos se mostravam felizes pela recepção calorosa do jantar, pela ótima comida que era servida e pelo carinho demonstrado pelos voluntários da jornada. Após o jantar, todos retornam para a sala de palestras, onde um voluntário com o microfone anuncia a progressão de pena para um dos recuperandos, por meio da leitura da carta do Juiz da Vara de Execuções Penais da Comarca de Pouso Alegre.

Naquele momento, foi realizado um ritual que consiste em reunir todos os recuperandos da unidade para orar, agradecer e cantar a música cristã “Bênção sobre Bênção” em gesto de agradecimento por mais um recuperando que está progredindo de regime e cumprindo sua pena.

Após o anúncio da remissão de pena e o ritual feito, começa-se mais uma palestra, chamada “A força do perdão”, realizada por um padre Italiano chamado Luigi. Aborda a importância do perdoar e do ser perdoado, utilizando um dos lemas marcantes para a APAC, de autoria de Mário Ottoboni, “Todo homem é maior que seu erro”. Ele solicita para os recuperandos meditem e imaginarem 3 inimigos, visualizando-os e se aproximando-os deles em pensamento. Pronuncia:

Veja seu complexo com ele: superioridade e inferioridade devem ir para o lixo para ter amizade verdadeira e humilde [...] visualize o seu inimigo em mim! Quero representar teu inimigo, se alguém quiser levantar e vir até mim e oferecer ou dar o perdão venha até mim e diga com respeito o que está engasgado [...] sem forçar a barra. Abrace pai, mãe, vítimas. (sic)

Deu a oportunidade de as pessoas irem até a frente da sala de palestra e pedirem perdão. Criou-se um clima de expectativa, já que, em pelo menos 3 minutos, ninguém se levantou. No silêncio, um recuperando se levanta. Vejo um jovem, negro, de cabelos cacheados e raspados ao redor, repleto de tatuagens nos braços, que vai até ao padre. Aproxima o microfone próximo de sua boca e anuncia: “Quero pedir perdão para o meu pai, dei 4 tiros nele. Meu pai bateu em mim e me acorrentou para eu não usar drogas. Gostaria de pedir perdão para ele.” Ao terminar de falar, abraça o padre e todos na sala batem palmas. Outro recuperando se levanta, abraça o padre e diz: “Eu tenho um ódio tão grande do meu pai, ele judiava muito da minha mãe e tentou matar eu e meus irmãos com veneno de rato”. O padre abraça o jovem e diz: “Me perdoa, meu filho!”.

O jovem abraça o padre e todos batem palmas. Outro recuperando jovem se levanta e vai de encontro ao padre para pedir perdão. Aparenta ter vinte anos, é magro e branco. Chega ao lado do padre e diz no microfone: “Deixamos uma mulher viúva e três crianças sem o pai. Peço perdão!”. Ele abraça o padre e todos batem palmas. Outro recuperando branco, alto, com o cabelo raspado, se levanta e vai de encontro ao padre e diz: “Peço perdão aos filhos que deixei órfãos de pai e mãe, as viúvas que arranquei o marido. Eu me perdoei e peço perdão a todas as pessoas que fiz mal”.

Ninguém mais se levanta, o padre encerra sua fala com uma dinâmica intitulada “Dinâmica do Abraço da Paz”. Os recuperandos abraçam os outros recuperandos em fila ao som da música “Jesus Cristo” de Roberto Carlos. Um deles me abraçou e eu retribuí o abraço. Questionei ao palestrante qual o significado da utilização da música “Jesus Cristo”. Ele disse que a letra é bonita e que é o exemplo máximo que os recuperandos devem seguir para suas vidas, como líder, mestre e senhor.

Encerra-se mais um dia de jornada com esta palestra. Dirigimos ao alojamento para tomamos café e fomos servidos com bolo de fubá produzido pelos recuperandos da padaria da unidade em Pouso Alegre. Retirei-me para o descanso.

Acordei para o último dia de jornada. Tomei um banho, vesti e me encaminhei para a ala do regime fechado. O dia amanheceu com um sol forte e fazia muito calor. A programação, diferente dos outros dias, é reduzida e se deu da seguinte maneira:

DOMINGO - 24 de Agosto				
Horário	Mensagem / Atividade	Responsável	Local	Tempo
05:30	Alvorada	Sineteiro	Dormitórios	01:00
06:30	<i>Oferecimento do dia - Meditação "O olhar de Cristo"</i>	<i>Pastor</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>00:30</i>
07:00	Deslocamento para refeitório	Todos	Refeitório	00:05
07:05	Café	Copa / Cozinha	Refeitório	00:30
07:35	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
07:40	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:10
07:50	<i>Palestra: "A perseverança e o futuro"</i>	<i>Ex Recuperando</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>01:20</i>
09:10	Deslocamento para grupos	Jornadeiros	Pátio	00:05
09:15	Grupos	Jornadeiros	Pátio	00:50
10:05	Deslocamento para sala	Todos	Sala de mensagens	00:05
10:10	Cantoria	Folclore	Sala de mensagens	00:10
10:20	<i>Testemunhos das Jornadeiros</i>	<i>Jornadeiros</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>00:40</i>
11:00	<i>Celebração Eucarística</i>	<i>Padre</i>	<i>Sala de mensagens</i>	<i>01:00</i>
12:00	Deslocamento para refeitório	Todos	Sala de mensagens	00:10
12:10	Almoço de encerramento	Copa / Cozinha	Refeitório	00:40
12:50	<i>Encontro com os familiares</i>	<i>Jornadeiros</i>	<i>Quartos / Pátio</i>	<i>00:40</i>

Figura 13 – Esquematização do 4º dia da Jornada de Libertação com Cristo.  
Fonte: Dados da pesquisa.

No domingo, a estruturação das palestras se deu da seguinte maneira: “Olhar de Cristo” proferido por pastor envolvido com o trabalho da unidade e “A Perseverança e o Futuro” feita por um ex-recuperando e membro da FBAC.

Ao entrar na sala de palestras, encontrei a fala já acontecendo. Lá estava o pastor Adilson meditando sobre o tema “O olhar de Cristo”. A fala foi breve e durou cerca de trinta minutos. Todos os recuperandos se mostraram atentos à fala sobre Jesus Cristo, seus milagres e sua história de vida. Ao encerrar, fomos até o refeitório tomar o café da manhã para a última palestra da jornada: “A Perseverança e o Futuro” feita por um ex recuperando da APAC de Itaúna chamado Marques.

Marques é um homem negro, alto, de meia idade e com um linguajar informal, vinculado à linguagem das ruas e repleto de gírias. Ele inicia da seguinte maneira:

Para muitos tudo que foi falado não adiantou, muitos são iguais a São Tomé! Tenho duas notícias: boa e ruim. A boa é que essa é a última palestra e a ruim é que a jornada começa a partir do 4º dia para o resto da sua vida. A partir de amanhã o diabo tentará resgatar vocês de novo. Antes da APAC: maconha, bolinha e picada. Assaltava farmácia, larguei o trampo por causa da droga. Tive várias cadeias, apanhei na cadeia, pau de arara e me cortei duas vezes. Meu pai era polícia. Depois de uma fita, fugi e perdi um amigo do crime [...] fiquei 1 ano e 2 meses no Carandiru no pavilhão nove da escola do crime. Com 23 anos, tive 13 assaltos. Fiz uma fita em São José dos Campos e rodei quando estava começando a APAC. Levei dois anos para aceitar a APAC, era assistência apenas, tentei fuga e não tive sucesso. Fiquei doente e depois da missa da APAC, serviam comida. Um voluntário foi para a cela forte levar comida e falaram pra ele que tinha um cara mal [...] tem um cara fodido aqui. No outro dia me levaram para o hospital, fiquei 3 dias e voltei para a APAC em cela normal. Pessoal da APAC mandou cesta de fruta para nós, comecei a meditar e me recuperar. Fui na missa e depois da missa pedi a palavra para o Doutor Mário e falei que me ajudaram sem me conhecer e ele falou que eu ia passar para o lado da APAC [...] eu defendi a APAC para os outros presos. (sic)

O modelo de socialização imposto pela sociedade moderna coloca em debate dimensões de rebeldia, especificamente de um conjunto de pessoas jovens, na sua essência. Não aceitar a ordem social implica transgredir, isolar ou usar de agressividade para tentar viver este modelo de sociedade. No caso, a partir do relato de Marques, o crime foi o caminho pelo qual considerou viver. O processo de recuperação para o palestrante veio da perspectiva religiosa.

Ele diz que participou da primeira jornada de libertação com Cristo do mundo entre os dias 2, 3 e 4 de março de 1975.

A partir de hoje, o Marques velho está enterrado. Vou ser cristão e tirar a cadeia. Viajei com o Doutor Mário para cadeias e dava testemunho nas escolas sobre drogas. Particpei de cursilhos e o juiz e o Doutor Mário autorizavam minhas saídas [...] conheci uma morena pernambucana e ela foi na APAC procurar o Marques e engravidei a moça [...] casei, o filho nasceu e convidei o juiz e o Doutor Mário para padrinhos. Tive outro filho e de 1972 a 1998 era só alegria. Comprei casa financiada pela Caixa, vários saíram da cadeia e me procuraram para o crime [choro] a perseverança não é mole! Recusei a fita. Sempre gostei de ser solidário, fui doar sangue e descobri a Hepatite C. No outro dia fui no posto se consultar, tinha cirrose e pedi para a esposa fazer exame, deu negativo. A médica me mandou para Campinas onde fiz todos os exames e fui para a fila de transplante. Minha mulher ficou mal, me abandonou. Eu me revoltei com Deus. Fui chamado para o transplante e com 2 dias pós cirurgia andei e fui para o quarto, saindo da UTI. Minha vida parece com a de Jó, saí do hospital e fui convidado para participar da Jornada em Itaúna, onde virei motorista da APAC. Estou lá há 11 anos. A esposa que me abandonou me pediu perdão. Reergui minha esposa, arrumei uma nova companheira e o filho dela me chama de pai. Quis mostrar que não é fácil a perseverança. O foda é falar não. Um dos meus filhos se chama Mário e o outro Franz de Castro. (sic)

O relato se encerra e um dos recuperandos se levanta e solicita a palavra. O palestrante concede a palavra e empresta o microfone. O recuperando comentou que acabou de receber a notícia de que um dos irmãos acabou de morrer pelo crime. Lamenta: “O crime não compensa. Perdi um irmão pelo crime [choro]”. Ele recebe o abraço de outros recuperandos que se levantam e todos rezam a oração do Pai Nosso. O recuperando questiona em voz alta: “Até quando vamos enterrar nossa família?”.

Encerra-se a última palestra e acompanho nove recuperandos na última reunião de grupo. Cada voluntário recebeu uma passagem bíblica encaminhada a cada recuperando ler e refletir. Notei que um deles se manteve quieto e cabisbaixo. Fui informado pelo grupo de que ele não sabia ler e, por essa razão, demonstrou estar sentindo vergonha. Li o trecho que lhe cabia e pedi para que fizesse sua reflexão. Todos se mostraram concentrados e um deles

perguntou: “Como você se sente preso aqui?”. Respondi que, embora eu tivesse uma sensação estranha de estar ali e de dormir dentro do alojamento do regime aberto, não estava preso porque não havia cometido nenhum crime, o que não possibilitava responder à pergunta com propriedade.

Encerramos a reunião de grupos e voltamos para a sala de palestras. Foi dado um momento para que os recuperandos se sentissem à vontade e na frente da sala testemunhassem experiências. A primeira foi a de um recuperando com aparência jovem, cabelos cacheados e de pele negra. Contou:

O Marques, eu achei um cara que fala mais que eu, você. Você tá de parabéns [...] é isso nos quatro dias da minha vida aí, eu passei por um cursilho também aqui, aprendi demais no cursilho e essa jornada aqui faz uma transformação, né? Cada dia que cê tá aqui na APAC, cada palestra, é tudo que você aprende aqui mano seja nos pequenos ou nos simples detalhes, nos gestos, você leva uma aprendizagem, com uma bolinha qualquer coisa. E quem não aprendeu com esse tanto de voluntário aqui mano, noventa e um voluntário [...] tudo homem e mulher de Deus que veio abrir o coração pra nós aqui, contar sua experiência de vida. Creio eu que se alguém não levou algo de bom pra sua vida, que ficará eternamente guardado no seu coração, pra mim esse cara não vale nada [...] eu mesmo foi uma experiência tremenda e vou falar pra você foi uma experiência tremenda, cada dia que tiver um encontro desse aqui [...] essa jornada foi uma bênção na minha vida. A passagem do filho pródigo o cara tava na lama lutando com os porcos, igual eu tava na rua, na lama, eu era um porco. Aquele filho pródigo teve a capacidade de reconhecer aquela situação que ele tava, eu mesmo não tive a capacidade de reconhecer quando eu tava lá fora, pedir perdão pro meu pai e pra minha mãe [...] então eu agradeço a Deus por essa jornada e a todos que ajudam e a APAC tá sendo uma reflexão pra mim, tá me mostrando a real [...] e essa jornada, com certeza, transformou a minha vida! (Palmas). (sic)

Outro recuperando, alto, negro, de aparência jovem se levanta, dispensa o uso do microfone e diz:

Eu tenho uma coisa pra falar, eu agradeço a todas as pessoas que me deu abraço verdadeiro [...] eu não suporto mais, a solidão gente é a coisa que mais dói na vida, é se sentir só e todas as pessoas que me deu abraço verdadeiro ontem [...] eu agradeço a Jesus Cristo por essa oportunidade e o maior companheiro que eu tive aqui gente foi Jesus e o segundo foi (aponta para outro recuperando) o Paulo que sempre ficou comigo (palmas). (sic)

Não registrei os outros recuperandos dando seu testemunho. Foram mais dois, sendo um que levantou e agradeceu a todos pela preparação da jornada; o outro que iniciou pedindo um minuto de silêncio por Franz de Castro<sup>35</sup>, bem como a todos que deram a vida por eles.

---

<sup>35</sup> Franz de Castro Holzwarth é considerado Mártir da APAC. Trabalhou com Mário Ottoboni e foi defensor dos direitos humanos no Brasil. Morreu em uma rebelião na cadeia pública de Jacareí (SP) após se tornar refém no lugar de um policial. Atualmente é considerado servo de Deus pela Igreja Católica Apostólica Romana. Fonte: <http://www.franzdecastro.com.br/>. Acesso em: setembro de 2014.

Contou que pegou quarenta anos de prisão e já pagou dezessete anos na droga. Em seguida, fez uma narração intitulada “Por que eu nasci?” Falando no microfone como se fosse um locutor de rodeios.

Encerrou-se este momento com palmas de todos e diversos agradecimentos à equipe de funcionários, voluntários e recuperandos envolvidos nos dias de jornada. Pediram duas salvas de palmas, sendo uma para Deus e a outra para os recuperandos do regime semiaberto, os quais trabalharam na realização do evento.

Iniciou-se a celebração de uma missa para o encerramento da jornada. Após, houve o almoço de encerramento; resalto que o último ato que participei, encerrando a jornada, foi a visita dos familiares aos recuperandos. Organizei, junto com os outros voluntários, todos os recuperandos na sala de palestra e demos uma rosa para que cada um presentearse seus familiares.

Colocamos os familiares em fila e um voluntário por vez levava um familiar ao encontro do seu recuperando. Percebi que as famílias estavam apreensivas e sem entender porque a visita tinha aquela programação, o que não era comum. Vi os recuperandos e os voluntários que participaram da jornada muito emocionados, chorando e cantando as músicas que eram tocadas pela banda em tom de alegria.

Ao término da fila de visitas, alguns recuperandos ficaram segurando a rosa que seria destinada à pessoa que veio lhe visitar. Mas, as visitas já tinham se encerrado. Percebi esses recuperandos tristes e decepcionados. Todos os voluntários foram convocados a abraçarem um a um os recuperandos que não receberam visita. Eu, como voluntário da jornada, abracei um a um e me emocionei com os encontros que presenciei entre familiares e recuperandos. Comovi com aquele momento e me dirigi ao alojamento do regime aberto. As visitas se encerraram e os recuperandos ficaram em um momento com seus familiares. Fui para a ala do regime aberto para recolher meus pertences no alojamento para ir embora e encerrar o trabalho como pesquisador e voluntário.

Após a experiência vivenciada e a sistematização dos dados, pude observar, conforme diz Foucault (2014, p. 208), que a disciplina é um tipo de poder. É através dela e das técnicas de ressocialização empregadas que se comportam todo um aparato tecnológico de transformação de indivíduos, na busca pelos corpos dóceis e pelo que o autor mesmo denominou de “indivíduos úteis” (FOUCAULT, 2014, p. 204).

Foucault (2014) aposta na disciplina como modeladora dos corpos dóceis. Para Foucault (2014, p. 315), “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do



corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas"”.

Em Foucault (2014, p. 146-166), há a citação de uma série de disciplinas, as quais também puderam ser notadas na APAC e durante a realização da Jornada. Essas técnicas que pude perceber são aplicadas como disciplinas de formação de “corpos dóceis” na busca da ressocialização dos indivíduos, ou no que a APAC chamou, muitas vezes, de conversão.

Entre essas técnicas, cito: palestras proferidas por voluntários de movimentos cristãos católicos e neopentecostais; palestra proferida por educadora; utilização de músicas com letras que remetem à valorização das figuras paterna, materna, da família e do companheiro (a) de relacionamento; controle rígido dos horários das atividades de trabalho e também das atividades realizadas durante a Jornada; presença de hierarquia, na qual os recuperandos respeitam a presença dos voluntários e funcionários envolvidos com a associação; formação de filas para os momentos de refeição, banho e encaminhamento ao dormitório também se fizeram presentes.

Foucault (2014, p. 144) citou a “repartição dos indivíduos por fila na ordem escolar” fato que também ocorre nas APACs nos momentos de refeição durante a Jornada e nos momentos de divisão dos grupos para discussão dos temas abordados nas palestras.

A questão do método APAC não é tema de fácil abordagem. Sobre ela, suscitam temas pertinentes, como a minimização do papel do Estado, ressocialização, parceria público-privada, dentre outros. Tais temas ganham a complexidade quando pensados a partir da realidade brasileira. Ganham ainda relevância ao se aproximar de significados, sentidos e significações que recuperandos, trabalhadores e voluntários da APAC-PA e o redentor do método de ressocialização conferem a esse processo.

## 2.1 Outras Respostas da Observação de Campo

Esta unidade é uma tentativa de extrair elementos da observação que permitam fazer uma leitura dos sentidos, dos significados e elementos simbólicos, mediados pela teoria e dados empíricos, que demonstrem os novos condicionamentos sociais e inscrições corporais, com base nas teorias de *Foucault*, *Bourdieu* e outros autores. Espera-se, neste esforço, responder ao compreender os procedimentos jurídico-políticos de valorização do método utilizado pela APAC-PA, atingindo as diferentes nuances de políticas públicas prisionais, esta de caráter privado, com a pretensão de formular argumentos que evidenciem os novos condicionamentos sociais contidos no processo de ressocialização promovido pela APAC.

Com a intenção de se chegar à resposta da pergunta que norteia esta discussão, este item propõe o relato de uma conversa com o fundador do método APAC, Mário Ottoboni. Busca-se extrair as opiniões do precursor do método e identificar qual percepção ele possui desta política pública.

Elaborou-se uma entrevista prévia para ser realizada e, após o término dela, diálogos informais ocorreram. Procurou-se não viciar os relatos do entrevistado, sendo assim, não direcionamos perguntas e não interferimos enquanto este esteve proferindo resposta. As transcrições permanecem idênticas aos relatos, sendo que as pretensões deste trabalho são qualitativas.

A entrevista foi agendada de maneira prévia, em setembro, e ocorreu no dia 09 de outubro de 2015, quando Mário Ottoboni recebeu o pesquisador em sua residência no município de São José dos Campos (SP). A abordagem foi realizada na residência do entrevistado, na busca de evitar espaços estranhos ao seu cotidiano.

Ao ser questionado sobre o papel da APAC, enquanto políticas públicas prisionais, responde que há uma inovação no tratamento do preso promovido pelo método. A inovação aparece porque o recuperando passa a ser o centro da atenção no processo de ressocialização. Ao recuperando, concentra-se a valorização do homem e o tratamento se traduz no mais digno possível. Inclusive, compete ao recuperando participar na organização e administração do sistema em que ele está cumprindo sua pena. Para Ottoboni,

Consigo enxergar como política pública e bem avançada! Bem avançada! Por que onde nós andamos é voz unânime que o grande trabalho inovatório é a APAC. Por que tivemos as fases da execução penal, dente por dente, olho por olho, a prisão pura e simples, a prisão com emenda. Nada disso funcionou, você veja que a prisão no Brasil é um caos que você pode imaginar de ruim. Prende e o cara fica pior e nós saímos disso porque estudamos a matéria e chegamos à conclusão de que tínhamos que inovar. Se

repetisse alguma coisa já estava comprometido, tem que ser coisa nova. Por isso que nós começamos sem polícia e você vê que é uma grande surpresa que o preso cuida mais da casa do que a polícia. Começa por aí, quando você envolve a valorização humana você é capaz [...] você pode olhar aqui, não fugiu ninguém pela porta. Alguma coisa estranha acontece, né? Então, se a segurança é feita por presos, você há de convir que o preso tem capacidade de gerir a coisa. Depois a valorização humana é o centro, né? Você chega e a algema não volta mais para seus braços se você não quiser. O delito fica lá fora, aqui entra o homem. Você começa já um processo de valorização humana. Criamos um conselho com presos para a responsabilidade de nos ajudar na administração, mostrar a casa, explicar a metodologia para os novos que chegam para entrosá-los logo de cara. (sic)

Em termos práticos, o método APAC se traduz em uma tecnologia judiciária de recuperação do preso, o que poderia, em igual proporção ser disponibilizado pelo Estado. Ocorre que o Estado brasileiro, hierarquicamente, coloca em oposição binária o bom e o ruim, o certo e o errado. Implica constituir um campo de marcações morais, cívicas, que o método APAC não privilegia. Contudo, o método APAC não deixa de ter um campo moral, religioso, que concentra todas as atividades associadas ao processo de ressocialização.

Enquanto tecnologia judiciária ou mera técnica de ressocialização, a APAC conduz as suas políticas prisionais na esfera privada, mas com todas as características inscritas no sistema legal da execução penal. Ou seja: apropria-se da racionalidade estabelecida pelo Estado laico, em termos de valorização do preso, organização colaborativa, conselho de presos e condição mínima de aprisionamento.

Para Ottoboni, a responsabilização do processo de ressocialização e o deslocamento do cumprimento da pena para o respeito da pessoa humana, implica, diretamente, dar ao preso o sentimento de que ele não é um mero lixo da sociedade e que faz parte de um sistema de que ele também é vítima. Ottoboni menciona uma conversa com o juiz e, satisfeito, narra a força do método:

Uma vez um juiz de direito que era duvidoso quanto ao trabalho me telefonou e disse que ia me mandar um cara com seis fugas registradas. É o desafio! Quero acreditar na APAC, mas tem um elemento de provação. Eu disse que podia mandar e três meses depois eu entreguei a chave do presídio pra ele (risos) fugitivo de seis vezes. Eu dei a chave para provar que ele não fugiu da prisão, fugiu dos maus tratos [...] Liguei para o juiz e disse para o doutor que o que fugiu seis vezes estava tomando conta da cadeia [...] Ele saiu e saiu recuperado! O problema é a valorização humana básica. O problema é que quando o preso recebe a sentença o sentimento dele é de ser o lixo da sociedade. Não tem mais valor nenhum! Já vem de uma estrutura complicada de família, de estudos e de repente ele vai encontrar o ambiente que o tratamento é igualitário. (sic)

O tratamento igualitário e o ato de confiar no recuperando, dando-lhe as chaves da prisão, se caracterizam como uma ação de fazê-lo examinar a consciência de pertença à sociedade. Em outros termos, o aprisionamento se transforma em um ambiente de confiança entre os atores sociais envolvidos com a ressocialização praticada no ambiente da APAC.

O mentor do método APAC tem clareza sobre a influência dos problemas sociais na condução das pessoas ao mundo do crime, em especial àquelas em condição de maior vulnerabilidade. Para ele:

90% dos casos e o Estado contribui com o resto, porque mantém o “statuo quo”. Veja você o abandono e a diferença social e vai embora por aí com estudos, possibilidades de você prosperar ficam reduzidas à quase nada. Eu tive preso que uma vez nos reunimos para avaliar a família e ele começou a chorar [...] e disse que com oito anos de idade a mãe o ensinou a roubar. Você vai esperar o que de um cara desse? É só bebida, anarquia, não tem paz. Ele me disse que não sabia o que era amizade [...]. (sic)

Mário Ottoboni, cristão, católico, temente a Deus, constrói seu método baseado nos valores do cristianismo. Contudo, reverbera que a construção do método não foi uma tarefa fácil, resultado de muitos anos de estudos e colaboração de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo psicólogos, psiquiatras, juristas, psicoterapeutas, administradores e da vivência com os presos. Ottoboni, ao argumentar salienta: “você sabe quantos anos demorei para estruturar a metodologia? 12 anos fazendo experiências, reunião de grupos, entrevistas. (sic)

Dentro dessa linha de raciocínio, o método APAC não foi uma construção pautada numa crença de que o mundo pode ser transformado a partir da fé em Cristo. Trata-se de um conjunto de técnicas, visivelmente psicológicas comportamentais, que estabelecem um campo de possibilidades de conscientização do preso, da prisão e da recuperação.

Durante a entrevista, várias curiosidades foram mencionadas pelo entrevistado. Suas experiências pelo mundo são significativas e interessantes. Ottoboni relata que:

Uma vez fui inaugurar uma APAC em Houstoun no Texas e falando para uma plateia de 250 candidatos, depois de uma hora e pouco na minha exposição, eu disse que não quero enganar ninguém, isso aqui não tem faça o que eu faço, não faça o que eu mando [...] aqui tem que ser autêntico e a verdade tem que predominar. Não venham para aparecer e vamos nos doar, o preso tem que sentir que somos amigos e companheiros, sem interesse. Nosso interesse é ajudar. É difícil, eu diria difícilimo, vamos descobrir o ser humano de outro lado do mundo [...] Eu fui surpreso porque a plateia levantou-se e me aplaudiu e eu fiquei confuso porque não disse nada de especial. Mas ouvi falar que o americano gosta da sinceridade e da verdade. E eu não falhei com a verdade, nessa idade que eu estou querer iludir os outros me iludindo? Ou é ou não é! Estou há 43 anos nessa luta! Nós chegamos a ter um aproveitamento de 90% enquanto com o Brasil trabalha

com 80% de reincidência. É brincadeira? E tem um detalhe, esses 10% é porque a justiça não dispõe de presídios apropriados para pessoas que tem problemas mentais, meio doidão e manda pra APAC. A APAC não cura louco né? Isso é função da medicina. (sic)

Faz 43 anos que vem tentando estruturar o método APAC no Brasil e em alguns países do mundo, o que lhe trouxe muito prazer e satisfação. Emocionado, relata a sua passagem pela Rússia no sentido de levar o método para outros países:

Muito emocionante [...] na Rússia temos uma APAC juvenil com a metodologia adaptada. Na Itália, em todos os cantos, na América do Sul vai ser de ponta a ponta. Não tem outra saída, ou você sai deste programa descentralizando o sistema prisional, cada comarca assumir o seu problema social, cada cidade abraçar o menor, o idoso, do infrator por aí vai. Não adianta você jogar no Estado que amontoa 3 mil caras numa prisão e você não consegue falar nem com o diretor. Juiz e promotor não vai lá porque tem medo.

As passagens pela Rússia e pelos Estados Unidos, além de emocionantes, mostraram que o sistema prisional no mundo não pauta a ressocialização do preso em valores estabelecidos pelos direitos humanos. Ottoboni constatou também que, em países como a Coreia do Sul, o tratamento do preso também não se pauta pela valorização da pessoa, o que implica pensar técnicas de ressocialização a partir da valorização do preso. Para ele, o método APAC é fundamental na conscientização do preso sobre o crime e aposta que:

Esse é o caminho e por isso está pegando no mundo todo! Há duas semanas nós recebemos uma delegação da Coreia do Sul. Está espalhando pra todo lugar porque não há solução. Buscam e não conseguem e a solução está na valorização humana. Trabalhe nesse sentido que o cidadão começará a se sentir gente de novo.

Na concepção de Ottoboni, a Jornada de Libertação com Cristo passa a ser, antes da valorização da pessoa do preso, o ponto alto da metodologia de ressocialização da APAC. Enquanto instrumento/técnica de ressocialização, a Jornada em Cristo tem a capacidade de sensibilizar o preso aos seus processos de inserção no mundo do crime. Para o idealizador da APAC, o ponto alto do método é:

[...] a Jornada. Não é recomendada no começo do preso na APAC. Depois que ele tem meses ou um ano e já tomou consciência da proposta, ele entra na última fase. Entendo que é o encontro forte com a verdade e você pode falar uma linguagem mais rude que ele vai entender que aquilo era necessário ouvir. Ponto alto porque você transporta o recuperando para uma realidade com testemunhos e tudo mais que é parte da vida dele. Tanto é que na Jornada você tem um impacto emocional. (sic)

Em outros termos, o processo de ressocialização da APAC constrói outras linguagens que condicionam a conscientização do preso a valores vinculados à culpa, ao sofrimento e à dor, ao outro e a si mesmo, a partir dos crimes que cometeram. Contudo, Ottoboni acredita que os conceitos religiosos têm a força para ajudar e contribuir na recuperação do recuperando. Inclusive porque o recuperando passa a ter a capacidade de refletir sobre os seus erros em sociedade, o que colocou em risco a vítima, a família, a ordem social e a si próprio. Em Cristo, a humanização pode ser percebida. Sobre esse aspecto, afirma Ottoboni que:

No sentido da descoberta de Deus sim, né? Agora precisa tomar cuidado para não haver desvios, né? Uma coisa é a religião, não tem que agredir as outras. O grande desafio é o sistema atual, porque há interesses escusos (risos). Você mexe com muita coisa crônica, a área fica inóspita, você sabe a resistência normal né? Esses caras vem botar essa disciplina aqui, mas tem que superar isso. Mas no fim até os interessados se convertem. Eu tive um delegado aqui, não posso dizer o nome por questão de ética, que chegou a comemorar o 35º homicídio dele. E era uma praga! Atrapalhava a gente e chegou a ser diretor, era um obstáculo. Um dia arrumei uma licença pra ele para pregar na APAC de Sergipe e aí eu arrumei pra ele trabalhar na equipe e ele se identificou com o trabalho. Gostou, converteu-se e hoje nos ajuda. (sic)

De certa forma, o método APAC trabalha processos de conversão. Conversão no sentido de que encontrar Cristo resulta em dar e receber, perdoar e ser perdoado, amar e ser amado, bem como estabelecer vínculos de amor e respeito ao próximo. Nesse ponto, o recuperando merece, dentro do método, confiança e respeito.

Mário Ottoboni afirma que o método aplicado pelas APACs é inovador. Se pensarmos da perspectiva religiosa, não há inovação. Agora, se pensado pelas práticas prisionais convencionais, é inovadora. Ao tratarmos o método APAC como uma inovação judiciária, impõe desconhecer o papel do Estado, enquanto distribuidor de direitos. Em outros termos, o sistema prisional burla o conjunto de regras de execução penal, ao tratar o preso longe do campo dos direitos humanos e de práticas humanizadoras.

De forma direta, pensar o método APAC requer reconhecer novos condicionamentos sociais. A partir de Foucault (2014, p. 224), vê-se que “[...] em pouco mais de um século [...] conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa, quando não inútil. Entretanto, não “vemos” o que pôr em seu lugar. Ela é detestável solução, de que não se pode abrir mão”.

Aproximando Foucault (2014) das falas de Ottoboni, não há diferença entre a prisão estatal e a privada, uma vez que as técnicas aplicadas podem ser diferentes das encontradas nas penitenciárias dirigidas pelo Estado. Contudo, o processo de aprisionamento tem as mesmas características: a privação de liberdade e os papéis de transformação de indivíduos

caracterizam a obviedade da prisão. Inclusive, pensar que a salvação está na transcendência, ou seja, em Cristo, coloca em cheque a racionalidade da sociedade moderna.

Como disse Foucault (2014, p. 231): “[...] não é, portanto um respeito exterior pela lei ou apenas o receio da punição que vai agir sobre o detento, mas o próprio trabalho de sua consciência”. Desse escopo, prisão, ressocialização, Estado, sociedade, políticas públicas e responsabilidades de associações privadas, vale a pena ressaltar que essa sociedade, além de caricaturar o preso e a prisão, forja outras formas de condicionamentos para o bom convívio das pessoas em sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração do estudo, buscou-se dialogar com determinadas questões teóricas. Esse percurso teve a expectativa de trazer a sustentação da ideia central do trabalho que se caracteriza como parte de nossas pretensões, qual seja: apontar a existência de políticas públicas no viés do terceiro setor como instrumento de desenvolvimento, por meio do panorama presente do sistema carcerário brasileiro e o papel da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados no processo de ressocialização.

Trata-se de novas perspectivas dentro das discussões sobre o desenvolvimento e seus deslocamentos aos temas do social e da sustentabilidade. Em outros termos, procurou-se evidenciar a problemática do funcionamento da política pública gerida pela iniciativa privada, levando-se em consideração as técnicas de observação mediante a participação na Jornada de Libertação com Cristo, um dos pilares do método APAC de ressocialização do aprisionado, lá denominado de recuperando.

Não está em discussão o tema da eficiência do privado sobre o público. Também não há uma ignorância da tensão que o tema, direta ou indiretamente, propõe entre as concepções do público e do privado. Não é essa a atenção da pesquisa, uma vez que se parte do princípio de que o tema da segurança pública é de natureza e ordem pública.

A aposta da pesquisa circunscreveu-se na tentativa de resposta ao significado atribuídos pelos atores sociais envolvidos ao método da APAC em seus processos de ressocialização. Por esses movimentos, as falas capturadas foram armadilhas carregadas de sentimentos, sofrimentos, dores, dramas, arrependimentos, verdades e mentiras.

O que era para o pesquisador uma crença na eficiência da gestão privada do sistema prisional brasileira, dentre as idas e vindas das visitas realizadas na unidade estudada em Pouso Alegre, passou a ser uma leitura atualizada de Foucault (2014), em termos da existência de novas formas de condicionamentos sociais na formatação dos corpos dóceis, mas intimamente inscritas na moral cristã e nas subjetivações vinculantes desta moral.

Ressalta-se que essa constatação adveio de três aspectos que chamaram a atenção: **a.** as relações entre a violência e o sistema carcerário, considerando o contexto e a realidade social atual; **b.** as dimensões entre desenvolvimento e políticas públicas prisionais; e, **c.** os procedimentos existentes no método de ressocialização da APAC.

Na seleção das pesquisas sobre o tema APAC e ressocialização, foram encontrados 21 estudos. As abordagens ganhavam diferentes aspectos, ora no formato de artigos científicos



(8), ora em dissertações de mestrado (6), em teses de doutorado (3) e ora em monografias de conclusão de curso (4). As áreas foram as mais variadas, ou seja, no campo jurídico, social, educacional, administrativo, político, antropológico, psicológico e musical. A literatura é nacional, mas existem trabalhos elaborados por pesquisadores internacionais, como, por exemplo, na Inglaterra, os quais foram utilizados.

Observou-se que diversas indagações presentes na pesquisa que se iniciava, na medida em que se avançava nas leituras e busca por outras produções, não tinham respostas. A nosso ver, havia lacunas que transcendem a pesquisa disciplinar, especificamente, sobre o tema da ressocialização. Portanto, a interdisciplinaridade, tarefa de difícil execução, ganhou força para a análise das vozes produzidas no interior da unidade da APAC-PA.

Na leitura do método de ressocialização, utilizado pela APAC, num total de 12 fundamentos ou instrumentos, optou-se por focar no último item, qual seja: *Jornada de libertação com Cristo*. A ida a campo foi libertadora, uma vez que se pode capturar todas as intencionalidades socioculturais, econômicas e políticas do processo.

Na condição de voluntário das atividades da Jornada de Libertação com Cristo é que acontecem as “revelações” presentes nas manifestações de recuperandos, as quais aparecem incrustadas nas posições sociais, morais, psicológicas, simbólicas, hierárquicas, culturais, identitárias que afetam a relação no seu todo, independente se o aprisionado tem ou não melhores condições prediais e de higiene. Trata-se de limpeza, higienização e de um determinado modo de tratamento ofertado aos presos. Trata-se de novos condicionamentos que estão sendo delimitados na libertação em Cristo. No contexto, a ressocialização está no campo da imaterialidade e da transcendência, o que abstrai qualquer possibilidade de respeito ao outro no campo dos direitos.

Aos olhos da Justiça do Estado de Minas Gerais, o método APAC é uma tecnologia das inovações judiciais em curso no Brasil, em que se desacredita no atual sistema prisional gerenciado pelo Estado, mas se aposta nas “eficiências” trazidas nas técnicas e estratégias de gestão privada. O judiciário, ao apostar no sistema APAC, fomenta um processo seletivo. Em outros termos, não é qualquer preso que tem condições de cumprir sua pena na Associação, pois só determinados tipos de presos tem a possibilidade de transferência do sistema público prisional comum para a unidade estudada.

Desses dois ingredientes é que a cúpula da Justiça acredita que o método APAC só pode dar certo. Dito de forma mais reflexiva, as ações da APAC ganham em pertinência moral e dentro da lógica cristã. Respaldação pelos dados e informações coletados, com base no registro dos argumentos de palestrantes, voluntários, juristas, ex-recuperandos e diretores de

APACs, o recuperando ganha consciência de sua culpa e a libertação em Cristo para renascer um novo homem, digno, para o convívio em sociedade.

Os dois capítulos, simultâneos e correlatos, teóricos e empíricos, elaborados na estrutura da dissertação, só fazem sentido com a intenção de compreender o fenômeno por vários ângulos para desvelar as estratégias de gestão privada de políticas públicas prisionais. A proposta fez uso de diversos campos do conhecimento para tentar responder aos objetivos elaborados. Desde as técnicas de gestão e administração, passando pelas observações de campo até a leitura das micro-relações de poder presentes no método APAC-PA.

Na busca pela apreensão dos fundamentos que estruturam o método de ressocialização aplicado pela APAC-PA, foram necessárias inúmeras inserções na unidade, leitura de documentos, conversas informais e sistematização-cruzamento de informações teóricas e empíricas. Para a Associação, o método de ressocialização ou o trabalho aplicado se traduz em importante, bem como uma aposta de melhorar a realidade encontrada nas penitenciárias geridas exclusivamente pelo Estado. Contudo, faz-se pertinente apontar que esse processo promove novos condicionamentos sociais, inscrevendo no corpo do detento, nas crenças da instituição, cuja intencionalidade promove outras formas de inserção no social, nitidamente travestidas de direitos, com forte ênfase na transcendência e na moral cristã (neo) pentecostal, a qual mistura elementos religiosos pautados com os direitos humanos e a Lei de Execução Penal vigente.

No esforço de síntese, sabe-se que a APAC legalmente é uma penitenciária formatada como prisão e faz o cerceamento da liberdade daqueles que cometeram crime, devidamente julgados no sistema judiciário, ou seja, dentro da estrutura pública normativa brasileira. Do ponto de vista estrutural, há preocupação com a organização do espaço, em que se mantém o lugar higienizado, limpo e o preso “participa” como mantenedor da limpeza da prisão. As demais técnicas de manutenção da ordem e as marcas do aprisionamento estão fortemente presentes, com outros códigos e valores atribuídos pela lógica dogmática cristã.

Na compreensão dos procedimentos jurídico-políticos de valorização do método utilizado pela APAC-PA, vê-se o caráter privado de suas práticas, ações e funcionamentos. Estão presentes a ausência da dimensão laica do Estado. O método APAC preserva o respeito à pessoa do preso, chamando-o pelo nome, oferecendo condições de habitabilidade do lugar, entre outros, mas rompe com a racionalidade das instrumentalidades legais, as quais devem trazer a máxima do “dar direitos a ter direitos”.

Questionáveis são os limites de atualização da APAC levando-se em consideração a relação entre Estado, Sociedade e Religião na condução de políticas públicas. O método

APAC extrapola as racionalidades das prisionais convencionais. Ligada ao catolicismo, ou melhor, ao cristianismo (neo) pentecostal, mobilizou pessoas do sistema judiciário adeptas às religiões cristãs, impulsionadas pelos trabalhos de ressocialização desenvolvidos nas chamadas pastorais ou evangelizações prisionais. Inicialmente, de forma voluntariosa, avançou dentro das tendências do terceiro setor e das iniciativas público-privadas.

Em outros termos, são novas práticas de políticas públicas relacionadas com as atuais tendências mundiais atreladas às concepções de desenvolvimento aplicáveis em sociedade alinhadas às orientações econômicas vigentes e hegemônicas, as quais possibilitam versões privatizantes do caráter público das políticas públicas e sociais. É o caso da APAC, uma associação de caráter privado, agente de responsabilidades públicas, ou seja, do Estado.

Entendeu-se, após a leitura das intencionalidades da APAC-PA, que faltava a identificação de como atores envolvidos no processo de ressocialização, agentes e presos, captavam no método em execução, bem como atribuíam sentidos, significâncias e significados aos procedimentos e processo de ressocialização promovido pela APAC, especialmente na Jornada de Libertação em Cristo.

Duas falas de palestrantes, utilizadas no segundo capítulo da dissertação, mencionadas abaixo, expressam a base do conteúdo presente na Jornada de Libertação em Cristo. Demonstrem, ainda, os condicionamentos no campo da moral para sensibilizar o preso e transformá-lo:

[...] na APAC partimos do princípio que não há presos perigosos. Existem pessoas que não foram suficientemente amadas [...]. Deus fez as mãos para praticar o bem e o homem pratica o mal, mudando a finalidade [...]. O que mais encontro nas prisões são presos infelizes.

Se não fosse o nosso amor e confiança ele estaria numa prisão podre pelo país! O Cristianismo é amor e não fanatismo. Fico triste quando visito a APAC e vejo fanático seja de qualquer religião.

O erro no processo de ressocialização, mediado por fundamentações centradas na religião, pode gerar fundamentalismo de ordem cristã. É um risco eminente nas APACs. Contudo, os atores envolvidos com o trabalho de ressocialização atribuem sentidos, significâncias e significados que indicam que o trabalho da APAC é dotado de elementos de cidadania e de humanização do recuperando, se comparados ao sistema prisional comum.

Essa caracterização merece contrapontos para escapar da ingenuidade na reflexão sobre o método da APAC. O primeiro é o de relativizar o reconhecimento do significado atribuído pelos atores sociais envolvidos com o método, uma vez que todos os recuperandos

selecionados pelo sistema judiciário ou pelos agentes da APAC têm os requisitos mínimos de adaptabilidade às intenções da ressocialização. O segundo transcende a cidadania. Não se busca a cidadania para a pessoa que violou algum tipo legal, mas sim de converter o autor de crime em cristão, pois só em Cristo se consegue a libertação, conseqüentemente o bom convívio social e em sociedade. O temor a Deus é que ressocializa. O terceiro é a que a dignidade da pessoa humana passa pela convicção e caridade cristã. Sem a aceitação das dualidades bem e mal, dar e receber, o que se faz aqui se paga aqui, se fazer o bem sem saber a quem. Enfim, por último, há um sistema de crença de incute no indivíduo a noção de culpa, fracasso, sofrimento, inferno e a infelicidade da família de muitos pelos atos à margem da ordem ou criminais que o recuperando cometeu.

Trata-se de um modelo panóptico que mantém docilizações de corpos e modelizações de mentes, adequando-os à sociedade (FOUCAULT, 2014). Em nenhum momento, há uma reflexão ou crítica à racionalidade do modo de produção ou a ordem social. A caixa de pandora, nesse modelo de ressocialização, não será aberta, muito menos colocada em xeque. Ao indivíduo, recai a salvação de seus pecados e de sua redenção.

Ressalta-se que este trabalho buscou responder à pergunta sobre o significado que os atores sociais envolvidos atribuem a Jornada de Libertação com Cristo, uma estratégia do método APAC de ressocialização. Nesse sentido, na sistematização dos dados, observou-se que a Jornada de Libertação com Cristo se traduz no ponto máximo do método APAC de ressocialização, em que se trabalha a ideia de conversão e, a partir da conversão, ocorre um apagamento da história de vida do indivíduo. Equivale dizer que esse apagamento faz renascer um novo homem, em que a máxima, traduzida na fala de um dos entrevistados, resume essas intencionalidades: “Aquilo que eu fui não existe mais”.

Dessa constatação, com o objetivo de apreender os fundamentos que estruturam a atividade Jornada de Libertação com Cristo, inscreve-se no processo de ressocialização pela APAC-PA, a tensão entre o papel do Estado e as atividades desenvolvidas pelo terceiro setor. Em outros termos, a transferência de responsabilidade do Estado ao terceiro setor não pode deixar de ser mediada por racionalidades ou instrumentalidades legais, que não permitam à pessoa do recuperando entender o seu processo histórico como transformações necessárias ao entendimento do seu papel social, dentro de uma determinada ordem.

No que se refere aos procedimentos jurídicos e aos significados atribuídos pelos atores sociais envolvidos com o processo de ressocialização desencadeados pela APAC-PA, há um distanciamento da normativa jurídica, embora a APAC respeite os ditames legais, e uma valorização dos dogmas religiosos que propõem o apagamento da história de vida do sujeito,

em prol de sua culpabilização. Dentro deste quadro, os envolvidos acreditam no método APAC como uma possibilidade efetiva de transformação do recuperando. Contudo, do ponto de vista instrumental e da racionalidade, há um distanciamento do sujeito de direitos.

Como sugestões para futuros trabalhos que abordem a temática das políticas públicas prisionais administradas, que façam: a.) comparações das atuações do terceiro setor e das unidades públicas, em nível de Brasil; b.) estudo das APACs e dos métodos de ressocialização sob a temática das tecnologias sociais; c.) como o sistema APAC ou similares têm (e de que forma têm) sido implantadas no mundo; d.) pesquisa sobre a possibilidade de presos se recuperarem no sistema APAC fora da lógica seletiva utilizada pela instituição, no sentido de estabelecer um perfil ideal de recuperando.

Recomenda-se investigação de todas as unidades das APACs voltadas para a ressocialização de recuperandos, na busca por semelhanças e diferenças entre os métodos aplicados nas APACs, as quais restringem sua atuação aos recuperandos do sexo masculino. Recomenda-se, também, uma comparação de gestão e de técnicas de ressocialização aplicados em uma unidade prisional feminina da APAC, as várias APAC's femininas e, ainda, entre o sistema prisional feminino gerenciado pelo Estado e aquelas gerenciadas pelas APACs Femininas.

De resto, cabe ressaltar que não foi tarefa tranquila entrar numa estrutura prisional para estudá-la, uma vez que havia muitas dificuldades para tanto. Resultam: o tempo de realização do mestrado é curto; uma proposta interdisciplinar é de difícil precisão; as metodologias qualitativas, somadas à busca pela interdisciplinaridade, têm um grau de instabilidade elevado. Equivale dizer que não se trata de entrevistas ou de aplicação de questionário; e os segredos do sistema prisional, por mais que se encontrem aberturas, está sempre fechado para revelar seus defeitos, deficiências e insanidades para manter a ordem institucional, principalmente quando a ordem está atrelada à eficiência e às metas.

## Referências

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**, 2002.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ANDRADE, Durval Ângelo. **APAC: A face humana da prisão**. 2. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2014.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante: Coleção Pesquisa Qualitativa**. Bookman, 2009.

APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. **Relatório Institucional**. Pouso Alegre. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. *In: Sociologia e Sociedade (Leituras de Introdução à Sociologia)*. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora. 1975, p. 200-214.

BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información**. México, D. E.: Santillana; United Nations for Human Settlements; Taurus, 2000.

BORON, Atílio A. *El Estado y Las “Reformas Del Estado Orientadas al Mercado”*. Los “desempeños” de la democracia em América Latina. *In: Nora RutKrawczyk; Luiz Eduardo Wanderley (Orgs.)*. **América Latina: estado e reformas numa perspectiva comparada**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 19–67.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In: A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p.693-713.

BURNSIDE, Jonathan *et al.* **Mybrother's keeper**. Routledge, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei de execução penal**. Organização dos textos, notas remissivas e índices por Juarez Oliveira. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1986 (Série legislação brasileira).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.079**. 30 de dezembro de 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen)**. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>. Acesso em: maio de 2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos Bresser; SPINK, Peter. **Reforma do Estado e administração pública gerencial**. São Paulo: FGV Editora, 1998.

CABRAL, Eloisa Helena de Souza. **Terceiro setor: gestão e controle social**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **Uma Abordagem Normativa Para a Gestão Social no Espaço Público**. In: PEREIRA, J. R. et. al. (Org.). *Gestão social e gestão pública*. Lavras: UFLA, 2011, p. 47-58.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e Terceiro Setor: possibilidades globais e escolhas locais**. In: PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson da Silva. (Org.). *ENCRUZILHADAS DA CULTURA: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2013, p. 145-170.

CABRAL, Sandro; DE AZEVEDO, Paulo Furquim. **Terceirização de prisões: notas de uma análise comparada**. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; FILHO, Milton Júlio de Carvalho. (Org.). *Prisões Numa Abordagem Multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 53-74.

CAPELLER, Wanda. **O Direito pelo avesso: análise do conceito de ressocialização**. In: *Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde*. São Paulo: 2(2):127-134, 1985.

CARBONE, Silvia Maria. **Justiceiros: agentes e vítimas da violência? Ponto-e-Vírgula Revista de Ciências Sociais**. n. 3, p. 170-187, 2008.

CANÇADO, Airton Cardoso; PEREIRA, José Roberto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Gestão social: epistemologia de um paradigma**. 2 ed. Curitiba: CRV. 2015.

CASTRO, O. G. **A ressocialização de detentos da prisão provisória de Curitiba estimulada pela arte-educação: Relato de experiência.** 2004. Monografia (Pós-graduação em fundamentos da música popular brasileira) – Pós-graduação da faculdade de artes do Paraná, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2004.

DA COSTA, Márcia Regina; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **A violência: natural ou sociocultural?.** São Paulo: Paulus, 2006.

DOS SANTOS VALE, Alessandra. **A Cultura Escolar em Prisões Distintas: Contrastes e Semelhanças entre a escola no presídio e a escola na APAC.** 2012. 242 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São João Del Rei. Departamento de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, São João Del Rei, 2012.

DOWBOR, Ladislau. "Gestão social e transformação da sociedade." **Razões e ficções do desenvolvimento.** São Paulo: Editora UNESP (2001): 197-221.

DROPA, Romualdo Flávio. **Direitos Humanos no Brasil: a exclusão dos detentos.** Jus Navigandi, Teresina, ano, v. 8, 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921, p. 426.

FILHO, Milton Júlio de Carvalho. **Do cárcere à rua: o percurso e o método.** In: PIMENTA, Carlos Alberto Máximo (Org.). Antropologia Urbana: Diálogos com Márcia Regina da Costa. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009, p. 379-401.

FONSECA, Renato. **Barril de pólvora nos presídios de Minas Gerais.** Hoje em dia. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/barril-de-polvora-nos-presidios-de-minas-gerais-1.318823>. Acesso em: maio de 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 42. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

FUZATTO, Antonio Carlos de Jesus. **Socialização no Sistema Prisional Convencional e Alternativo em Minas Gerais: Estudo com encarcerados.** 2008. 80 p. Mestrado em Educação e Sociedade. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presidente Antonio Carlos, Barbacena, 2008.



GUARESCHI, Neuza; COMUNELLO, Luciele Nardi; NARDINI, Milena; Júlio César Hoenisch (2004). **Problematizando as práticas psicológicas no modo de entender a violência**. In: *Violência, gênero e políticas públicas*. Orgs: Strey, Marlene N; Azambuja, Mariana P. Ruwer; Jaeger, Fernanda Pires. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2004.

HERIVEL, Tara. **Quem Lucra com as Prisões** – O negócio do grande encarceramento. São Paulo: Renavan, 2013.

HÖFLING, Eloísa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, p. 30-41, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 209p.

IBGE. **Ferramenta Cidades**. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=315250>>. Acesso em: março de 2014.

\_\_\_\_\_. **Ferramenta Cidades**. 2016. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354990&search=sao-paulo|sao-jose-dos-campos>. Acesso em: junho de 2016.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa mensal de emprego do IBGE**. 2015. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Mensal\\_de\\_Emprego/fasciculo\\_indicadores\\_ibge/2015/pme\\_201502pubCompleta.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2015/pme_201502pubCompleta.pdf). Acesso em: março de 2015.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012**. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilio\\_s\\_anual/2012/Sintes\\_Indicadores/sintese\\_pnad2012.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilio_s_anual/2012/Sintes_Indicadores/sintese_pnad2012.pdf). Acesso em: março de 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, v. 6, 2001.

MASSOLA, Gustavo Martineli. **A subcultura prisional e os limites da ação da APAC sobre as políticas penais públicas: um estudo na Cadeia Pública de Bragança Paulista**.

2005. 388 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito administrativo brasileiro**. 29. ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. De. Da violência e as questões disputadas: existe saída? **O público e o privado**, v. 15, p. 33-56, 2010.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAS GERAIS (Estado). Lei estadual nº 11.404, de 25 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre as normas de execução penal**. Diário Oficial [do] Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 26 jan. 1994. p. 01.

\_\_\_\_\_. Lei estadual nº 15.299, de 9 de agosto de 2004. **Dispõe sobre realização de convenio entre o Estado e as Apacs**. Diário Oficial [do] Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 10 ago. 2004. p.01.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Defesa Social. **Primeira penitenciária público-privada do país recebe detentos**. Disponível em: [https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2073&Itemid=71](https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2073&Itemid=71). Acesso em: outubro de 2014.

\_\_\_\_\_. Tribunal de Justiça. Ações e Programas. **APAC – Apresentação**. Minas Gerais. Disponível em: <http://www.tjmg.jus.br/portal/acoes-e-programas/programa-novosrumos/apac/>. Acesso em: outubro de 2013.

\_\_\_\_\_. Lei municipal nº 4262, de 1 de julho de 2004. Município de Pouso Alegre. **Declara a utilidade pública municipal a Associação de Proteção de Assistência aos Condenados–APAC**. Disponível em: <http://legislador.diretriznet.com.br/legisladorweb.asp?WCI=LeiTexto&ID=122&inEspecieLei=1&nrLei=4262&aaLei=2004&dsVerbete=>>. Acesso em: abril de 2013.

MIRANDA, Bernardo. **TJMG quer usar vagas de Apac para aliviar sistema prisional**. O Tempo. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/tjmg-quer-usar-vagas-de-apac-para-aliviar-sistema-prisional-1.1041046>. Acesso em: maio de 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* Pesquisa social: teoria, método e criatividade. *In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Candido Silva. **De Condenado a Recuperando: convergência entre LEP e método APAC**. 2008. 101 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Minas Gerais, Fundação Educacional de Divinópolis, Divinópolis, 2008.

OLIVEIRA, Luiza Andrade de Medeiros Moreira. (Org.). **Um Novo Olhar Além dos Muros: O Potencial da Gestão no Fortalecimento das APACs de Minas Gerais**. Fundação AVSI: Belo Horizonte, 2012.

OTTOBONI, Mário; FERREIRA, Valdeci Antonio. **Parceiros da ressurreição: jornada de libertação com Cristo e curso intensivo de conhecimento e aperfeiçoamento do Método APAC, especialmente para presos**. São Paulo: Paulinas, 2004.

OTTOBONI, Mário. **Ninguém é irrecuperável: APAC: a revolução do sistema penitenciário**. 2ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vamos matar o criminoso?** Método APAC. São Paulo: Paulinas, 1997.

PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri: Manole, 2011.

PIMENTA, C.A.M. Dimensões socioculturais urbanas da violência: contemporaneidade e relações sociais. *In: Revista Sociedade em Debate*, Pelotas, RS, nº 14, vol. 1, pp. 7-24, jan.jun./2008.

\_\_\_\_\_. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Vol. 10, nº 3. 2014.

PIMENTA, C.A.M; ALVES, C. P. (org.). **Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

PINHEIRO, Maurício Mota Saboya. **As Liberdades Humanas Como Bases do Desenvolvimento**: uma análise conceitual da abordagem das capacidades humanas de Amartya Sen. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1794.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1794.pdf). Acesso em: junho de 2016.

RAMOS, A. R. “ *EthnologyBrazilianStyle*”. **Universidade de Brasília: trabalhos em Ciências Sociais**, Série Antropologia, 89: 1-38, 1990.

RODRIGUES, Geisa de Assis. **Privatização de Prisões: Um debate necessário.** *In: Privatização das Prisões.* Org: JÚNIOR, João Marcelo de Araújo. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1995.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA MATOS, João da. **Reforma penitenciária, passado e presente.** Lisboa, Sousa Neves, 1885.

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos.** 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, v. 133, 2013.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, v. 8, n. 16, p. 2045, 2006.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Gestão social: metodologia e casos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Gestão social: uma perspectiva conceitual. **Revista de administração pública**, v. 32, n. 5, p. 7-23, 1998.

TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa; RESENDE, Grazielle Andrade. Democratização de políticas sociais no Brasil: venturas e desventuras das organizações da sociedade civil. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 177-192, 2014.

\_\_\_\_\_. Pensar pelo avesso o terceiro setor: mitos, dilemas e perspectivas da ação social organizada no Brasil. *In: M. Stengelet al. (Orgs.). Políticas públicas de apoio sociofamiliar: curso de capacitação de conselheiros municipais e tutelares.* Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2001. P. 85-124.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS. **Lista de Comarcas.** Disponível em: <<http://ftp.tjmg.jus.br/info/pdf/index.jsp?uri=/servicos/gj/guia/docs/comarcas.pdf>>. Acesso em: abril de 2014.

TRINDADE, Cláudia Moraes. **“A implantação do trabalho prisional na penitenciária da Bahia (1833-1865)”.** COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; FILHO, Milton Júlio de

Carvalho. (Org.) *Prisões Numa Abordagem Multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 15-30.

VIEIRA, Maria do Socorro de Souza. **Droga, Encantos e Desencantos: O desafio de viver no mundo espetacular**. In: PIMENTA, Carlos Alberto Máximo (Org.). *Antropologia Urbana: Diálogos com Márcia Regina da Costa*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009, p. 81-104.

WAISELFISZ, J. J. (2011). **Mapa da violência: Os novos padrões da violência homicida no Brasil**. São Paulo: OEI.

\_\_\_\_\_. (2013). **Mapa da violência: Mortes matadas por arma de fogo**. Brasília: OEI.

\_\_\_\_\_. (2014). **Mapa da violência: Homicídios e juventude no Brasil**. Atualização 15 a 29 anos. Brasília: OEI.

WANDERLEY, M.B. (Org.). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: Educ, 1997.

WANDERLEY, M. B. Prefácio. In: CABRAL, Eloisa Helena de Souza. **Terceiro setor: gestão e controle social**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

WEBER, Max. **A Política como vocação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, 110 p.

\_\_\_\_\_. **Ensaios de sociologia**, v. 5. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

## Literaturas Utilizadas

MALUF, Sahid. **Teoria Geral do Estado** (atualizador Miguel Alfredo Maluf e Neto), 30ª ed., São Paulo: Saraiva, 2010.

PAIVA, Alexandre. Mário Ottoboni ganha medalha de Mérito Municipal. **APAC em Revista**. p. 4-10. 2014.

RAMOS, Hosmany. **Pavilhão nove. Paixão e morte no Carandiru**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

VARELA, Dráuzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Carcereiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

## APÊNDICE A – Músicas utilizadas na Jornada de Libertação com Cristo

### **Pai – Fábio Júnior**

Pai

Pode ser que daqui a algum tempo  
Haja tempo pra gente ser mais  
Muito mais que dois grandes amigos  
Pai e filho talvez

Pai

Pode ser que daí você sinta  
Qualquer coisa entre esses vinte ou trinta  
Longos anos em busca de paz....

Pai

Pode crer  
Eu tô bem eu vou indo  
Tô tentando vivendo e pedindo  
Com loucura pra você renascer...

Pai

Eu não faço questão de ser tudo  
Só não quero e não vou ficar mudo  
Pra falar de amor pra você

Pai

Senta aqui que o jantar tá na mesa  
Fala um pouco tua voz tá tão presa  
Nos ensina esse jogo da vida  
Onde a vida só paga pra ver

Pai

Me perdoa essa insegurança  
É que eu não sou mais aquela criança  
Que um dia morrendo de medo  
Nos teus braços você fez segredo  
Nos teus passos você foi mais eu

Pai

Eu cresci e não houve outro jeito  
Quero só recostar no teu peito  
Pra pedir pra você ir lá em casa  
E brincar de vovô com meu filho  
No tapete da sala de estar

Pai

Você foi meu herói meu bandido  
Hoje é mais muito mais que um amigo

Nem você nem ninguém tá sozinho  
Você faz parte desse caminho  
Que hoje eu sigo em paz



### Mãe – Rick e Renner

Mãe, hoje eu descobri que eu cresci, é que de repente eu me vi tão sozinho na estrada  
 Mãe, hoje eu precisei de você, eu não sabia o que fazer, me vi de mãos atadas  
 Mãe, o que é que a gente faz, quando o sucesso não traz a paz que a gente procura  
 Mãe, hoje aqui sozinho eu rezei, aqui no meu cantinho eu chorei, e chorando fiz uma jura  
 Juro que a partir de hoje vou fazer meu tempo, vou ficar mais perto do teu sentimento  
 Vou ficar mais perto mãe do teu amor, juro não deixar jamais a minha ambição  
 Falar tão mais alto que meu coração, se minha riqueza mãe, é o teu amor  
 (refrão)

Mãe, me dá teu colo,  
 Mãe, mulher que adoro,  
 Mãe, se existo devo a ti meu respirar  
 Mãe, tão puro amor de mãe  
 Que as vezes não me vem palavras pra expressar  
 Mãe, pra ti conjugo o verbo amar ....mãe

Mãe, teu conselho me orienta, teu carinho me alimenta  
 Da paz, do amor, da esperança  
 Mãe, hoje eu sou um homem eu sei  
 Mas as vezes que eu chorei, não passei de uma criança  
 Mãe, o que é que a gente faz, quando o sucesso não traz a paz que a gente procura  
 Mãe, hoje aqui sozinho eu rezei, aqui no meu cantinho eu chorei, e chorando fiz uma jura  
 Juro que a partir de hoje vou fazer meu tempo, vou ficar mais perto do teu sentimento  
 Vou ficar mais perto mãe do teu amor, juro não deixar jamais a minha ambição  
 Falar tão mais alto que meu coração, se minha riqueza mãe é o teu amor  
 (refrão)

**Hoje A Noite Não Tem Luar – Legião Urbana**

Ela passou do meu lado  
"Oi amor" eu lhe falei  
"Você está tão sozinha"  
Ela então sorriu pra mim

Foi assim que a conheci  
Naquele dia junto ao mar  
As ondas vinham beijar a praia  
O sol brilhava de tanta emoção

Um rosto lindo como o verão  
E um beijo aconteceu  
Nos encontramos à noite  
Passeamos por aí

E num lugar escondido  
Outro beijo lhe pedi  
Lua de prata no céu  
O brilho das estrelas no chão

Tenho certeza que não sonhava  
A noite linda continuava  
E a voz tão doce que me falava  
"O mundo pertence a nós"

E hoje a noite não tem luar  
E eu estou sem ela  
Já não sei onde procurar  
Não sei onde ela está

Hoje a noite não tem luar  
E eu estou sem ela  
Já não sei onde procurar  
Não sei onde ela está

Hoje a noite não tem luar  
E eu estou sem ela  
Já não sei onde procurar

Onde está meu amor?

### Nem um dia – Djavan

Um dia frio  
 Um bom lugar pra ler um livro  
 E o pensamento lá em você  
 Eu sem você não vivo  
 Um dia triste  
 Toda fragilidade incide  
 E o pensamento lá em você  
 E tudo me divide

Um dia frio  
 Um bom lugar pra ler um livro  
 E o pensamento lá em você  
 Eu sem você não vivo  
 Um dia triste  
 Toda fragilidade incide  
 E o pensamento lá em você  
 E tudo me divide

Longe da felicidade e todas as suas luzes  
 Te desejo como ao ar  
 Mais que tudo  
 És manhã na natureza das flores

Mesmo por toda riqueza dos sheiks árabes  
 Não te esquecerei um dia  
 Nem um dia  
 Espero com a força do pensamento  
 Recriar a luz que me trará você

E tudo nascerá mais belo  
 O verde faz do azul com o amarelo  
 O elo com todas as cores  
 Pra enfeitar amores gris

E tudo nascerá mais belo  
 O verde faz do azul com o amarelo  
 O elo com todas as cores  
 Pra enfeitar amores gris

Um dia frio  
 Um bom lugar pra ler um livro  
 E o pensamento lá em você  
 Eu sem você não vivo  
 Um dia triste  
 Toda fragilidade incide  
 E o pensamento lá em você  
 E tudo me divide

Mesmo por toda riqueza dos sheiks árabes  
Não te esquecerei um dia  
Nem um dia  
Espero com a força do pensamento  
Recriar a luz que me trará você

E tudo nascerá mais belo  
O verde faz do azul com o amarelo  
O elo com todas as cores  
Pra enfeitar amores gris

E tudo nascerá mais belo  
O verde faz do azul com o amarelo  
O elo com todas as cores  
Pra enfeitar amores gris

**Vento no Litoral – Legião Urbana**

De tarde quero descansar,  
Chegar até a praia e ver  
Se o vento ainda está forte  
Vai ser bom subir nas pedras  
Sei que faço isso pra esquecer  
Eu deixo a onda me acertar  
E o vento vai levando tudo embora

Agora está tão longe ver,  
A linha do horizonte me distrai  
Dos nossos planos é que tenho mais saudade  
Quando olhávamos juntos na mesma direção

Aonde está você agora  
Além de aqui,  
Dentro de mim?

Agimos certo sem querer  
Foi só o tempo que errou  
Vai ser difícil eu sem você  
Porque você está comigo o tempo todo  
E quando eu vejo o mar  
Existe algo que diz  
Que a vida continua  
E se entregar  
É uma bobagem

Já que você não está aqui  
O que posso fazer é cuidar de mim  
Quero ser feliz ao menos  
Lembra que o plano era ficarmos bem?  
Yey, yey, yey, yey, yey

- Olha só o que eu achei:  
Cavalos-marinhos

Sei que faço isso pra esquecer  
Eu deixo a onda me acertar  
E o vento vai levando tudo embora.

**Ave Maria**

A...ve Mari...a mãe abençoada virgem imaculada És santa  
semente do amor Maria mãe de Deus És cheia de graça santo  
é o fruto do teu ventre Jesus Ave Maria Ave Maria Maria  
em conceber o amor em Cristo nosso Senhor Madre Generosa  
Rogai por nós pecadores mãe querida amém A...mém

A...ve Mari...a mãe abençoada virgem imaculada És santa  
semente do amor Maria mãe de Deus És cheia de graça santo  
é o fruto do teu ventre Jesus Ave Maria Ave Maria Maria  
em conceber o amor em Cristo nosso Senhor Madre Generosa  
Rogai por nós pecadores mãe querida amém A...mém

## Jesus Cristo – Roberto Carlos

Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
 Jesus Cristo, eu estou aqui  
 Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
 Jesus Cristo, eu estou aqui

Olho no céu e vejo  
 Uma nuvem branca  
 Que vai passando  
 Olho na terra e vejo  
 Uma multidão  
 Que vai caminhando

Como essa nuvem branca  
 Essa gente não sabe aonde vai  
 Quem poderá dizer o caminho certo  
 É você, meu Pai

Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
 Jesus Cristo, eu estou aqui  
 Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
 Jesus Cristo, eu estou aqui

Toda essa multidão  
 Tem no peito amor  
 E procura a paz  
 E apesar de tudo  
 A esperança não se desfaz

Olhando a flor que nasce  
 No chão daquele que tem amor  
 Olho no céu e sinto  
 Crescer a fé no meu Salvador

Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
 Jesus Cristo, eu estou aqui  
 Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
 Jesus Cristo, eu estou aqui

Em cada esquina vejo  
 O olhar perdido de um irmão  
 Em busca do mesmo bem  
 Nessa direção caminhando vem

É meu desejo ver  
 Aumentando sempre  
 Essa procissão  
 Para que todos cantem  
 Na mesma voz essa oração

Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
Jesus Cristo, eu estou aqui  
Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
Jesus Cristo, eu estou aqui

Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
Jesus Cristo, eu estou aqui  
Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
Jesus Cristo!  
Jesus Cristo, eu estou aqui

Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
Jesus Cristo, eu estou aqui  
Jesus Cristo! Jesus Cristo!  
Jesus Cristo, eu estou aqui



## **Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negreiro – O Rappa**

Tudo começou quando a gente conversava  
 naquela esquina ali  
 de frente àquela praça  
 veio os homens  
 e nos pararam  
 documento por favor  
 então a gente apresentou  
 mas eles não paravam  
 qual é negão? Qual é negão?  
 O que que tá pegando?  
 Qual é negão? Qual é negão?

É mole de ver  
 que em qualquer dura  
 o tempo passa mais lento pro negão  
 quem segurava com força a chibata  
 agora usa farda  
 engatilha a macaca  
 escolhe sempre o primeiro  
 negro pra passar na revista  
 pra passar na revista

todo camburão tem um pouco de navio negreiro  
 todo camburão tem um pouco de navio negreiro

é mole de ver  
 que para o negro  
 mesmo a AIDS possui hierarquia  
 na África a doença corre solta  
 e a imprensa mundial  
 dispensa poucas linhas  
 comparado, comparado  
 ao que faz com qualquer  
 comparado, comparado  
 figurinha do cinema  
 comparado, comparado  
 ao que faz com qualquer  
 figurinha do cinema  
 ou das colunas sociais

todo camburão tem um pouco de navio negreiro  
 todo camburão tem um pouco de navio negreiro

**Bênção sobre Bênção – Agnus dei**

Bênção sobre bênção é bênção sobre bênção  
vivendo cada dia no senhor

Bênção sobre bênção é bênção sobre bênção  
vivendo cada dia no senhor

Irmão você também  
é uma bênção para mim  
o que seria da minha vida  
sem você

Aperte a minha mão  
sinta o meu coração  
bater  
eu te amo por que vejo  
cristo em ti.

Bênção sobre bênção é bênção sobre bênção  
vivendo cada dia no senhor

Bênção sobre bênção é bênção sobre bênção  
vivendo cada dia no senhor.

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista com Mário Ottoboni

Qual a sua visão da APAC como política pública prisional?
Você acredita que os Problemas Sociais interferem na recuperação do “recuperando”?
Como foram as experiências das APACs inauguradas fora do Brasil?
Como o senhor enxerga o compartilhamento do Estado na gestão das políticas públicas prisionais?
Por que a Jornada de Libertação com Cristo é considerada por você o ponto alto da metodologia de ressocialização?
O senhor acredita que os conceitos religiosos, mesmo que possam ajudar o recuperando a refletir em seus erros, também o disciplinam?